

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

ESTELA SERAGLIO FURRER

**OS SENTIDOS DE PALAVRAS E EXPRESSÕES EM TEXTOS
PUBLICITÁRIOS DE CURSOS DE INGLÊS À LUZ DA TEORIA DOS
BLOCOS SEMÂNTICOS**

CÁCERES/MT
2022

ESTELA SERAGLIO FURRER

**OS SENTIDOS DE PALAVRAS E EXPRESSÕES EM TEXTOS
PUBLICITÁRIOS DE CURSOS DE INGLÊS À LUZ DA TEORIA DOS
BLOCOS SEMÂNTICOS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Neuza Benedita da Silva Zattar.

CÁCERES-MT

2022

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

FURRER, Estela Seraglio.

F983o Os Sentidos de Palavras e Expressões em Textos
Publicitários de Cursos de Inglês à Luz da Teoria dos Blocos
Semânticos / Estela Seraglio Furrer – Cáceres, 2023.
124 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) – Curso de
Pós-graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística,
Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres,
Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.
Orientador: Neuza Benedita da Silva Zattar

1. Teoria da Argumentação na Língua. 2. Teoria dos Blocos
Semânticos. 3. Descrição Semântico-Argumentativa. 4. Textos
Publicitários. I. Estela Seraglio Furrer. II. Os Sentidos de
Palavras e Expressões em Textos Publicitários de Cursos de
Inglês à Luz da Teoria dos Blocos Semânticos: .

CDU 808.1

ESTELA SERAGLIO FURRER

**OS SENTIDOS DE PALAVRAS E EXPRESSÕES EM TEXTOS
PUBLICITÁRIOS DE CURSOS DE INGLÊS À LUZ DA TEORIA DOS
BLOCOS SEMÂNTICOS**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Neuza Benedita da Silva Zattar
Orientadora – UNEMAT

Prof. Dr. Albano Dalla Pria
Avaliador Interno – UNEMAT

Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim
Avaliador Interno – UNEMAT

Prof. Dr. Luiz Francisco Dias
Avaliador Externo – UFMG

Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas –
Avaliador Externo – Universidade de Passo Fundo – RS

Prof. Dr. Wolber Sebastião Pereira
Suplente Interno – UNEMAT

Profa. Dra. Carolina de Paula Machado
Suplente Externo – UFSCar

APROVADA EM: 30/11/2022

Aos meus PAIS, Ernesto João Seraglio (*In Memoriam*) e Evanilze Faria Seraglio, exemplo de vida, me deram amor, inspiração e coragem para realizar os meus sonhos;
Ao meu amado ESPOSO Patrocínio, ao meu lado há 31 anos e a minha amada e doce FILHA, Maysa, meus incentivadores-mores, presentes de Deus, com palavras de fé e amor tornaram esta jornada mais serena;
A Ester, Jucineia, José Carlos e Vânia, meus IRMÃOS, amigos de sangue e caminhada, com quem sempre posso contar;
Aos meus SOBRINHOS do coração, pelos momentos singelos e descontraídos, Stephanny, Neto e João; Nadsley e Moisés e Livia; Karen e Carlos Cássio; Nayara, Richard e João e Emanuel (nosso pequenino sorridente); Amanda e Taís;
...MINHA FAMÍLIA,
meu tesouro, meu porto seguro...
DEDICO

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que desde o meu nascimento TEM ME FIRMADO. Te LOUVO e te AGRADEÇO, pela pessoa que me tornei. “Sim, felicidade e amor me acompanham todos os dias da minha vida.” (SALMO, 23, VERSÍCULO 6).

À QUERIDA PROFESSORA DOUTORA NEUZA ZATTAR, minha ORIENTADORA e AMIGA que, no decorrer do percurso foi PRESENÇA INIGUALÁVEL, acolhimento, alicerce e INSPIRAÇÃO. A sua paciência e palavras de incentivo como “Você é capaz, minha filha!”; “Não desista!... me ajudaram a superar muitos desafios que iam surgindo à minha frente, principalmente no período pandêmico e, sobretudo, em determinados momentos...que somente você, professora, sabe quão valioso foi saber que sempre poderia contar com a sua SÁBIA e SINGULAR MANEIRA DE ENSINAR, não apenas na produção da escrita desta tese, mas, acima de tudo, vencer esta etapa a qual me ousei a conquistar. Seus gestos singelos demonstravam confiança em mim! Uma profissional com grande domínio de conhecimento teórico, dedicada, responsável, de maneira simples, alegre, cativante e firme em suas palavras/orientações e escritos, trouxe muitas sugestões de leituras, ideias, conselhos amigos.

Com maestria conduziu os NOSSOS ENCONTROS de estudos/reflexões teóricas relevantes à pesquisa, tornando-os assim, mais PRAZEROSOS, enriquecedores e INSTIGANTES. Meus eternos agradecimentos pelo ACEITE em ser minha orientadora, por confiar em mim e ao meu lado ter me ensinado com MAESTRIA a ROMPER as barreiras, DESCORTINAR, atravessar as distâncias e chegar à CONSTRUÇÃO DO SENTIDO pelos liames da Semântica Enunciativa!

À UNEMAT, por ter me oferecido as condições necessárias para TRANSFORMAR a minha realidade PROFISSIONAL e ao PPGL-UNEMAT por cumprir o seu papel social na oferta da qualificação do meu doutoramento que, pelo profissionalismo de seus pesquisadores, tem alavancado a eterna UNEMAT ao/pelo CRONOS (*tempo*), pelas relevantes e peculiares pesquisas.

Aos queridos PROFESSORES da minha TURMA 2018 e, também àqueles os quais foram COLABORADORES fundamentais e VALIOSOS, profa. Dra. ANA LUIZA ARTIAGA – UNEMAT e à Banca interna, profa. Dra. SANDRA RAQUEL HAYASHIDA e externa, profa. Dra. MARIA CLECI VENTURINI, pelas sugestões/contribuições significativas no decorrer da escrita do texto fora de área.

Ao Professor Dr. TAISIR MAHMUDO KARIM, pela ACOLHIDA no grupo de pesquisa *significar – Mato Grosso*, através do ensino e da pesquisa, junto @os AMIG@S e COMPANHEIR@S deste grupo, pela VIVÊNCIA e COMPARTILHAMENTO na produção científica.

À Banca Avaliadora de Qualificação todo o meu RESPEITO pelo ACEITE: @Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães – UNEMAT, @Prof. Dr. Luiz Francisco Dias – UFMG, @Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas – Universidade de Passo Fundo SINTO-ME HONRADA em tê-los nesta etapa da minha vida acadêmica e externo a minha GRATIDÃO pela CUIDADOSA LEITURA e CONTRIBUIÇÕES para o meu CRESCIMENTO, enquanto pesquisadora no campo dos estudos da linguagem.

À Banca Avaliadora de Defesa de Tese externo também todo o meu RESPEITO pelo ACEITE: @Prof. Dr. Albano Dalla Pria – UNEMAT, @Prof.Dr. Taisir Mahmudo Karim – UNEMAT, @Prof.Dr. Luiz Francisco Dias – UFMG, @Prof.Dr. Ernani Cesar de Freitas – Universidade

de Passo Fundo – RS – SINTO-ME HONRADA em tê-los nesta fase da minha formação doutoral. GRATIDÃO pelas CONTRIBUIÇÕES VALIOSAS que subjazem da CUIDADOSA LEITURA de cada um, as quais considero CRUCIAIS para o meu crescimento, enquanto pesquisadora no campo dos estudos da linguagem.

@os Amig@s do CENTRO DE FORMAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO (CEFAPRO/ Cáceres-MT), na época de professora formadora, pela PARCERIA, colaboração e COMPREENSÃO, em especial, à Jucineia Seraglio (minha irmã e amiga), Luciane Miranda Faria (minha prima e amiga) e Gleice Alcântara (amiga) pelo CARINHO constante, pelos momentos de ESCUTA e pelas LEITURAS e DISCUSSÕES teóricas PRECIOSAS; à Soeli Aparecida Rossi e Carol Fialho, pelo INCENTIVO e pelas mensagens diárias de CARINHO e ORAÇÕES, à Adriana Capoano, Jociane Cintra, Roseli Lima, Claudinha Maquêa, Maria Clara Amaral pela GENEROSIDADE e CARINHO. Enfim a tod@s pelos momentos alegres, PALAVRAS OTIMISTAS, em muitas horas de trabalho LADO A LADO. Serão INESQUECÍVEIS!

À Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/MT pela Licença de Qualificação – Simples Dispensa, durante o período em que atuei no CEFAPRO– Processo nº243450/2019, em conformidade com a Nota Técnica 004/2020/SPDP/SAGE/SEDUC/MT.

Ao querido Professor Itamar Bressan, então Gestor do CEFAPRO, à época na função de formadora de Língua Inglesa, pela CORDIALIDADE, COMPREENSÃO, PARCERIA e AMIZADE.

@os profissionais da DIRETORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO – DRE – Cáceres – SEDUC-MT, pelos LAÇOS de AMIZADE sendo construídos neste novo ciclo de minha carreira profissional e, sobretudo, pela PARCERIA, SOLIDARIEDADE e RESPEITO; @os amig@s de trabalho lado a lado na Coordenadoria de Gestão Pedagógica – COPED – Nilcéia Saldanha Carneiro (Coordenadora), Roseli Ferreira Lima (Assessora Pedagógica), José Adriano (Professor Técnico, Evanildo Ricarte (Técnico), Mallory (Psicóloga), Priscilla (Assistente Social); Maria Clara Amaral (Coordenadora ALFABETIZA-MT) e Silvia Ricardo (Assessora da FVG), pelo CARINHO e PARCERIA; @os amig@s de longa data: Soeli Aparecida Rossi (Diretora), Leandro Almeida (Adjunto), Gleicinha (Coordenadora da COFOR), Luciane Faria (Coordenadora da COGER) e ‘Carol’ Fialho (professora formadora –) pela ESCUTA, APOIO e GENEROSIDADE.

À Gestão e tod@s os profissionais da ESCOLA ESTADUAL ONZE DE MARÇO, pelas INTERLOCUÇÕES, projetos e parcerias realizados no decorrer da minha atuação como professora da Área de Linguagens, especificamente, do componente curricular de Língua Inglesa e, também, na função de Coordenadora Pedagógica.

À querida Denise Takao Nakamoto e família pelo CARINHO, AMIZADE e APOIO em momentos em que busquei SOLIDARIEDADE.

À Profa. Dra. Fabíola Sartin, orientadora do mestrado, pelos momentos de discussões teóricas, parceria, aprendizado em Língua Inglesa, pelos risos e AMIZADE.

Aos MEUS AMIGOS DE ORAÇÃO, em especial, Ana, Neli, Sr. Silvestre, Maria, Sandra Raquel e Dejanira (minha tia “D”), que, nos momentos de desânimo, não me deixaram abater, mostrando-me que ter FÉ em DEUS é acreditar no possível, na VITÓRIA!

À Raquel e Mariluce minhas cunhadas pelo CARINHO e APOIO.

À Cidinha Cintra e Silvana Sônia Oliveira pela TORCIDA, CARINHO e AMIZADE de muitos anos.

A minha querida amiga ‘francesinha’ Hérika Renally pelos anos de amizade, pelo carinho e pela pronta disposição à escrita do *résumé* deste texto.

A Jane Camilo, Fátima Grazielle, Elizandra Szubris, Sueli Martins, Leila Castro, Solange Velozo e Renilce Miranda pela AMIZADE, APOIO e palavras de ENCORAJAMENTO.

A DOMINGUINHAS sempre querida AMIGA e COMPANHEIRA.

A Mary Valejo pelo CARINHO e AMIZADE.

À minha FAMÍLIA, eterna GRATIDÃO pela não-ausência em minha VIDA. Peço desculpas pela minha ausência em alguns momentos e reuniões em FAMÍLIA.

A concretização desta pesquisa só foi possível por esta rede de vozes que me apoiou e ressignificou a minha história acadêmica, profissional e pessoal!

GRATIDÃO!

“Lembrar-se de que um quadro, antes de ser um cavalo de batalha, uma mulher nua ou uma história qualquer, é essencialmente uma superfície plana, recoberta de cores dispostas em determinada ordem”, é, portanto, assim que Carel (2017) assume aplicar aos enunciados à frase de Maurice Denis, de tal modo a explicitar que “nossos discursos não são senão tramas de palavras “dispostas em determinada ordem”, e a significação das palavras é argumentativa no sentido de que é ela que determina essa construção”. (CAREL, 2017, p. 03).

RESUMO

Esta pesquisa inscreve-se na área de *Estudo de Processos Linguísticos* e na linha de pesquisa *Estudo dos Processos de Significação* do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da UNEMAT e se propõe a descrever e analisar a construção dos sentidos de palavras e expressões em textos publicitários de escolas de idiomas à luz da Teoria dos Blocos Semânticos, examinando como se dá a prefiguração argumentativa da relação *escola X e conhecimento da língua inglesa* associada às relações linguística e imagética. Esta pesquisa se fundamenta nos estudos de Ducrot (1987, 1996, 1988, 2002, 2009c), Carel e Ducrot (2005), Carel e Machado (2016), Carel e Gomes (2019), Carel (2001b, 2011, 2020, 2021a, 2021d), Barbisan (2002, 2013), Freitas (2006), Chaise e Freitas (2022), Freitas e Silva (2020), Gomes (2020 e 2021), dentre outros autores que concebem as relações intralinguísticas e tratam a língua como possibilidade argumentativa, produto do emprego da língua, a enunciação. Nessa linha, compreendemos que o sentido está no discurso – representação da enunciação que se dá fundamentalmente pelas relações intralinguísticas, ou seja, entrelaçamentos que ocorre pela combinação de palavras entre si e com outras em que subjaz o sentido da manifestação discursiva. Nesta pesquisa, adotamos os procedimentos metodológicos desenvolvidos por Prodanov e Freitas (2013) e que são tomados como descritivos, bibliográficos e documentais, de abordagem qualitativa, conforme os pontos de vista desses autores. Esta pesquisa surge do entrelaçamento da prática docente da pesquisadora que reconhece a relevância deste estudo, que coloca no espaço científico uma tímida contribuição para os estudos enunciativos pelo viés da Semântica Linguística, dada a necessidade de se pensar a linguística como uma lente importante de se entender o mundo pelo uso da língua, pela sua própria materialidade, como ferramenta independente para a construção do sentido do discurso, pelas relações intralinguísticas. Desse entrelaçamento é que emergiu a temática desta tese: o estudo semântico-argumentativo dos sentidos de palavras e expressões em textos publicitários de cursos de inglês à luz da Teoria dos Blocos Semânticos – (TBS). O *corpus* analítico da tese constitui-se de 04 textos publicitários de escolas de idiomas, disponibilizados na *internet*. Concebendo o texto, conforme Ducrot e Carel (2005) como um bloco semântico, cujo sentido é orientado por conectores do tipo *donc* (portanto), *pourtant* (no entanto), propomos sistematizar e aplicar os conceitos da TBS, valendo-nos da descrição semântica dos textos selecionados, de modo a dar conta do sentido do discurso. Concebemos que além de elementos verbais, as imagens também são possibilidades argumentativas parafraseáveis. Pelas análises dos textos publicitários selecionados, foi possível observar que nas propagandas ocorrem efeitos metafórico e parafrástico pela recorrência de significação de palavras e imagens, cujos sentidos produzem outros discursos, ecos, ou seja, pontos de vista do interlocutor, construídos por encadeamentos argumentativos que ora levam ao SUCESSO e ora ao FRACASSO o domínio da língua inglesa.

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua. Teoria dos Blocos Semânticos. Descrição semântico-argumentativa. Textos publicitários.

ABSTRACT

THE MEANINGS OF WORDS AND EXPRESSIONS IN ADVERTISERS TEXTS OF ENGLISH COURSES IN THE LIGHT OF THE THEORY OF SEMANTIC BLOCKS

This research is part of the area of Study of Linguistic Processes and the line of research Study of the Meaning Processes of the *Stricto Sensu* Graduate Program in Linguistics at UNEMAT, and proposes to describe and analyze the construction of the meanings of words and expressions in advertising texts of language schools in the lights of the Theory of Semantic Blocks, examining how the argumentative prefigurations of the relationship between school X and knowledge of the English language associated with linguistic relationship occurs and imagery. This research is based on studies by Ducrot (1987, 1996, 1988, 2002, 2009c), Carel and Ducrot (2005), Carel and Machado (2016), Carel and Gomes (2019), Carel (2001b, 2011, 2020, 2021a, 2021d), Barbisan (2002,2013), Freitas (2006), Chaise and Freitas (2022), Freitas and Silva (2020), Gomes (2020 and 2021), among other authors who conceive the intralinguistic relationships and deals with language as an argumentative possibility, as a product of the use of language, as an enunciation. At this point, we understand that the meaning is in the speech — representation of the utterance that is fundamentally given by intralinguistic relations, or, entanglements that occurs by combining words with each other and with others in which builds the meaning of discursive manifestation. In this research, we adopted the methodologic procedures which are taken as descriptive, bibliographic and documentary, with a qualitative approach, according to the points of view of these authors. This research arises from the intertwining of the researcher's teaching practice that recognizes the relevance of this study, which places in the scientific space a timid contribution to enunciative studies from the perspective of Linguistic Semantics, given the need to think of linguistics as an important lens for understanding the world by the use of language, by its own materiality, as an independent tool for the construction of the meaning of discourse, through intralinguistic relations. From this entanglement emerges the theme of this thesis: the semantic-argumentative study of the meanings of words and expressions in publicity texts of English courses in the light of Block Theory Semantics — (TBS). The analytical corpus of the thesis consists of 04 advertising texts from language schools, available on the internet. Conceiving the text, according to Ducrot and Carel (2005) as a semantic block, whose meaning is guided by *donc* connectors (therefore), *pourtant* (however), we propose to systematize and apply the concepts of TBS, using the semantic description of the selected texts, in order to account for the meaning of speech. We conceive that in addition to verbal elements, images are also paraphrasable argumentative possibilities. Through the analysis of selective advertising texts, we could observe that in the advertisements there are metaphorical and paraphrastic effects by the recurrence of meaning of words and images, whose meanings produce other discourses, echoes, that is, the interlocutor's points of view, constructed by chains of arguments that sometimes lead to SUCCESS and sometimes to FAILURE in the domain of the English language.

Keywords: Theory of Argumentation in Language. Theory of Semantic Blocks. Semantic-argumentative description. Advertising texts.

RÉSUMÉ

LES SIGNIFICATIONS DES MOTS ET D'EXPRESSIONS DANS LES TEXTES PUBLICITAIRES DES COURS D'ANGLAIS À LA LUMIÈRE DE LA THÉORIE DES BLOCS SÉMANTIQUES

Cette recherche s'inscrit dans l'Étude des processus linguistiques et dans la ligne de recherche Étude des processus de signification du Programme d'études supérieures Stricto Sensu en linguistique de l'UNEMAT, et propose de décrire et d'analyser la construction du sens des mots et des expressions dans les textes publicitaires des écoles de langues à la lumière de la théorie des blocs sémantiques, en examinant comment fonctionne la préfiguration argumentative de la relation école X et la connaissance de la langue anglaise associée aux relations linguistique et imagétique. Cette recherche est basée sur les études de Ducrot (1987, 1996, 1988, 2002, 2009c), Carel et Ducrot (2005), Carel et Machado (2016), Carel et Gomes (2019), Carel (2001b, 2011, 2020, 2021a, 2021d), Barbisan (2002, 2013), Freitas (2006), Chaise et Freitas (2022), Freitas et Silva (2020) Gomes (2020 e 2021), parmi d'autres auteurs qui conçoivent les relations intralinguistiques et approchent la langue comme une possibilité argumentative, produit de l'utilisation de la langue, l'énonciation. Dans cette ligne, nous comprenons que le sens est dans le discours – représentation de l'énonciation qui est fondamentalement donnée par les relations intralinguistiques, c'est-à-dire les entrelacements les entrelacements qu'arrivent par la combinaison des mots entre eux et avec d'autres dans laquelle le sens de la manifestation discursive est sous-tend. Dans cette recherche, nous avons adopté les procédures méthodologiques développées par Prodanov et Freitas (2013) et qui sont considérées comme descriptives, bibliographiques et documentaires, d'approche qualitative, selon les points de vue de ces auteurs. Cette recherche naît de l'imbrication de la pratique pédagogique de la chercheuse qui reconnaît la pertinence de cette étude, qui place dans l'espace scientifique une timide contribution aux études énonciatives par le biais de la sémantique linguistique, étant donné la nécessité de penser la linguistique comme une lentille importante pour comprendre le monde par l'utilisation du langage, par sa propre matérialité, comme un outil indépendant pour la construction du sens du discours, par les relations intralinguistiques. De cet entrelacement est né le thème de cette thèse: l'étude sémantique-argumentative des significations des mots et des expressions dans les textes publicitaires des cours d'anglais à la lumière de la théorie des blocs sémantiques (TBS). Le corpus analytique de la thèse se compose de 04 textes publicitaires d'écoles de langues, disponibles sur Internet. Concevant le texte, selon Ducrot et Carel (2005) comme un bloc sémantique, dont le sens est guidé par des connecteurs du type *donc*, *pourtant*, nous proposons systématiser et d'appliquer les concepts de TBS, en utilisant la description sémantique des textes sélectionnés, afin de rendre compte du sens du discours. Nous concevons qu'en plus des éléments verbaux, les images paraphrasent également des possibilités argumentatives. Par l'analyse des textes publicitaires sélectionnés, il a été possible d'observer que dans les publicités il y a des effets métaphoriques et paraphrastiques dus à la récurrence du sens des mots et des images, dont les significations produisent d'autres discours, des échos, c'est-à-dire des points de vue de l'interlocuteur, construits par des enchaînements argumentatifs qui mènent tantôt au SUCCÈS tantôt à l'ÉCHEC du domaine de la langue anglaise.

Mots-clés: Théorie de l'argumentation dans le langage. Théorie des blocs sémantiques. Description sémantique-argumentative. Textes publicitaires.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Propaganda da escola de idiomas FISK.....	69
Figura 02 – Propaganda da escola de idiomas FISK.....	70
Figura 03 – Propaganda da escola de idiomas WISE UP.....	71
Figura 04 – Propaganda da escola de idiomas WISE UP.....	72
Figura 05 – Propaganda da escola de idiomas CNA.....	73
Figura 06 – Propaganda da escola de idiomas CNA.....	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
------------------	----

CAPÍTULO I

DA RETÓRICA À ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: UM PERCURSO TEÓRICO.....	24
1.1 Retórica e Argumentação em Aristóteles.....	27
1.2 A Nova Retórica em Perelman.....	30
1.3 A Argumentação em Toulmin.....	32
1.4 A Argumentação em Plantin.....	35
1.5 A Argumentação em Ducrot e Anscombre: confluência/interlocução com Platão e Saussure.....	38
1.5.1 Alteridade, relação e valor: princípios e noções basilares na constituição da Semântica Linguística.....	38
1.6 Conceitos da Teoria da Argumentação na Língua: filosofia, estruturalismo linguístico e enunciação.....	42

CAPÍTULO II

OS FUNDAMENTOS DA TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS.....	50
2.1 O Conceito de Polifonia	50
2.2 A Teoria dos Blocos Semânticos –TBS: um <i>continuum</i> da Teoria da Argumentação na Língua – TAL.....	54
2.2.1 O Quadrado Argumentativo: fase Standard da TBS	57
2.3 Bloco Semântico: uma relação de interdependência semântica.....	58
2.4 A TBS - ATUAL: o conceito de <i>quase-bloco</i>	61

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	66
---	-----------

CAPÍTULO IV

OS SENTIDOS DE PALAVRAS E EXPRESSÕES EM TEXTOS PUBLICITÁRIOS DE CURSOS DE INGLÊS	75
---	-----------

4.1. Texto 01- FISK – QUEM DOMINA O CONHECIMENTO SE DÁ BEM.....	76
4.2. Texto 02 - FISK – DÊ UM PLAY NA SUA VIDA.  FAÇA FISK.....	86
4.3. Texto 03 - WISE UP – FERNANDA LIMA É A VOZ DA CONSCIÊNCIA DE QUEM NÃO SABE FALAR INGLÊS.....	94
4.4. Texto 04 - WISE UP– CORAGEM É DECISÃO	101
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 110
 REFERÊNCIAS	 118

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa inscreve-se na área de *Estudo de Processos Linguísticos* e na linha de pesquisa *Estudo de Processos de Significação* do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da UNEMAT e toma como referencial teórico a fase atual da Teoria da Argumentação na Língua (TAL)¹, a Teoria dos Blocos Semânticos formulada por Marion Carel em 1992 e, atualmente, desenvolvida com Oswald Ducrot e colaboradores.

Partimos da concepção de que a língua é argumentativa, ou seja, a argumentação se inscreve na língua, é de ordem intralinguística, independente de outros elementos externos a sua ordem interna. Isto nos motivou a escolher como tema desta tese o estudo semântico-argumentativo dos sentidos de palavras e expressões em textos publicitários de escolas de língua inglesa à luz da TBS, por considerar que os sentidos de palavras e expressões não se constituem isoladamente, mas pelas relações entre si. Desse modo, este estudo propõe a descrição e análise da relação argumentativa *escola X – conhecimento da língua inglesa – obtenção do sucesso* nos textos publicitários selecionados.

Uma outra motivação é parte de algumas inquietudes e reflexões que surgem no percurso da minha prática profissional como professora de língua inglesa, na Educação Básica da rede pública do Estado de Mato Grosso. Incluo também a minha prática no espaço acadêmico – na Universidade do Estado de Mato Grosso e no Centro de Formação Continuada – neste último, designada para o Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica-CEFAPRO/CÁCERES-MT,² no período de 2018 – 2020. Como professora formadora, deparei-me com situações/reflexões/(des)contentamentos que me incomodavam no que diz respeito à linguagem, mais especificamente sobre estratégias para desenvolver a habilidade de leitura, quando nos vemos chamados à interpretação do sentido do texto nos mais variados meios de interação social e de comunicação.

Hoje, lotada na Diretoria Regional de Educação de Cáceres Mato Grosso – DRE-MT – Órgão sob a Gestão da Secretaria de Estado de Educação – SEDUC-MT, na função de professora técnica da Coordenadoria de Gestão Pedagógica – COPED-DRE/Cáceres, atuo em vários espaços e modalidades de ensino, mantendo o meu interesse singular pelos estudos da

¹ Em francês: *Théorie de l'Argumentation Dans la Langue* (ADL).

² Atualmente, Diretoria Regional de Educação – DRE- Cáceres/MT, sendo um dos 15 polos da Secretaria de Estado de Mato Grosso – SEDUC-MT. A DRE – polo Cáceres atende 43 escolas públicas sob a orientação do Órgão Central – SEDUC-Cuiabá –MT. Ver mais detalhes: <http://www3.seduc.mt.gov.br/apresentacao1>. Acesso em: nov.2022.

linguagem, enquanto possibilidade de somar aos demais estudiosos da língua, os quais pensam explicar o texto pelo viés das relações argumentativas intralinguísticas.

Em meio a tantas outras motivações e inquietações me senti provocada a pesquisar uma dimensão do estudo da língua pelo viés semântico-argumentativo, tomando a língua como materialidade significativa. Nesta perspectiva, compreendemos que, diariamente, usamos na condição seja de produtor-leitor-interlocutor nas mais diferentes práticas de linguagens, no universo linguístico contemporâneo, em que diversos gêneros discursivos multimodais nos têm sido apresentados.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, durante o empreendimento da análise não seguimos um procedimento padrão, pois cada escrita emergiu de uma análise singular a partir de cada texto/discurso, isto é, da observação de cada dado na e pela articulação teórico-metodológica como um *continuum* para outras pesquisas e contribuições no cenário dos estudos da linguagem que tratam a língua pelo viés argumentativo-enunciativo, especificamente na TBS.

É no entrelaçamento da prática docente e de pesquisadora que reconheço a relevância do desenvolvimento deste estudo, colocando no espaço científico uma tímida contribuição para os estudos enunciativos pelo viés da Semântica Linguística, dada a necessidade de se pensar a linguística como uma lente importante, de se entender o mundo pelo uso da língua, pela sua própria materialidade como ferramenta independente para a construção do sentido do texto, pelas relações intralinguísticas. Desse entrelaçamento também emergiu a temática desta tese: os sentidos de palavras e expressões em textos publicitários de cursos de inglês à luz da Teoria dos Blocos Semânticos – (TBS).

O aspecto social e profissional desta pesquisa reside no fato de ampliar discussões a respeito do desafio de interpretar a diversidade de textos a que somos expostos em nosso cotidiano, de maneira a contribuir com o desenvolvimento da compreensão leitora do falante/usuário da língua, a partir da descrição e análise semântica do funcionamento discursivo argumentativo.

A escolha da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), iniciada por Marion Carel, em 1992 e, atualmente, desenvolvida em conjunto com Ducrot e colaboradores, se dá pelo horizonte que essa disciplina aponta ao proporcionar estudos sobre a descrição de sentidos das entidades linguísticas (palavras e expressões) em diferentes textos, visto que para essa teoria é na linguagem que ocorrem as relações argumentativas.

O modelo teórico adotado se assenta no estruturalismo linguístico de Saussure, considerando que a argumentação está inscrita na língua, nas frases mesmas, e desse modo se

propõe a descrever o sentido das entidades da língua (palavras e expressões), a partir de encadeamentos argumentativos evocados pelas próprias entidades, sem relação com o que é exterior à língua, pois, “[...] falar consiste em entrelaçar argumentativa mente palavras, colocando-as em relação, colocando-as em relação gradual, em relação de oposição, em relação de abstração”. (CAREL; GOMES, 2019, p. 215-216).

Fundamentamos nosso estudo em Ducrot (1987, 1996, 1988, 1989, 2002, 2009c), Carel e Ducrot (2005), Carel e Machado (2016), Carel e Gomes (2019), Carel (2001a, 2001b, 2011, 2020, 2021a, 2021b, 2021c, 2021d), Barbisan (2002, 2013), Freitas (2006), Chaise e Freitas (2022), Freitas e Silva (2020), Gomes (2020, 2021), Guimarães (2015) e em outros autores que concebem as relações intralinguísticas e tratam a língua como entidade argumentativa, o uso do emprego da língua, a enunciação.

A Teoria dos Blocos Semânticos desenvolvida por Marion Carel e Ducrot (1992) mantém o mesmo princípio da Teoria da Argumentação na Língua – TAL, de que a argumentação está inscrita na língua, na relação das palavras umas com as outras. Mantém, assim, a noção de que a língua pelo seu sistema apresenta pelo léxico o eixo paradigmático como possibilidades de escolhas que podem ser colocadas em prática na descrição semântica pelo falante, em certas situações discursivas – eixo sintagmático, do qual a Semântica Argumentativa se ocupa. Com base na noção do valor saussuriano, Ducrot se apropria do último eixo, considerando as relações semânticas como orientações argumentativas.

A Semântica Argumentativa estuda o sentido construído pelo linguístico e concebe que a interpretação de um texto deve-se valer da análise da organização sistêmica da materialidade linguística que se constitui de encadeamentos argumentativos que formam blocos semânticos, produto da interdependência semântica entre argumento e conclusão. Em outras palavras, o sentido da conclusão é determinado pelo sentido do argumento que são discursos interdependentes e, desse modo, ambos, argumento e conclusão, formam os chamados *blocos semânticos*.

Carel e Ducrot (2005) concebem que o sentido de uma palavra ou expressão não se constitui de fatos ou coisas na referência com o mundo ou com ideias, crenças e pensamentos, mas pelas relações semânticas em que uma entidade evoca determinados encadeamentos argumentativos.

Ducrot (2002) ressalta que para Carel as palavras e expressões são entidades linguísticas que, pelas combinações que estabelecem entre si e com outras entidades, são responsáveis por evocar conjuntos de discursos definidos como encadeamentos argumentativos que orientam continuações discursivas. Desse modo, os discursos são considerados os únicos

doadores de sentido. No entanto, há que se respeitar critérios semânticos para a delimitação de quais discursos são os doadores de sentido. Ducrot (2002) explica que para a Teoria dos Blocos Semânticos os encadeamentos argumentativos são os únicos doadores de sentido, ligados, argumentativamente, por conectores responsáveis pela construção de sentidos, resultante da relação entre *blocos semânticos*.

De acordo com Carel (2019), a argumentação deixa de ser vista como uma questão de conclusão como até então defendia Ducrot e Anscombe e passa a ser concebida como uma combinação de palavras, supostamente de ordem argumentativa, enquanto possibilidades de o interlocutor aceitar ou opor-se a algo sobre a visão do discurso produzido por um determinado locutor. Assim, de igual modo à TAL, a argumentação a partir da TBS não está associada à relação alguma de carácter persuasivo e de veracidade dos fatos do mundo. A argumentação é vista como a arte de falar, de ordem intralinguística, isto é, arte combinatória de palavras e expressões, em que o estado da arte consiste em argumentar e provocar uma resposta do interlocutor como direção contínua discursiva de se evocar outras vozes. (CAREL; GOMES, 2019).

Com base em Carel e Ducrot (2005), compreendemos que argumentar consiste em evocar encadeamentos argumentativos ligados por um conector em francês do tipo *donc* (DC e/DONC) e *pourtant* (PT), respectivamente em português, *portanto* e *no entanto*, de modo a compreender que o sentido de uma expressão se dá pelos discursos argumentativos que podem se encadear a partir dessa expressão.

Neste trabalho, fundamentados na Teoria dos Blocos Semânticos – TBS, tentamos mostrar a importância do papel semântico dos conectores DC e PT em textos de escolas de idiomas, que prefiguram sentidos, decorrentes do enunciado do locutor (produtor do *marketing*) na relação com o ponto de vista do interlocutor (aprendiz de línguas), enquanto discursos evocados pela relação de interdependência semântica, fenômeno linguístico que diz respeito à relação entre argumento e conclusão (A – C: X e Y + CON).

Essa perspectiva teórica é relevante por nos permitir somar aos estudos da argumentação a possibilidade de instigar outras vozes para se pensar a língua como dispositivo argumentativo, uma vez que pelo léxico os discursos são construídos como modos de significar na/pela língua. Ou seja, o sentido é uma construção enunciativa constituído em sua ordem interna. Outra questão importante a destacar é que a aplicação das noções da TBS nos leva à investigação de diferentes textos, facilitando a compreensão e a interpretação de textos, a exemplo dos publicitários aqui investigados.

Apresentadas as nossas motivações teóricas, sociais e profissionais que justificam o nosso interesse pela Semântica Argumentativa, voltamos a nossa lente de pesquisa para os textos publicitários de cursos de inglês. O discurso publicitário escolhido, do ponto de vista semântico-argumentativo, é considerado como materialidade de análise parafraseável, uma vez que a significação de palavras e frases (entidades abstratas) pode prefigurar os sentidos da realização linguística, ou seja, de enunciados (entidades concretas), enquanto manifestações discursivas.

Diante da evolução das fases da TAL/TBS e da complexidade contínua com aproximações, diálogos, rupturas e retomadas teóricas que perpassaram e têm sido postas à apreciação acadêmica, destacamos que não faz parte do objeto desta pesquisa voltar o nosso olhar de maneira aprofundada à análise das fases/noções da TBS.

Outrossim, atentamos para a mobilização do sentido de pôr em cena as diferenças de cada versão/fase da Teoria. Nessa linha, nos reservamos a apresentar um desenho teórico com relevo nos estudos (i) da retórica à argumentação na língua com ênfase em alguns filósofos, linguistas, semanticistas com os quais Ducrot manteve relação de aproximação, diálogo e rupturas de ordem teórica durante o percurso de construção da TAL(em parceria com Jean-Claude Anscombe) à TBS, com base em Carel (1992) e colaboradores; (ii) os conceitos basilares da Teoria dos Blocos Semânticos na articulação com a TAL – apresentando possibilidades de análise perpassando pelas fases da TAL/TBS.

Um dos recursos metodológicos utilizados parte do que prevê Ducrot (1987) como máquina suscetível de observação e análise semântica, considerando dois tipos de hipóteses: (i) *externa* (construto teórico para dar conta de como os sujeitos falantes observam e atribuem sentido à enunciação pela própria língua – base estruturalista – conceitos saussurianos de língua, valor e relação; filosofia – princípio da alteridade de Platão) e (ii) *internas* (descrição semântica e explicação dos efeitos de sentido produzidos pelo enunciado – Semântica Argumentativa/Semântica Linguística – Ducrot e TBS- Carel e Ducrot).

Assim, tomar os textos publicitários, ou seja, propagandas de escolas de idiomas como materialidade de análise é pensar no uso da língua por meio de textos multifacetados, cuja pluralidade e singularidade da língua podem ser prefiguradas pelas imagens, símbolos, isto é, não apenas o verbal mas também o “visual” como modo de capturar o leitor-interlocutor.

Tendo em vista o exposto, elencamos os seguintes questionamentos que problematizam esta pesquisa:

(i) Como se dá a prefiguração argumentativa da relação *escola X e conhecimento da língua* nos textos publicitários de cursos de inglês?;

(ii) De que modo a TBS fornece possibilidades de construção e interpretação de sentido dos conectores *portanto* e *no entanto* e/ou similares³ que podem ser implícitos ou não nos enunciados dos textos?;

A problematização do estudo nos permite delinear as seguintes hipóteses:

H1: Prefigurar sentidos pela TBS nos leva a compreensão e interpretação do discurso publicitário de cursos de inglês e a relação argumentativa *escola X e conhecimento da língua*.

H2: Fundamentados nos conceitos da TAL/TBS é possível descrever e analisar enunciados argumentativos de textos publicitários, contribuindo com a compreensão e interpretação textual com base nos conectores *portanto* e, *no entanto*, e/ou similares que podem ser implícitos ou não nos enunciados dos textos.

H3: A TBS é uma lente relevante para se compreender a língua por ela mesma, pois, embora tenha perpassado por movimentos de revisão e ampliação de seus conceitos, busca a integração de novas noções, mantendo a propositura inicial de que a argumentação se inscreve na língua, em seu próprio sentido.

Diante disso, propomos como objetivo geral descrever e analisar os sentidos de palavras e expressões em textos publicitários de escola de idiomas à luz da Teoria dos Blocos Semânticos, examinando como se dá a prefiguração argumentativa da relação *escola X e conhecimento da língua inglesa* associada às relações linguística e imagética.

Elencamos ainda os objetivos específicos:

- (i) Elaborar um percurso teórico da argumentação da retórica à Teoria da Argumentação na Língua – TAL, perpassando por princípios filosóficos, linguísticos estruturalista e semântico na relação com a TAL;
- (ii) Discutir as três fases da Semântica Argumentativa/Forma *Standard*, Teorias da Polifonia e dos *Topoi* e a Teoria dos Blocos Semânticos que constituem a base teórica da Semântica da Argumentação;
- (iii) Delinear os procedimentos metodológicos com base nos estudos de Prodanov e Freitas (2013), bem como a descrição do *corpus* analítico;
- (iv) Compreender os sentidos de palavras e/ou expressões em textos de gênero publicitário de cursos de inglês, observando os sentidos da relação escola x –

³ De acordo com Carel (2017), as palavras similares/ análogas às conjunções do tipo normativo em *donc* – portanto, em português, podem ser empregadas em paráfrases como possibilidade linguística, a exemplo de: (se, porque, pois, então, assim,...), ou ainda conjunções do tipo transgressivo em *pourtant* – no entanto (ainda que, mesmo se...).

conhecimento da língua nas diferentes versões Standard/TAL (Argumento e Conclusão), a polifonia/TAL, a Standard/TBS quadrado argumentativo (1992-2005) e TBS – atual, Blocos Semânticos e os *quase-blocos*.

- (v) Aplicar a paráfrase como possibilidade polifônica do leitor-interlocutor como prefiguração de significação na articulação com a TBS, de maneira a trazer à tona o dito, o discurso publicitário sobre o domínio do inglês na contemporaneidade;
- (vi) Interpretar os textos publicitários selecionados para a análise, por meio dos pressupostos da TAL/TBS, de maneira a buscar o sentido do discurso sem deixar se levar pelo sentido literal do léxico como sentido único.

Desse modo, defendemos a tese de que os fundamentos da TBS, especificamente, em sua fase dos *Blocos Semânticos*, nos permitem prefigurar sentidos do discurso publicitário de cursos de inglês e a relação argumentativa *escola X e conhecimento da língua*, por meio de paráfrases como atualização da linguagem imagética e verbal, contribuindo com a compreensão e interpretação textual.

Nesta pesquisa, adotamos os procedimentos metodológicos desenvolvidos por Prodanov e Freitas (2013) e que são tomados como descritivos, bibliográficos e documentais, de abordagem qualitativa, conforme os pontos de vista desses autores.

O *corpus* analítico da tese constitui-se de 04 textos publicitários de escolas de idiomas, disponibilizados na *internet*. Concebendo o texto, conforme Ducrot e Carel (2005), como um bloco semântico, cujo sentido é orientado por conectores do tipo *donc* (portanto), *pourtant* (no entanto), propomos sistematizar e aplicar os conceitos da TBS, valendo-nos da descrição semântica dos textos selecionados, de modo a dar conta do sentido do discurso. Concebemos que além de elementos verbais, as imagens também são possibilidades argumentativas parafraseáveis.

Esta pesquisa encontra-se estruturada em quatro capítulos assim dispostos:

No capítulo I - DA RETÓRICA À ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: UM PERCURSO TEÓRICO, apresentamos o percurso teórico sobre a argumentação que parte de Aristóteles (2011) na antiguidade, perpassa, nos dias atuais, por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Stephen Toulmin (2003), Plantin (2008), até os fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua –TAL, de Ducrot e Jean-Claude Anscombre. Cabe destacar a presença do filósofo Platão e do linguista Ferdinand Saussure na construção teórica da

Semântica Argumentativa, pela aproximação desta teoria com o princípio da *alteridade platônica* e o conceito de *valor saussuriano*.

No capítulo II - OS FUNDAMENTOS DA TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS (TBS) discutimos, especificamente, a terceira fase da TAL que se funde na Teoria dos Blocos Semânticos -TBS e os *quase-blocos*. Assim, este capítulo, consiste em tratar das noções da TBS, desenvolvidas por Marion Carel (1992, 1997, 1998, 2000, 2021, 2022) e por Ducrot e Carel (1992, 1999, 2005).

O capítulo III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DESCRIÇÃO DO *CORPUS* trata da descrição do *corpus* e da sistematização da metodologia utilizada. Nesta linha adotamos os procedimentos metodológicos com base em Prodanov e Freitas (2013), como descritivos, bibliográficos e documentais com abordagem qualitativa.

No capítulo IV - OS SENTIDOS DE PALAVRAS E EXPRESSÕES EM TEXTOS PUBLICITÁRIOS DE CURSOS DE INGLÊS empreendemos as análises com foco na construção dos sentidos das entidades linguísticas, palavras e expressões existentes nas peças publicitárias, ou seja, das propagandas dos cursos de idiomas, especificamente de língua inglesa, fundamentando as análises à luz da Teoria dos Blocos Semânticos, observando os sentidos da relação *escola x - conhecimento da língua inglesa* nas diferentes versões Standard/TAL (Argumento e Conclusão), polifonia/TAL, Standard/TBS quadrado argumentativo (1992- 2005) e TBS – atual, Blocos Semânticos e os *quase-blocos*.

CAPÍTULO I

DA RETÓRICA À ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: UM PERCURSO TEÓRICO

Neste capítulo, vamos apresentar um percurso teórico sobre a argumentação a partir de Aristóteles (2011) na Antiguidade, passando por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Stephen Toulmin (2003), Plantin (2008), na atualidade, bem como os fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua desenvolvidos por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, que se vinculam ao conceito de *alteridade* proposto por Platão e à noção de *valor* linguístico concebida por Ferdinand de Saussure.

A relevância deste capítulo se dá em razão de considerarmos pertinente voltar as nossas reflexões, brevemente, para a trajetória teórica-histórica sobre a relação entre retórica e argumentação, de modo a entender como a Semântica Argumentativa se constitui como uma teoria linguística. Alguns autores, na maioria das vezes, não têm admitido a existência da retórica nos estudos semânticos argumentativos. No entanto, não é nosso interesse questionar a posição adotada por esses autores que têm seguido o percurso de negação de princípios da retórica em suas pesquisas.

Desse modo, compreendemos a pertinência de retomar os fundamentos da retórica clássica com foco, principalmente, nos postulados de Aristóteles e Platão, na Antiguidade; os estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca, enquanto marco da *Nova Retórica*, buscando as aproximações, diálogos e rupturas assumidas por Ducrot no percurso de construção da Teoria da Argumentação na Língua – TAL, desde os seus pressupostos iniciais até o momento atual – a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), que se opõe à argumentação de base tradicional, de natureza retórica e persuasiva.

Parafraseando Ducrot e Todorov (1972), há evidência de que o nascimento da retórica como disciplina específica é originária da Grécia Antiga, cuja reflexão sobre a linguagem tem indício inicial em documentos no século V a.C. na Sicília. Segundo a lenda, o tirano Hieron de Siracusa proibiu, de modo cruel, seus súditos o uso da fala. No entanto, diante da consciência de Corax e Tisias sobre a relevância da fala, o tirano levou esses dois sicilianos a criarem a

retórica e a proporem o estudo da língua não como ensino de língua estrangeira, mas como linguagem –Discurso⁴. (DUCROT; TODOROV, 1972).

A ênfase dada à retórica de natureza discursiva possui tradição originária no cenário da Grécia Antiga, ou seja, no mundo greco-romano. Sendo assim, é possível afirmar que as teorias da argumentação estão ligadas a uma antiga tradição de prática da argumentação associada ao uso da eloquência/oratória do bem dizer: a da retórica. Nesse cenário, a língua até então não tinha sido vista como objeto linguístico necessário à argumentação.

Os estudos ducrotianos acerca da realização da língua como discurso/ enunciação instigaram o desenvolvimento de outros estudos que por outras lentes e vozes tratam a significação da língua no campo linguístico da Semântica da Enunciação.

A enunciação, enquanto realização discursiva concebida como exposição da estrutura linguística, vincula-se às regularidades da língua enquanto sistema, a partir de Saussure. No entanto, há que se evidenciar que na perspectiva da TAL/TBS, a língua como sistema contempla a dicotomia saussuriana: (i) língua: frase-significação-entidade abstrata = significado-conceito e (ii) fala: enunciado-sentido- entidade concreta = significante- imagem acústica.

Notamos que tanto para a TAL quanto para a TBS os discursos se constituem numa ordem organizacional argumentativa e reclamam ao leitor-interlocutor uma resposta. Este, por sua vez, prefigura diferentes sentidos dos enunciados, enquanto uma continuação discursiva.

O sentido para Teoria da Argumentação da Língua consistia em introduzir uma conclusão, concebendo que todos os enunciados seriam parafraseados por encadeamentos, duas proposições, ligadas pelo conector *pourtant* (portanto), direcionando a uma conclusão, por exemplo: a significação de *perigo* – levaria a prefigurar a seguinte conclusão: *precaução*.

Para a TBS, a argumentação deixa de consistir apenas em uma introdução à conclusão e concebe que há uma outra via de se prefigurar sentidos do discurso, concebendo que argumentar implica evocar encadeamentos que podem ser parafraseáveis *em portanto* e *no entanto*. Assim, na TBS a significação da palavra *perigo* teria duas faces: (i) normal (normativa) = precaução e uma outra (ii) anormal (transgressiva) = não precaução. Logo, a prefiguração de sentidos de enunciados é resultado do entrelaçamento de palavras que pelas relações

⁴ No original: La naissance de la rhétorique en tant que discipline spécifique est le premier témoignage, dans la tradition occidentale, d'une réflexion sur le langage. On l'atteste pour la première fois au v^e siècle avant notre ère, en Sicile; une légende rapporte qu'à la même époque Hiéron, tyran de Syracuse, avait, par un raffinement de cruauté, interdit à ses sujets l'usage de la parole. Ainsi rendus conscients de l'importance de la parole, les Siciliens (Corax, Tisias) auraient créé la rhétorique. On commence à étudier le langage, non en tant que « langue » (comme on apprend une langue étrangère), mais en tant que « discours ». (DUCROT; TODOROV, 1972).

intralinguísticas permitem presumir e evocar o “sentido dos enunciados e o desenvolvimento do discurso”. (CAREL; GOMES, 2019).

Antes de avançarmos em outras direções da TBS, queremos destacar, brevemente, que no percurso inicial da TAL, Ducrot (1988) reconhece a sua grande dívida com a filosofia inglesa da linguagem, assumindo em parte uma dívida com Searle e muito mais com Austin. Essa semântica era também considerada como Semântica Pragmática, uma vez que o uso da língua se associava à expressão dos atos de fala, com base em Austin.

Esse caráter pragmático se dá em razão de sua filiação inicial à filosofia da linguagem. Entre Searle e Austin, Ducrot (1987,1988) se identifica com a concepção defendida por Austin, especificamente, no que diz respeito ao *enunciado performativo explícito*⁵, como por exemplo “te prometo”, que, ao mesmo tempo em que ocorre a descrição do que o locutor está fazendo, também lhe permite realizar o ato, ou seja, o que disse.

A insatisfação de Ducrot (1988) com a Teoria dos Atos de Fala se deve ao fato de que, para ele, essa teoria se apresenta pouco radical à crítica da concepção veritativa da linguagem, pois há uma segregação entre os aspectos subjetivos e objetivos da significação. O primeiro aspecto contempla a força ilocucionária, enquanto o segundo se ocupa do conteúdo proposicional. Tal insatisfação se dá também em razão de os filósofos da linguagem não intencionarem a eliminação do aspecto referencial. Não o separaram do aspecto pragmático, o que também é recusado por Ducrot (1988) que afirma: “Não posso pensar que exista na significação um setor puramente objetivo que não está contaminado de intenções pragmáticas”⁶. (DUCROT, 1988, p. 158, tradução nossa).

Embora Ducrot (1988) tenha se identificado com Austin, mas não no sentido de conceber a sua proposição teórica, considera deste teórico apenas a aceção sobre os performativos, tomando o ato ilocucional como significação. Essa posição leva Ducrot (1987) a definir o ato ilocucional como um ato jurídico que se realiza no enunciado produzido por um locutor L, ou seja, a fala.

Ainda sobre o caráter jurídico do ato ilocucional, nos termos da filosofia da linguagem, “dizer que um enunciado possui [...] uma força ilocutória, [...] é dizer que ele atribui a sua enunciação um poder “jurídico”, o de obrigar a agir (no caso de uma promessa ou uma ordem [...] etc.” (DUCROT, 1987, p.172). Tal posição leva Ducrot (1987) a ser criticado, “acusar-me-

⁵ Grifos do autor. Ducrot (1987) explica o uso da abreviação *performativo* para se referir ao emprego de *enunciado performativo explícito* que segundo ele é uma “noção que passa por ser uma das aquisições menos problemática da filosofia da linguagem[...]”. (DUCROT, 1987, p. 118).

⁶ “No puedo pensar que exista em la significación un sector puramente objetivo que no este contaminado de intenciones pragmáticas”. (DUCROT, 1988, p. 158).

ão, talvez, (tem-se feito isso muitas vezes) de empregar, na definição dos atos ilocutórios, uma noção quase jurídica de obrigação”, reconhece o autor. (DUCROT, 1987, p.132).

Compartilhamos com Ducrot (1987) em relação à definição de locutor: “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável [...]. É a ele que refere o pronome *eu* e as outras marcas de primeira pessoa”. (DUCROT, 1987, p.182).

Como já aventado anteriormente, damos início ao percurso histórico-teórico da argumentação pela Retórica em Aristóteles.

1.1 Retórica e Argumentação em Aristóteles

Trazemos os fundamentos da retórica aristotélica por se tratar de um dos primeiros tratados a pensar a argumentação como persuasão ou análise de provas e também para situar a posição de Ducrot em relação a esse tratado, ao qual se opõe por defender a tese de que a argumentação está inscrita estruturalmente na língua.

A cristalização da persuasão nos discursos públicos e nos tribunais tem início na Antiguidade Clássica e um dos maiores representantes da retórica dessa época até os dias de hoje é Aristóteles.

De acordo com os fundamentos da Retórica tratados por Aristóteles, essa disciplina ganha vulto e passa a ser definida como a arte de convencimento e persuasão de uma plateia, por meio de técnicas, afastando-se da ‘arte da oratória’, proposta pelos sofistas, e inspirando outros tratados sobre a argumentação. A Retórica aristotélica difere da ‘arte da oratória’ defendida pelos sofistas, por considerá-la uma “teoria raciocinada contrária às opiniões usuais dos homens [...] de acordo com a qual o que é nem sempre necessita ter sido gerado ou ser eterno [...]”. (ARISTÓTELES, 2000b, p. 11).

Os sofistas utilizavam-se da linguagem para a sustentação de uma tese com a finalidade de convencer o seu interlocutor, ou seja, tomavam a retórica como a arte da oratória – o discurso belo e convincente, independente da verdade, da veracidade dos fatos. Os sofistas “comercializavam a linguagem bela”, enquanto arte do convencimento. Reboul (2004) afirma que para o mundo dos sofistas não há fundamentação na verdade, pois “sua retórica não argumenta a partir do verdadeiro, mas a partir do verossímil [...]”. (REBOUL, 2004, p. 02).

Podemos dizer que a Retórica aristotélica não se trata de uma manipulação fácil da linguagem, ela parte do raciocínio lógico, da análise de provas que visa à persuasão do auditório. É, sobretudo, em razão da argumentação lógica persuasiva, apropriada a cada caso em questão, que se obtém, através do próprio discurso, a demonstração da verdade ou o que se

apresenta como verdade. Entendemos demonstração como um tipo de prova, em que a demonstração do orador, assentada no raciocínio lógico, visa à persuasão. (ARISTÓTELES, 2011).

Aristóteles (2011) define a retórica não como uma ciência com objeto definido/determinado, mas como “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão”. (ARISTÓTELES, 2011, p. 44). Assim, compara a Retórica com outras artes e ciências, as quais podem instruir e persuadir. Todavia, nenhuma outra arte ou ciência tem “o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir”. (ARISTÓTELES, 2011, p. 41- 42).

Meyer, no prefácio do livro *Retórica das Paixões*, de Aristóteles (2000a)⁷, a respeito da estrutura dessa obra, afirma que para Aristóteles o homem, em razão da ambição, busca a aprovação dos outros, de modo que reconheçam sua superioridade sobre eles. Nessa relação entre pessoas há aquilo que Aristóteles caracteriza como *lógica retórica*, “que é a da distância e da proximidade: a identidade e a diferença entre os homens exprimem-se e medem-se por suas paixões; são índices e, ao mesmo tempo, parâmetros”. (MEYER, 2000a, p. XLII). Com efeito, falar das paixões implica considerar os estados afetivos, pois, as paixões são vistas, ao mesmo tempo, como (i) modos de ser (remetem ao *ethos* e determinam um caráter e a identidade das pessoas/sujeito) e (ii) respostas ao modo de ser (ocorre o ajustamento em relação a *outrem*).

Reboul (2004, p. 44-45) afirma que “Segundo os antigos, os gêneros oratórios são três: judiciário, deliberativo (ou político) e epidíctico”. Mas, o autor, a respeito desse número de gêneros, indaga: “por que exatamente três”? E encontra na resposta de Aristóteles (*Retórica*, 1358a): “porque há três espécies de auditório [...]”. (REBOUL, 2004, p. 45).

A respeito dessas espécies de auditório, Reboul (2004, p. 44-45) dá a seguinte explicação.

É a necessidade de adaptar-se a eles que confere traços específicos a cada gênero: conforme as pessoas a quem nos dirigimos, não falaremos da mesma maneira. O discurso judiciário tem como auditório o tribunal; o deliberativo, a Assembléia (Senado); o epidíctico⁸, os espectadores, todos que assistem a discursos de aparato como [...] orações fúnebres ou outras.

⁷ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Tradução e introdução e notas de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Pontes, 2000a. Disponível em: <http://www.afoiceomartelo.com.br/posfsa/Autores/Arist%C3%B3teles/ARIST%C3%93TELES.%20Ret%C3%B3rica%20das%20paix%C3%B5es.pdf>. Acesso em: 18 jan.2021.

⁸ Epidíctico (ou demonstrativo).

Dentre essas espécies de auditório, Reboul (2004) destaca que para Aristóteles o ouvinte, ou seja, o espectador ou o juiz é, pois, o auditório. Na perspectiva aristotélica, o auditório pode ser um grupo, uma multidão ou um ouvinte. Logo, é possível dizer que se o discurso é direcionado a um ouvinte (espectador), “esse único ouvinte não deixa de ser um juiz, porque a pessoa a que se deve persuadir é, pura e simplesmente, um verdadeiro juiz [...]”. (ARISTÓTELES, 2011, p. 170).

Aristóteles (2011) estabelece uma distinção entre os gêneros de discurso que se dá pelo tempo e inclui três atos os quais correspondem a cada gênero de discurso e se distinguem pelo tempo. Vejamos: (i) o discurso deliberativo (ou político), cabe a um membro da assembleia deliberar sobre questões futuras, uma vez que o ato de aconselhar ou desaconselhar implica induzir alguém a decidir, a fazer ou a não fazer algo; (ii) o forense (ou judiciário) trata do tempo passado, visto que a acusação ou a defesa de alguém é um ato que se dá em torno de fatos passados; (iii) o demonstrativo ocorre essencialmente no presente, pois trata-se do ato de louvar ou censurar alguém em razão do estado de coisas presente. (ARISTÓTELES, 2011).

Diz ainda Aristóteles (2011) que cabe ao elemento do discurso – o orador, após a identificação do tipo de auditório que pretende persuadir e determinar o gênero de discurso, buscar os meios de persuasão, ou seja, os tipos de argumentos considerados adequados para persuadir o auditório/plateia em questão. Para tanto, elencamos três meios de persuasão/argumentos definidos por Aristóteles (2011) que dependem: (i) do caráter pessoal do orador; (ii) da condução do auditório a um tipo de disposição de espírito; e (iii), do próprio discurso no sentido daquilo que se presume/ parece demonstrar.

A respeito dos três tipos de persuasão/argumentos ou os meios de prova/ de apelo, Reboul (2004) destaca que para Aristóteles: (i) o *etos* refere-se ao caráter assumido pelo orador para inspirar confiança/credibilidade em seu auditório; (ii) o *patos*, assim como o *etos* é uma técnica de ordem afetiva, ou seja, o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que deve ser suscitado no auditório pelo discurso do orador; (iii) já o *logos*, enquanto uma técnica de ordem racional, lógica, diz respeito à argumentação, ou seja, o próprio discurso que deve demonstrar ou parecer demonstrar a sustentação da persuasão/tese.

Passamos, a seguir, a apresentação dos pressupostos da Nova Retórica de Perelman.

1.2 A Nova Retórica em Perelman

Na obra *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica*, Chaïm Perelman (2014), com a participação de Olbrechts-Tyteca, apresenta uma retomada da argumentação a partir da retórica clássica e de conceitos aristotélicos, e ao opor-se ao racionalismo ocidental e ao positivismo, mantém o valor da racionalidade retórica, desenvolvida por Aristóteles.

Perelman (2014, p. 05, grifo do autor) justifica a filiação da *nova retórica* à *retórica* de Aristóteles, dizendo:

[...] nosso tratado se relaciona sobretudo com as preocupações do Renascimento e, conseqüentemente, com as dos autores gregos e latinos, que estudaram a arte de persuadir e de convencer, a técnica da deliberação e da discussão. É por essa razão também que o apresentamos como uma *nova retórica*. Nossa análise concerne às provas que Aristóteles chama de dialéticas, examinadas por ele nos *Tópicos*, e cuja utilização mostra na *Retórica*.

Para expor as características particulares da argumentação e os problemas inerentes ao seu estudo, Perelman (2014) contrapõe a argumentação à concepção clássica da demonstração e, em especial, à lógica formal que se limita ao exame dos meios que comprovem a prova.

Assim, a demonstração de uma proposição se dá mediante os procedimentos pelos quais pode ser obtida, cujo raciocínio se reduz a um cálculo. A argumentação que influencia por meio do discurso se dá pela intensidade da adesão de um auditório a certas teses. Na argumentação há um contato entre o orador e seu interlocutor (auditório). Desse modo, “para argumentar é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor [...] pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se pelo seu estado de espírito”. (PERELMAN, 2014, p. 18). Além disso, é preciso também que o orador tenha credibilidade para ganhar a adesão do seu interlocutor (o auditório).

De acordo com Freitas (2006), o aspecto linguístico da retórica está relacionado com a concepção de língua como acessório de persuasão e convencimento. Paraphraseando o autor, a língua enquanto sistema linguístico de caráter argumentativo não se faz presente desde a perspectiva da retórica clássica. Isto ocorre devido à dada centralidade do conhecimento do orador sobre como convencer o auditório, com base nos fatos e organização dos argumentos verossímeis.

O ponto de partida bem como o desenvolvimento da argumentação, segundo Perelman (2014, p. 73),

pressupõem acordo do auditório. Esse acordo tem como objeto ora o conteúdo das premissas explícitas, ora as ligações particulares utilizadas, ora a forma de servir-se

dessas ligações; do princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes.

Esse acordo é fundamental para que os objetivos sejam alcançados. Nessa direção, cabe ao orador na relação com o seu interlocutor (espectador/auditório) utilizar-se de premissas, as quais devem fundamentar a sua construção argumentativa/persuasiva, contando “com a adesão de seus ouvintes às proposições iniciais [...]”. (PERELMAN, 2014, p. 73). No entanto, os ouvintes podem recusar as proposições do orador, seja por “[...] não aderirem ao que o orador lhes apresenta como adquirido, [...] perceberem o caráter unilateral da escolha das premissas, [...] ficarem contrariados com o caráter tendencioso da apresentação delas”. (PERELMAN, 2014, p. 73).

Perelman (2014) defende que todo discurso possui uma comunidade ideal, para o qual ele é elaborado/endereçado. Essa comunidade é tida como os “espíritos”, isto é, o auditório. O autor atribui sentido à argumentação como forma de persuasão e com base na lógica racional, pensando a argumentação em função do auditório, a quem a argumentação se destina, ou seja, um ‘público presumido’. Logo, é preciso destacar que a ideia de adesão e de espíritos “é essencial em todas as teorias da retórica [...] é “em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve”. (PERELMAN, 2014, p. 06).

No que diz respeito aos tipos de auditório, Perelman (2014) os classificam em: (i) universal – constituído por toda a humanidade, todos os homens adultos e normais; (ii) particular, isto é, o interlocutor – no diálogo, unicamente, a pessoa a quem se dirige; (iii) próprio sujeito – o indivíduo que delibera consigo mesmo ou figura as razões dos seus atos.

O autor (2014) destaca duas teses que norteiam a apresentação da argumentação: “de um lado, uma crença, uma vez estabelecida, sempre pode ser intensificada; e de outro, a argumentação depende do auditório a que se dirige”. (PERELMAN, 2014, p. 49). Para ele, “o auditório, enquanto *conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação*”. (PERELMAN, 2014, p. 22, grifo do autor), está relacionado aos grupos sociais.

Perelman (2014, p. 53) destaca que todos os teóricos inspirados em Aristóteles “incluem em seus tratados de *Retórica*, ao lado dos gêneros oratórios deliberativo e judiciário, o gênero epidíctico”, e mantém a concepção aristotélica de gêneros discursivos. Perelman (2014, p. 53) elenca que as obras-primas da eloquência escolar e trechos solenes célebres da Grécia configuravam-se, por exemplo, em discursos do tipo epidíctico (demonstração).

Os discursos do gênero epidíctico, diferentemente dos debates *políticos*, que são do gênero deliberativo e dos debates *judiciários*, tratavam de um elogio fúnebre ou do elogio de

uma cidade em relação aos seus habitantes. O gênero epidíctico, composto por “um orador solitário”, que raramente aparecia perante o público/auditório para apresentar um discurso ao qual ninguém se opunha e “[...] se contentava em fazer circular sua composição escrita, [...] os ouvintes nele só representavam [...] o papel de espectadores. [...] tinham apenas de aplaudir ou ir-se embora”. (PERELMAN, 2014, p. 53).

A seguir, apresentaremos na perspectiva de argumentação o Modelo de Toulmin que emprega o procedimento da prova.

1.3 A Argumentação em Toulmin

Nesta seção, vamos observar como o filósofo inglês Stephen Toulmin trata a teoria geral da argumentação. Considerado um dos grandes estudiosos da argumentação, da década de 50, Toulmin parte da ‘proposição de esquemas argumentativos’, discutindo o procedimento da prova. Em sua obra *The uses of argument*, publicada em 1958, se propõe a “[...] levantar problemas, não resolvê-los [...]”⁹. (TOULMIN, 2003, p. 01, tradução nossa). O filósofo chama a atenção do leitor, destacando que a referida obra está direcionada à área da investigação, no sentido de “provocar discussão em vez de servir como um tratado sistemático”¹⁰. (TOULMIN, 2003, p. 01, tradução nossa).

Toulmin (2003), em sua obra *The uses of argument*, traduzida para o português como *Os usos do argumento*, investiga as falhas/fragilidades da lógica tradicional, destacando que em sua propositura da argumentação alguns aspectos dos argumentos podem variar de campo para campo. Já, alguns são ‘consistentes’ em todos os campos. O autor argumenta que “os lógicos formais conceberam mal suas categorias e chegaram a suas conclusões apenas por uma série de erros e mal-entendidos”¹¹. (TOULMIN, 2003, p.136, tradução nossa).

O pressuposto de Toulmin (o modelo Toulmin), como forma de análise da argumentação, passa por críticas, reformulações e reflexões, que ocorrem em razão desse filósofo pensar a argumentação, deslocando-a da lógica formal para a lógica racional, opondo-se assim a Aristóteles. É importante destacar que, segundo Eemeren, no prefácio de Toulmin (2003, p. ii, tradução nossa), “apesar das críticas iniciais de lógicos e colegas filósofos”¹², o

⁹ “[...] to raise problems, not to solve them [...]”. (TOULMIN, 2003, p. 01).

¹⁰ “[...] to provoke discussion rather than to serve as a systematic treatise”. (TOULMIN, 2003, p. 01).

¹¹ “[...] that formal logicians have misconceived their categories, and reached their conclusions only by a series of mistakes and misunderstandings”. (TOULMIN, 2003, p.136).

¹² “In spite of initial criticisms from logicians and fellow philosophers [...]”. (EEMEREN *apud* TOULMIN, 2003, p. ii).

modelo Toulmin tem sido uma fonte duradoura e considerada uma obra moderna clássica inspiradora aos estudiosos que se interessam pela argumentação.

Toulmin (2003), com base na lógica racional, pensa a argumentação em função dos dados da vida diária. Segundo Eemeren, no prólogo de Toulmin (2003) há um tema central de interesse desse filósofo que perpassa seus escritos desde 1948: “a forma como as afirmações e opiniões relativas a todo o tipo de temas, trazidos à tona na vida quotidiana ou na investigação acadêmica, podem ser racionalmente justificadas”¹³. (EEMEREN *apud* TOULMIN, 2003, p. ii, tradução nossa).

Nessa direção, Toulmin (2003) estabelece relações com a lógica racional e principalmente com a sustentação de seu pressuposto argumentativo no campo do direito, isto é, da jurisprudência, visto que para o autor a lógica é “uma jurisprudência generalizada”. Para esse autor, os argumentos podem ser comparados a ‘processos judiciais’.

O procedimento da prova, instaurado por Toulmin, parte do silogismo aristotélico no sentido de apresentar críticas e fragilidades à validade e invalidade de um argumento, aos silogismos clássicos da lógica formal que são insuficientes para apresentar argumentos racionais de modo estruturado/qualificado. Nesse prisma, Toulmin especifica o ‘fenômeno’ que lhe cabe discutir – *the hyphotesis* – e explica que se trata, de modo geral, de uma divergência sistemática classificada em dois conjuntos de categorias: (i) aquelas as quais encontramos empregadas na prática da argumentação; (ii) aquelas análises correspondentes as argumentações que são dispostas nos livros de lógica formal. (TOULMIN, 2003).

Embora Toulmin (2003)¹⁴ tenha afirmado que, de forma alguma, havia intencionado apresentar uma teoria voltada para a retórica ou argumentação, de igual modo, também não havia pensado em um modelo analítico o qual teria inspirado estudiosos do campo da Comunicação a denominá-lo de ‘o modelo Toulmin’. É possível afirmar que há uma relação de aproximação entre Toulmin e Perelman, visto que as ideias de ambos os filósofos contribuíram, sobremaneira, para estabelecer uma relação entre a lógica e a retórica.

Diferentemente de Perelman (2014), que propõe uma reflexão entre demonstração (verdade) e argumentação (verossímil/provável), conforme a concepção aristotélica, (PERELMAN, 2014, p. 05), Toulmin (2003), por sua vez, opõe-se a Aristóteles, a partir da rejeição da lógica formal no campo jurídico, construindo assim sua lógica informal (ou lógica aplicada).

¹³ “[...] is the way in which assertions and opinions concerning all sorts of topics, brought up in everyday life or in academic research, can be rationally justified”. (EEMEREN *apud* TOULMIN 2003, p. ii).

¹⁴Já aventado, em outras palavras.

Observamos que para Toulmin (2003, p. 08, tradução nossa), “Um bom argumento, um argumento bem fundamentado ou alegação firmemente apoiada, é aquela que resistirá à crítica”¹⁵. No entanto, há um tipo específico de argumento em sua obra *The uses of argument*, que corresponde aos argumentos justificatórios, que fazem parte do procedimento da prova, pois quando alguém faz uma alegação é preciso argumentar e justificá-la a partir de razões que devem ser expostas racionalmente.

O modelo de argumentação de Stephen Toulmin tal como o de Perelman direciona-se para o campo jurídico do direito. São escritas e estilos divergentes, mas, que se convergem, em comum, a respeito da prática jurídica, pensando a argumentação no prisma da racionalidade. Vale dizer que o primeiro defende um modelo de argumentação e discute o procedimento da prova com base em dois elementos: dado (D) – *data* e garantia (W) – *warrant*; e o segundo parte das duas noções aristotélicas de formas de raciocínio demonstração/argumentação, respectivamente, analítica e dialética, e propõe estudar um tipo de lógica dos julgamentos de valor.

Sobre a relação entre Toulmin e Ducrot, observamos que Ducrot (1988, p. 102, tradução nossa) emprega o conceito de *topos* como um princípio argumentativo e não um conjunto qualquer de argumentos¹⁶. Para ele, a necessidade de se servir de um intermediário entre argumento e conclusão quando se argumenta tem sido reconhecido desde a história da retórica. Ducrot consagra a ideia célebre do autor americano Toulmin a respeito da existência de um terceiro termo na relação argumento e conclusão chamado de garantia – *garante* (*warrant*). (DUCROT, 1998). Desse modo, o *topos* é “uma garantia que assegura a passagem do argumento a conclusão”¹⁷. (DUCROT, 1998, p. 102, tradução nossa). Diferentemente de Perelman, que realiza a argumentação em função do auditório, o modelo de Toulmin realiza a argumentação em função dos “dados” e dos passos que asseguram chegar à conclusão: (D) + (W) = (C)¹⁸.

¹⁵ “A sound argument, a wellgrounded or firmly-backed claim, is one which will stand up to criticism [...]”. (TOULMIN (2003, p. 08).

¹⁶ “[...] un principio argumentativo y no un conjunto cualquiera de argumentos”. (DUCROT, 1988, p.102).

¹⁷ “[...] un garante que asegura el paso del argumento a la conclusion. (DUCROT, 1998, p. 102).

¹⁸ Conforme modelo Toulmin: D= Dados (DATA); W= Warrant (Garantia); C= Conclusão. No entanto, Grácio (2015), afirma que Toulmin, na perspectiva do raciocínio argumentativo em termos comunicacionais prefere utilizar alguns termos em vez de outros, a saber: conclusão = tese (claim), ou seja, algo que pode ser desafiado a uma justificação; premissas= razões (data, grounds); inferência = justificação e garantia(warrant). Disponível em: <https://www.ruigracio.com/VCA/OModeloToulmin.htm>. Acesso em: out. 2021.

A seguir, dialogamos com Plantin sobre a argumentação na perspectiva interacionista e dialogal, privilegiando a oposição entre discursos e os turnos de fala, que constituem a interação argumentativa.

1.4 A Argumentação em Plantin

Observamos que a ideia defendida por Plantin (2011), acerca da argumentação, diverge (i) dos referencialistas¹⁹, para quem a argumentação está relacionada às questões de verdade e à arte de designar os fatos do mundo; (ii) e de Ducrot (1987), que defende que a argumentação está inscrita na língua, nas frases mesmas, na língua.

Plantin (2011) desconsidera o discurso mono, visto que para ele a argumentação é uma ‘lógica dialogal’ – “uma forma de interação problematizante formada de intervenções orientadas por uma questão”. (PLANTIN, 2011, p. 18). A argumentação para Plantin não se ‘localiza na língua’ nem tampouco tem relação com o locutor que traz à cena uma enunciação. Em outras palavras, argumentar volta-se para uma situação de uso de linguagem, participação interativa, em que falar de/sobre algo se trata de uma situação ‘estruturada por uma contradição’. Em uma situação de contradição produz-se um problema, uma questão. Diante disso, Plantin (2011, p. 17) admite que “uma dada situação linguageira começa a se tornar argumentativa quando manifesta uma oposição de discursos”.

Plantin (2008), por exemplo, revela que os estudos da argumentação perpassam por caminhos os quais se configuram em momentos denominados *ups* and *downs*, isto é, “altos e baixos”. São, portanto, momentos de ascensão e/ou de decadência na relação de (des)legitimações no campo científico, pensados na relação do sistema da retórica e da lógica desde Aristóteles até o final do século XIX. (PLANTIN, 2008).

É interessante acentuar que, por volta de 1958, com os estudos de Stephen Toulmin e Chäim Perelman, ocorre um movimento de emancipação, uma inovação real, ou seja, uma autoafirmação, simbolizando uma inversão na conjuntura da argumentação, no período pós-guerra. (PLANTIN, 2008).

Conforme Ducrot é fundamental o olhar na direção de mão dupla, ou seja, o livre trânsito ao retorno (teorias do passado) e ao presente (teorias dos dias atuais), em desenvolvimento. Destacamos o axioma de Pierre Duhem que está no prefácio de Ducrot (1989)

¹⁹ Na perspectiva referencialista, a linguagem é vista como representação de fatos, ideias e pensamentos na relação com as coisas do mundo. A argumentação está relacionada às questões de verdade e à arte de designar os fatos do mundo. Não há nessa abordagem a preocupação com a enunciação.

– *Logique, structure et énonciation* – de que as teorias atuais subjazem às bases teóricas anteriores, isto é, nossas pesquisas sejam do passado, do presente ou ainda em fase de *continuum* sempre, se voltaram para as teorias anteriores.

Considerando o modelo proposto por Toulmin (1958), Plantin (1993c), com base nesse teórico, retoma/reintroduz de modo sistemático a questão do topoi na análise argumentativa. Segundo Plantin, o famoso “esquema” de Toulmin, “sequência “Argumento – > Conclusão é baseado numa “lei de passagem, ela própria apoiada por “garantias””. (PLANTIN, 1993c, p. 483).

Notamos que Plantin (1993c, p. 480) a respeito da sistematização feita por Toulmin sobre o problema dos topoi, articula a argumentação para “dar conta de uma certa célula básica da argumentação”²⁰ (PLANTIN, 2012, p.103, tradução nossa) e remete também à discussão sobre a questão da interação argumentativa, isto é, a relação discursiva entre o orador/argumentador e interlocutor/argumentador, os participantes da interação, os atores da argumentação. Logo, “a situação da argumentação [...] só é conflitante quando os atores se identificam nos papéis argumentativos”. (PLANTIN, 2011, p. 18).

Salientamos que além de Toulmin, Plantin revisa²¹ também o *Traité de l’Argumentation. La Nouvelle Rhétorique* de Chaïm Perelman e *L’Argumentation dans la Langue* de Oswald Ducrot e J.-C. Anscombe. Estes dois teóricos, em termos gerais, a partir da retórica de Aristóteles, centralizam as suas análises no discurso jurídico, considerado um discurso fortemente institucionalizado e, em razão disso, proporcionam um ‘modelo básico de funcionamento argumentativo’. De igual modo, Toulmin e Plantin retomam a clássica tópica aristotélica e resgatam a argumentação como uma construção discursiva direcionada a um auditório que regula, guia e valida os argumentos em termos de eficácia persuasiva.

Plantin (2012) também revisita os teóricos clássicos da argumentação como Oswald Ducrot e J.-C. Anscombe, no que diz respeito ao ‘modelo estritamente discursivo’ que desenvolvem, isto é, a teoria argumentativa da enunciação da qual os autores se valem da relação argumento- conclusão. Ainda na visão de Plantin (2012), Oswald Ducrot e J.-C. Anscombe se dedicam em especial aos ‘recursos polifônicos’ – diferentes vozes, ou seja, “as formas de contaminação das vozes, os pactos, reorientações e ‘deformações’ com que um enunciado opera sobre outro”. (PLANTIN, 2011, p. 103-104).

²⁰ “[...] dar cuenta de una suerte de célula básica de la argumentación [...]”. (PLANTIN, 2012, p. 103).

²¹ Não nos atentaremos aqui aos estudos de Plantin, especificamente, pois nos interessa apenas observar a relação deste autor com os teóricos da argumentação, considerando o percurso dos estudos argumentativos.

De acordo com Plantin (2020)²², argumentar implica participar, falar, posicionar-se dentro de uma discussão onde há contradição e, portanto, há uma interação que podemos chamar de “tomada de palavra”, uma orientação em um espaço estruturado por uma questão/problema que recebe respostas sensatas, razoáveis. Mas não há compatibilidade entre si. Esta é, portanto, a originalidade da situação argumentativa, pois, em uma situação de fala considerada ‘normal’, há um princípio básico de acordo. Já em situação de argumentação esse princípio não tem valor algum. (PLANTIN, 2020).

Na perspectiva de Christian Plantin, a argumentação é interacional e decorre da problematização de uma situação linguageira, um tipo de manifestação de oposição/contradição entre os participantes do discurso. Nessa relação dialogal “se extraem claramente os três papéis actanciais de Proponente (que apoia plenamente uma Proposição), de Opositor (que rejeita essa Proposição) e de Terceiro (que se questiona sobre ela)”. (PLANTIN, 2011, 17-18).

No que diz respeito a quem é destinada a argumentação na perspectiva de Plantin, Grácio (2008, p. 143), em seu artigo “Que fenômenos estuda a teoria da argumentação?”, pontua que

Por considerarmos que uma argumentação implica a permutabilidade da iniciativa argumentativa preferimos, em vez de utilizarmos as habituais dicotomias orador/auditório, emissor/receptor, locutor/alocutário, etc., considerar uma argumentação como algo que ocorre de argumentador para argumentador.

Pensando a argumentação interacionista e dialogal, em que se privilegia a oposição entre discursos e os turnos de fala, e se constitui a interação argumentativa, conforme defende Plantin (2020), o discurso não se dirige a um auditório em específico, ou seja, entre orador-auditório como ocorre na visão retórica da argumentação que confere ao orador a iniciativa discursiva que ocorre de modo unilateral, na qual a tônica de adesão está na persuasão do auditório, uma vez que nesse tipo de argumentação permite-se a assimetria interlocutória. (GRÁCIO, 2015)²³.

Observamos que algumas especificidades na argumentação dialogal de Plantin (2020) divergem da concepção dos teóricos da retórica, assim como de Ducrot, (1987), o qual concebe

²² Conforme vídeo da live realizada em 26/10/2020,13: 00 (UTC) 26/10/2020, 10:00 (BRT), intitulada: Dictionnaire de l’argumentation: une introduction conceptuelle aux études d’argumentation, Plantin, 2020. Dicionário de Argumentação: Uma Introdução Conceitual aos Estudos de Argumentação – (Tradução disponibilizada pela Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN). Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/en/lives/christian-plantin-2/>. Acesso em: jan. 2020.

²³Ver: Vocabulário de argumentação – (GRÁCIO, 2015). Disponível em: <https://www.ruigracio.com/VCA/Auditorio.htm>. Acesso em: 02 de out. 2021.

a argumentação, fundamentalmente, de caráter linguístico discursivo, não tendo, de modo algum, relação/embasamento logicista.

Considerando o nosso percurso histórico-teórico, apresentaremos a seguir os diálogos, aproximações e distanciamentos de Ducrot e Anscombe que perpassam as confluências/interlocução da filosofia de Platão e do estruturalismo de Saussure.

1.5 A Argumentação em Ducrot e Anscombe: confluências/interlocuções com Platão e Saussure

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL) desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean-Jacques Anscombe, em 1983, na França, na *École des Hautes Études em Sciences* de Paris, se assenta no conceito de alteridade de Platão e na noção de valor linguístico de Saussure, e é constituída pela própria língua, pelo pressuposto de que a argumentação está inscrita na língua e o sentido de uma entidade linguística/segmento linguístico se dá exclusivamente numa abordagem linguística, na argumentação. (DUCROT, 1987).

Guimarães (2015) destaca que o trabalho de Oswald Ducrot se reserva a diversos aspectos, tendo uma capacidade heurística definida muito particular que se assenta ao lado de uma novidade teórica fundamental. Nessa direção, Guimarães (2015) reconhece que o trabalho de Ducrot tem uma sólida sustentação linguística, que se deve ao fato de Ducrot lidar com a enunciação, através do estudo semântico não veritativo, mas que concebe os estudos na relação com o estruturalismo saussuriano. (GUIMARÃES, 2015).

Na sequência, trataremos sobre a interlocução de Ducrot com Platão e Saussure.

1.5.1 Alteridade, relação e valor: princípios e noções basilares na constituição da Semântica Linguística

A teoria da alteridade é apresentada por Platão em *O Sofista* por meio do personagem “Estrangeiro”. Ao criar o inventário dos gêneros primeiros, ou das categorias fundamentais da realidade, como designa Ducrot (2009a, p.10), Platão os enumera, pela ordem, o Movimento, o Repouso, o Mesmo ou o Ser, e o Outro. Ao assinalar que este último gênero se distingue dos demais, atribui-lhe o predicado de gênero dos gêneros e o fundamento de todos os outros. Para explicar a importância do gênero Outro, extrai da obra de Platão (*O Sofista* 255e), a seguinte citação: “Da essência do Outro, diremos que ele circula através de todas, porque se cada uma delas, individualmente, é diferente das demais, não é em virtude da própria essência, mas de sua participação na natureza do Outro”. (DUCROT, 2009a, p. 10).

Na análise que faz dos gêneros o Idêntico (o Mesmo) e o Diferente (o Outro), Platão, ao contrário da tese de Parmênides, diz que “o não ser de cada ser é uma realidade que se lhe opõe, isto é, o não ser é o outro (a Diferença) fragmentado entre os seres segundo a reciprocidade da sua relação”. (PAVIANI, 1993, p. 47).

Em relação à negação, Platão (2003) admite que “a negação não significa ‘contradição’ (ou oposição); ela significa ‘diferença’. Uma coisa (um fato, um estado de coisas) negada é uma realidade diferente daquela que se negou. É nesse sentido que Cordero (2005, p. 175, tradução nossa) sugere a leitura de *O Sofista* de Platão, de maneira a percorrer um caminho pelo qual se torna possível buscar “uma noção (a de não ser), a um conceito (o de ser), um caminho que leva de uma noção (a do não-ser) a outra, para outro (o do "outro")”²⁴.

Destaca ainda Cordero (2005) que a noção de caminho, neste caso, diz respeito somente a nós mesmos, no papel de intérprete. Com efeito, parafraseamos Cordero (2005) quando propõe discutir sobre a seguinte questão: “Do não-ser a outro. A descoberta da alteridade no sofista de Platão”²⁵. (CORDERO, 2005, p.175, tradução nossa). Em outras palavras, podemos dizer que conhecer a ‘gênese’ da noção de alteridade, requer atentar para o seu processo constitutivo, a partir de um caminho longo, de tal complexidade, que se apresenta de paradoxos, reflexões e ‘becos sem saída’, conforme constam nos escritos da chamada ‘velha filosofia’, desde suas origens até o filósofo Platão, afirma Cordero (2005).

Platão (2003) institui o primado da alteridade ao relacionar o não ser com a negação. Para ele, há uma mistura de ser (semelhança) e de não-ser (diferença) em cada realidade. Daí, a noção de que um ser significa o mesmo, pois é idêntico a si próprio – semelhante. Mas, também, não é idêntico a si mesmo, é outro ser – diferente, sendo o (não-ser). Na perspectiva de Cordero (2005), Platão concebe a identidade como a unidade do ser, que a partir da diferença (não-ser) é que se constitui o idêntico (ser). Dito de outro modo, a alteridade de Platão, ou seja, o caráter da negação no diálogo *O Sofista* está no não-ser, e não naquilo que alguns intérpretes consideram como oposição. Isto ocorre porque a alteridade implica a relação de outrem – do Outro – e do não-ser, fundamental, na constituição do ser.

A definição do não-ser como alteridade permite a Platão estabelecer a relação entre discurso e *não-ser*: “consideramos que o não-ser era um dos gêneros do ser, permeando todas as coisas que são. [...] Portanto, o próximo passo é indagar se ele se mescla com a opinião e o discurso”. (SOFISTA, 260b). Pelo que observamos, para Platão a alteridade é constituída de Ser e não-ser, cuja relação é constitutiva de semelhança e diferença. Diante disso, cabe aqui

²⁴ “[...] d'une notion (celle du non-être) à une autre (celle de « l'autre »). (CORDERO, 2005, p.175).

²⁵ “[...] du non-être à l'autre. la découverte de l'altérité dans le sophiste de Platon. (CORDERO, 2005, p.178)

observar que cada ‘um’ é diferente dos outros, no entanto, idêntico a si mesmo. Nota-se que essa é a — hipótese de Platão a respeito da teoria dos gêneros – a alteridade.

Ao tratar da analogia da/não divisão/fragmentação entre “ser e não-ser” e “língua e fala”, Saussure (2004) em “III. Notas sobre o discurso”, –indaga: “A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que em dado momento permite dizer que a língua *entra* em ação como discurso?”.

Com base no diálogo entre Ducrot, Saussure e Platão, Ducrot se apropria do princípio de alteridade do filósofo grego e do conceito do valor de Saussure – princípios basilares da Teoria da Argumentação na Língua. Vejamos sobre o valor linguístico em Saussure.

No capítulo “Valor”, Saussure, segundo Ducrot (2009a), aplica às palavras da língua o que Platão disse sobre as ideias. Diz ainda que a teoria saussuriana do *valor* se fundamenta filosoficamente na teoria da *alteridade* de Platão, visto que para Saussure, “a oposição é constitutiva do signo da mesma forma que a alteridade é, para Platão, constitutiva das ideias. O valor de uma palavra, ou seja, “sua realidade linguística – é o que a opõe às outras”. (DUCROT, 2009a, 10).

Ainda para Saussure (2004, p. 74),

Considerada de qualquer ponto de vista que pretenda ter em conta sua essência, a língua consiste, não em um sistema de valores absolutos ou positivos, mas em um sistema de valores relativos e negativos, que não tem existência, a não ser como efeito de sua oposição.

Com efeito, notamos que a ‘oposição’ não diz respeito à contradição, sentido oposto. Estabelece relação com a diferença, pois se refere ao não-ser, à negatividade – à *alteridade*.

A tese ducrotiana “na língua existem apenas relações, a relação pré-existe no final” (DUCROT, 1988, p.183, tradução nossa)²⁶ traz à tona a questão clássica defendida por Saussure no que diz respeito ao valor linguístico. O linguista considera que o valor linguístico se dá pelas relações de uma palavra com outros ‘valores’, a essência da língua.

Saussure (2004), ao tratar do valor linguístico, afirma que a partir da significação e do conceito do signo, o valor (conceito) de uma palavra é determinado pelas relações com outros valores semelhantes, visto que sem eles impossibilita a existência da significação, pois

[...] é preciso reconhecer que valor exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardinal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*. (SAUSSURE, 2004, p. 30, grifo do autor).

²⁶ “[...] es la idea según la cual en la lengua sólo existen relaciones, la relación preexiste al término. (DUCROT, 1988, p.183).

Diz ainda Saussure (2003, p. 134) que

todos os valores parecem estar regidos por esse princípio paradoxal. Ou seja, os valores são sempre constituídos de: 1º por uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar; 2º por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa”.

Essas citações sintetizam a visão de Saussure sobre o *valor linguístico* e ao tomar a língua como um sistema de signos, em que todos os termos são solidários no jogo linguístico, o valor de cada um se constitui pela presença simultânea de outros, isto é, por relações e diferenças com outros termos da língua. Daí, o jogo das oposições linguísticas que explicam o sentido na linguagem pela noção de valor. Do mesmo modo que uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante, uma ideia pode ser comparada com algo da mesma natureza, uma outra palavra.

Segundo Ducrot (1996, p.04, tradução nossa), “depois de Saussure, a maioria dos linguistas admite que descrever uma língua é descrever certas relações – a natureza das quais eles podem discutir – existente entre os seus elementos”²⁷. E essas relações são defendidas por Saussure (2003, p. 142), quando diz “num estado de língua, tudo se baseia em relações [...]” e, portanto, se reduz a duas esferas distintas, às relações sintagmáticas (*in praesentia*) e às relações associativas (*in absentia*). Sobre a primeira, não se aplica apenas às palavras, mas aos grupos de palavras, isto é, às unidades complexas, às combinações de toda dimensão e de toda espécie. Já, a segunda relação se apresenta pela variedade de relações de natureza diversas, as quais são produzidas fora do discurso, uma vez que são constituídas a partir da particularidade do cérebro, ou seja, uma associação mental da língua de cada indivíduo. (SAUSSURE, 2003).

Em Saussure (2003), é possível reconhecer a alteridade de Platão a partir do jogo das oposições – relações negativas e diferenciais:

Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são **puramente diferenciais**, definidos não positivamente por seu conteúdo, **mas negativamente por suas relações** com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são. (SAUSSURE, 2003, p. 136, grifo nosso).

Nesse sentido, observamos que nos aspectos diferenciais dos valores está a alteridade de Platão. A questão conceitual do valor se constitui somente pelas relações que se dá com outros termos da língua. Assim, o valor de uma palavra diz respeito a sua realidade linguística

²⁷ “Depuis Saussure, la plupart des linguistes admettent que décrire une langue, c’est décrire certaines relations — sur la nature desquelles ils peuvent discuter — existant entre ses éléments”. (DUCROT, 1996, p. 04).

– que é sempre opositiva, ou seja, “é o que a opõe às outras. [...] Seu ser é ser outro. E todas as vezes que tentamos atribuir-lhe uma característica positiva, escondemos sua verdadeira natureza [...]”. (DUCROT, 2009a, p.11).

Considerando o princípio platônico da alteridade e o conceito do valor de Saussure, Ducrot propõe estabelecer relações intralinguísticas na relação do Outro platônico, mantendo a oposição/diferença como conceitos constitutivos do sentido semântico-argumentativo dos enunciados na TAL/TBS.

A seguir, trataremos da relação da TAL com os princípios da filosofia, do estruturalismo e da enunciação.

1.6 Conceitos da Teoria da Argumentação na Língua: filosofia, estruturalismo linguístico e enunciação

Ducrot (1988) informa que enunciar é, conseqüentemente, *argumentar*. Nessa perspectiva, argumentar difere do efeito retórico, ou seja, do esforço persuasivo, visto que “a língua, independentemente das utilizações que dela podem ser feitas, apresenta-se, fundamentalmente, como o lugar do debate e da confrontação das subjetividades”. (DUCROT, 1987, p. 30).

Na concepção ducrotiana, pensar a/na confrontação nos possibilita visualizar a alteridade, pois nos leva a pensar na relação existente entre *ser/não-ser* e *eu/outro*, por meio da relação semântica entre palavras que ocorre a partir da diferença e não da oposição entre si. Desse modo, torna-se relevante destacar que ambas as teorias, TAL e TBS, não têm interesse pelo sujeito que enuncia. Ao contrário, preocupa-se com o produto do dizer, com o dito, isto é, com a enunciação e a significação que as palavras expressam no discurso.

De acordo com Ducrot (1988), a argumentação se constitui como característica essencial, fundamental na língua. Logo, o discurso é visto como um fenômeno de caráter observável, constitutivo de uma sequência de enunciados. (DUCROT, 1987). E a “enunciação é o produto da atividade do sujeito falante, quer dizer, um segmento de discurso, ou em outros termos [...] do enunciado”. (DUCROT, 1987, p. 168).

Ducrot (2009a) parte do Outro platônico e define o enunciado como uma entidade linguística: *a fala*.

O enunciado se definirá então pelas possibilidades de resposta que abre e por aquelas que fecha. [...] Se falar é antes de mais nada, constituir seu próprio pensamento obrigando outrem a nos enviar dele um reflexo, e se a língua tem por função

primordial permitir este jogo da fala, o enunciado (tomado aqui como protótipo da entidade linguística) não é mais nada em si mesmo, não é senão uma alusão a outros enunciados [...]. (DUCROT, 2009a, p.11-12).

Na defesa de sua proposição argumentativa, Ducrot (2009b) estabelece a distinção entre as duas noções: (i) *argumentação retórica* e (ii) *argumentação linguística*, por discordar de Aristóteles quanto ao papel persuasivo dado à argumentação, e por defender que a argumentação é linguística, isto é, discursiva. Nessa posição, Ducrot (2009a) pontua que a primeira é objeto de estudos ‘tradicionais da retórica’, uma atividade de caráter verbal que objetiva persuadir alguém a acreditar em alguma coisa; e a segunda noção, *argumentação linguística*, não tem relação alguma com a primeira, pois a argumentação linguística é “[...] a argumentação discursiva e não tem nenhum caráter racional [...]”. (DUCROT, 2009b, p. 21). Embora a *argumentação linguística* forneça a possibilidade de persuasão, desconsidera qualquer caráter de justificação e defende que não há relação alguma com o *logos*, pois a existência do seu papel persuasivo não se deve ao aspecto veritativo.

Guimarães (2015) destaca que ao opor-se ao caráter não conversacional, Ducrot (1987-1988) se reserva a defender a concepção argumentativa convencional. A partir disso, observamos um distanciamento de Ducrot (1987-1988) da lógica da linguagem, em que a língua é vista como um dispositivo persuasivo – língua como função secundária, como acessório, e passa a conceber a lógica como um fenômeno da linguagem. Esta última está associada ao fato de a TAL/TBS ser de base estruturalista saussuriana.

Segundo Ducrot (1988), a noção de valor argumentativo está naquilo que ele define como ‘sentido de uma palavra’, que, simultaneamente, significa/indica uma orientação discursiva. Para tanto, Ducrot desenvolve o conceito de valor argumentativo a partir da noção de alteridade de Platão, trazida por Saussure para o estudo da linguagem pela noção de valor linguístico, e usa essa noção “no emprego da língua, mostrando-o em diferentes níveis: na relação entre entidades lexicais, entre enunciados, entre discursos, entre locutor e alocutário”. (BARBISAN, 2013, p. 20).

Nessa linha, Ducrot (1988, p. 51, tradução nossa) define o valor argumentativo²⁸ como “a orientação que essa palavra dá ao discurso”. O autor, ao tratar do uso/emprego de uma palavra acentua que isto possibilita “[...] uma certa continuação do discurso e o valor

²⁸ “[...] la orientación que esa palabra dá al discurso [...]. (DUCROT, 1988, p. 51).

argumentativo dessa palavra é o conjunto dessas possibilidades ou impossibilidades discursivas de continuação que o seu emprego determina”²⁹. (DUCROT, 1988, p. 51, tradução nossa).

Considerado por Ducrot como o nível fundamental da descrição semântica, o valor argumentativo dá conta dos principais efeitos do enunciado: os subjetivos e intersubjetivos. Conforme Ducrot (1988), o valor argumentativo de uma palavra está na orientação que essa palavra direciona outros discursos, em razão do uso/emprego de uma palavra indicar certa continuação do discurso, visto que o valor argumentativo é considerado pelo autor como “o nível fundamental da descrição semântica”³⁰. (DUCROT, 1988, p. 51, tradução nossa).

O estudo das relações é um outro princípio que leva Ducrot (1988) a reconhecer sentido nos trabalhos de Saussure para o desenvolvimento do seu pressuposto na argumentação, ou seja, interessa-lhe o princípio das relações de cunho estruturalista defendida por Saussure.

A respeito das concepções dicotômicas de Saussure, Ducrot (1988) define a oposição ‘língua e fala’ como o princípio saussuriano que mais lhe foi útil e respeitado em todo o seu trabalho: a “*língua* vista como objeto teórico construído, e a *fala* vista como um conjunto de dados observáveis”³¹. (DUCROT, 1983, p. 183, tradução nossa). No entanto, o autor, por sua vez, introduz em seu objeto teórico (*a língua*) elementos do tipo discursivo e pragmático que, diferentemente, de Saussure, relacionam apenas àquilo que se observa (*a fala*). DUCROT, 1988, p.183)³².

Daí a retomada do campo pragmático por Ducrot (1987) quando introduz *a fala* para realizar a descrição semântica e utilizar “a terminologia saussuriana tradicional, que o leva a afirmar, por exemplo, que uma linguística da língua é impossível se não for também uma linguística da fala”. (DUCROT, 1987, p. 63). Isto porque “queremos dizer que o objeto teórico “língua” não pode ser construído sem fazer-se alusão à atividade de fala”. (DUCROT, 1987, p. 64). Mas adverte sobre a precaução para esta reformulação – “cômoda e aparentemente inteligível – não repouse num deslize de sentido”.

Nessa formulação, Ducrot (1987) destaca que a oposição tem, em Saussure, duas funções: (i) a metodológica, associada à distinção clássica entre o objeto construído pelo pesquisador; (ii) e o dado do qual, para Saussure, deve fornecer uma explicação. Ducrot adverte

²⁹ “[...] una cierta continuación del discurso y el valor argumentativo de esa palabra es el conjunto de esas posibilidades o imposibilidades de continuación discursiva que su empleo determina”. (DUCROT, 1988, p. 51).

³⁰ Considerado pelo autor, “[...] como el nivel fundamental de la descripción semântica”. (DUCROT, 1988, p. 51).

³¹ “[...] lengua, vista como objeto teórico construído, y habla, vista como um conjunto de datos observables”. (DUCROT, 1988, p.183).

³² Parafraseamos aquí Ducrot (1988): “[...] trato de respetar, aun si em mi objeto teórico (la lengua) introduzco elementos de tipo discursivo y pragmático que para Saussure tienen que ver solamente com lo observable (el habla)”. (DUCROT, 1988, p.183).

sobre a questão do ‘deslize de sentido’ entre língua e fala, quando Saussure estabelece a dicotomia e “compara as relações entre língua e fala às que existem entre uma partitura e sua execução por um músico: a partitura é tanto quanto sua execução, um dado observável”. (DUCROT, 1987, p. 64).

É pertinente salientar que embora a Teoria da Argumentação na Língua (TAL) tenha passado por diferentes fases, a TBS (considerada como continuidade da TAL – em sua 3ª fase), mantém o pressuposto inicial de que a argumentação está inscrita na língua.

Ducrot (1988) apresenta a Teoria da Argumentação na Língua em diferentes fases.

- *Primeira Fase* – chamada de forma *Standard*, a argumentação tem relação com as possibilidades de conclusão, pois há uma ordem em que o primeiro segmento é argumento e o segundo, uma única possibilidade, a conclusão, cujo valor semântico se constitui na relação entre ambos segmentos ligados por uma conjunção, isto é, por um conector.

- *Segunda Fase* - Ducrot (1987) desenvolve a *Teoria da Polifonia* e a *Teoria dos Topoi* conhecidas como a forma ampliada da Teoria da Argumentação na Língua. Tem como característica principal intervir e integrar a noção de polifonia e os *topoi* aos estudos da argumentação.

- *Terceira Fase - Teoria dos Blocos Semânticos* (TBS), a versão mais recente da TAL, desenvolvida por Marion Carel (1992, 1997, 1998, 2001) e por Ducrot e Carel (1999).

A seguir, vamos mostrar a construção do percurso das duas primeiras fases da Teoria da Argumentação na Língua, visto que a terceira será discutida no próximo capítulo.

No primeiro momento da teoria, Ducrot e Anscombe (1983, 1994) elaboram a forma *Standard*, partindo dos conceitos de frase e enunciado, significação e sentido. Ducrot (1987), ao sustentar que há uma distinção entre essas entidades linguísticas, e estabelece uma relação semântica entre significação e sentido. A “significação” ocorre no nível da frase e “sentido”, no nível do enunciado. Segundo Ducrot (1987), o sentido (enunciado) pertence ao domínio do observável, ao domínio dos fatos. E o fato, segundo Ducrot, deve ser explicado/descrito, pois refere-se às interpretações em que o enunciado está suscetível.

Na forma *Standard*, a argumentação se dá na relação argumento-conclusão, enquanto encadeamento argumentativo, ou seja, o que é dito não tem sentido antes das conclusões. A partir daí, Ducrot (1988) apresenta a premissa argumentativa existente na relação entre argumento (A) conclusão (C) ligados por uma conjunção, por exemplo, do tipo, “mas”. (DUCROT, 1988, p. 55).

Ducrot (1988) concebe que descrever uma língua é descrever de modo sistemático as frases dessa língua, uma descrição semântica que consiste em calcular um valor semântico,

regulado pelos operadores argumentativos que permitem tal cálculo/descrição semântica, por exemplo: entre “*X pero Y*”. (DUCROT, 1988, p. 56).

Vejamos os exemplos:

- (i) Faz sol, vamos sair;
- (ii) Faz sol, não vamos sair.

Nesses enunciados, o valor semântico da expressão – *Faz sol* – varia de acordo com as conclusões que se tiram dessa expressão. No primeiro exemplo, *o sol é favorável ao passeio*; e no segundo, *o sol é desfavorável ao passeio*.

Na segunda fase da Teoria da Argumentação na Língua, Ducrot (1988) parte da noção de polifonia originária de Bakhtin e da oposição à unicidade do sujeito de Benveniste, e elabora o sentido polifônico, mostrando que “o autor de um enunciado não se expressa nunca diretamente, mas que põe em cena em um mesmo enunciado um certo número de personagens”³³. (DUCROT, 1988, p. 16, tradução nossa). Essas personagens tratam-se das figuras enunciativas que abrangem uma diversidade de representação do sujeito no enunciado e fazem parte de seu sentido.

Ainda nessa fase, Ducrot (1988) faz uma aproximação com as formas tópicas da *Teoria da Polifonia* para dizer que, mediante uma forma tópica, os enunciadores apresentam seus pontos de vista. Vejamos o que define Ducrot (1987, p. 192) sobre os enunciadores:

Chamo “enunciadores” estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles “falam” é somente no sentido de que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras.

Ducrot (1988) afirma ter construído uma teoria polifônica da enunciação de maneira a resolver uma questão a qual provocava inúmeras discussões e dificuldades: a unicidade do sujeito – um único ponto de vista acerca de um enunciado. Na perspectiva desse autor, em um enunciado há diferentes vozes, os enunciadores, que são os pontos de vista.

No que diz respeito à Teoria dos *Topoi*, a tese central é que a relação Argumento e Conclusão – (A) (C) é mediada por um *topos* como garantia do sentido do enunciado. Com efeito, Ducrot (1988) afirma que o termo *topos* foi tomado de Aristóteles, mas garante ter realizado algumas modificações na noção aristotélica³⁴. Segundo Ducrot (1988), para

³³ “[...] el autor de un enunciado no se expresa nunca directamente, sino que pone en escena em el mismo enunciado um certo número de personajes”. (DUCROT, 1988, p. 16).

³⁴ Ver mais detalhadamente sobre *topos* em: *Definición General de la Noción de Topos*. (ANSCOMBRE e DUCROT, 1994).

Aristóteles, “um *topos* é uma espécie de depósito onde um orador pode encontrar toda classe de argumentos possíveis que lhe servem para defender as suas teses”³⁵. (DUCROT, 1988, p. 102, tradução nossa).

De acordo com Ducrot (1988), o *topos* “[...] é um princípio argumentativo e não um conjunto qualquer de argumentos. [...] o *topos* é [...] uma garantia que assegura a passagem do argumento à conclusão”³⁶. (DUCROT, 1988, p.102, tradução nossa).

Na visão de Freitas (2006), o *topos* apresenta três propriedades:

1^a – A universalidade se apresenta como um lugar comum dado ao enunciador e às outras pessoas, e é partilhado por uma comunidade linguística.

2^a – A generalidade é usada para integrar o estado de coisas particulares de que se fala a uma categoria muito mais geral, e deve ser considerado válido para várias situações semelhantes.

3^a – A gradualidade coloca em relação a duas propriedades graduais, isto é, na passagem de um argumento para uma conclusão, o *topos* põe em relação duas escalas. Em um enunciado, o interpretante escolhe certas palavras capazes de conferir maior ou menor força argumentativa aos discursos em um ato, que percorre tanto uma quanto a outra escala, formando a gradualidade, com possibilidades de comparar o mais e o menos.

Nessa perspectiva, utilizar o *topos* ao falar significa construir uma imagem tópica, pois ele é o encadeamento, a passagem do ponto de articulação entre a língua e o discurso argumentativo. Ao integrar a Teoria dos Topoi e a Teoria da Polifonia, Anscombe e Ducrot (1987, 1988, 1994) consideram que descrever semanticamente um enunciado significa descrever os elementos semânticos, de modo que o uso de um *topos* garanta o movimento do argumento para a conclusão. O sentido de uma unidade linguística é constituído por alguns encadeamentos discursivos que ela evoca, as argumentações.

Vejamos os exemplos:

- (i) Paulo trabalhou um pouco, terá êxito;
- (ii) Paulo trabalhou pouco, irá fracassar;
- (iii) Paulo trabalhou pouco, terá êxito.

³⁵ “[...] un topos es una especie de depósito donde un orador puede encontrar toda clase de argumentos que le sirven para defender sus tesis”. (DUCROT, 1988, p. 102).

³⁶ “[...] es un principio argumentativo y no un conjunto cualquiera de argumentos. [...] El topos es, [...] un garante que asegura el paso del argumento a la conclusión”. (DUCROT, 1988, p.102).

Nessa forma tópica, temos o funcionamento dos *topoi*, em que os enunciados orientam por meio dos morfemas *um pouco* e *pouco* o sentido do *topos* em (i) e (iii) o trabalho conduz ao êxito; em (ii) o trabalho é causa de fracasso. Há que se destacar que podemos tirar a mesma conclusão a partir do enunciado com *pouco* e *um pouco*. Isso ocorre devido à ideia “de que o locutor concebe o trabalho”, justifica por meio do *topos*, visto como “o intermediário entre o argumento e a conclusão”. (GRAEFF; COSTENARO, 2009, p.155).

O valor argumentativo desse modo é o responsável pela direção argumentativa do discurso. As frases “Pedro trabalhou pouco” e “Pedro trabalhou um pouco” enunciam um mesmo fato, mas têm direções argumentativas diferentes. Essas frases indicam o mesmo fato e o teor de verdade: (i) implica na verdade do (iii): *trabalho em pequena quantidade*. No entanto, essas frases nos permitem chegar a diferentes conclusões. Assim, as expressões *pouco* e *um pouco* determinam o valor argumentativo dos enunciados em que aparecem. O valor argumentativo se sobrepõe ao valor informativo, pois um enunciado contém um ato de argumentação.

A partir do percurso teórico das fases da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), Marion Carel (1992), ao discordar de que o argumento e a conclusão podem ser interpretados independentemente um do outro, passa a conceber que tanto o argumento quanto a conclusão se constituem numa relação de interdependência³⁷, um não tem sentido sem o outro, o sentido de um é constitutivo do sentido do outro.

Marion Carel (1992), ao retomar a concepção inicial da TAL, concebe o estudo da língua puramente discursivo, considerando as suas regularidades internas, explicando de que modo se dá a constituição do sentido quando se pensa que a argumentação existe, em razão de suas próprias regularidades. (CAREL, 2001b, p.75, tradução nossa)³⁸.

Sobre o exposto acima, corroboramos com Carel e Ducrot (2005) quando assumem a radicalização da TAL. Nessa direção, a tese de Marion Carel (1992) é vista como uma crítica à Teoria dos Topoi e isso ocorre quando Carel (1992) observa que essa teoria deixa de conceber a argumentação enquanto puramente linguística. Ao se referir a Carel (2005), destaca Ducrot (2005) que essa autora compreendeu que na realidade essa teoria traiu a própria ideia da Teoria

³⁷ Trataremos a respeito da interdependência mais especificamente no capítulo II- em nossa discussão sobre o construto teórico da Teoria dos Blocos Semânticos – TBS.

³⁸ Je présente ici une notion d’argumentation purement discursive. Je n’entends pas par là prendre position dans un débat concernant la nature de l’argumentation. Un tel débat suppose en effet que l’on se soit préalablement mis d’accord sur ce qui est une argumentation et ce qui n’en est pas une. Il suppose que la notion même d’argumentation soit déjà définie. Je me propose au contraire de définir une notion d’argumentation. Je chercherai ensuite à montrer qu’elle permet de mettre en évidence et de traiter des phénomènes variés. (CAREL, 2001, p. 75).

da Argumentação na Língua – TADL, ao basear a argumentação em elementos existentes no mundo, na realidade, em informações extralinguísticas.

Apresentaremos, no próximo capítulo, os fundamentos da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvidos por Marion Carel (1992, 1997, 1998, 2001) e por Ducrot e Carel (1999).

CAPÍTULO II

OS FUNDAMENTOS DA TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS

Propomos, neste capítulo, apresentar os fundamentos da TBS, dando relevo a dois conceitos considerados caros a essa teoria: (i) o de *polifonia*, que após ter sido revisado/reformulado, “é vinculado e complementado na Teoria dos Blocos Semânticos, desenvolvida por Marion Carel e Ducrot, especialmente, a partir de 1992, ano em que a linguista lançou a teoria” (KLEIN; FORNECK, 2015, p. 59); e o de (ii) blocos semânticos, “delimitado na terceira e atual fase da TAL, a Teoria dos Blocos Semânticos. (KLEIN; FORNECK, 2015, p. 58).

2.1 O Conceito de Polifonia

De acordo com Ducrot e Carel (2010), a ideia central da atual concepção de polifonia “[...] não é do tipo referencial e que não pode ser vista como alusão a indivíduos. Ela marca certo modo de garantir o dito, certo tom para apresentá-lo e a exigência correlativa de um tom particular para refutá-lo”. (CAREL; DUCROT, 2010, p. 21).

Ducrot (1988), após mostrar sua insatisfação em relação à concepção veritativa da significação, a qual intenciona invalidar, apresenta os conceitos teóricos da polifonia no que concerne à descrição do enunciado, “[...] uma espécie de diálogo cristalizado. Mais exatamente, o sentido do enunciado [...] a enunciação como a confrontação de diversas vozes [...]”³⁹. (DUCROT, 1988, p.160, tradução nossa). Eis, então, o sentido polifônico da enunciação, diferentes modos de argumentar (diferentes vozes), ou seja, “[...] uma multidão de pontos de vista diferentes [...]” – (enunciadores) evocados por um enunciado – em que o locutor dialoga com “[...] uma multidão de atitudes na relação com esses pontos de vista”⁴⁰, quando este declara/enuncia um conteúdo (enunciados) que ora concorda, opõe-se e se identifica ou não com o locutor. (DUCROT, 1988, p.68, tradução nossa).

³⁹ “[...] uma espécie de diálogo cristalizado. Más exatamente, el sentido del enunciado [...] la enunciación como la confrontación de diversas voces [...]”. (DUCROT, 1988, p.160).

⁴⁰ “[...] una multitud de puntos de vista diferentes [...] toma una multitud de actitudes en relación com esos puntos de vista”. (DUCROT, 1988, p. 68).

Conforme De Quadros Schermack e De Freitas (2021), Ducrot (1990) considera como foco da teoria a argumentação, isto é,

as marcas que o locutor, responsável pelo enunciado, coloca em seu discurso. Essas marcas se apresentam tanto de forma explícita, do ponto de vista da relação entre locutor e interlocutor, quanto entre o locutor e outros sujeitos, os enunciadores, que dialogam com o locutor em diferentes níveis de implicação, postulando a não unicidade de sujeitos do enunciado. Então, **as relações de significação se estabelecem não apenas entre palavras ou frases, mas igualmente entre discursos.** (DE QUADROS SCHERMACK; DE FREITAS, 2021, p. 62-63, grifo nosso).

Em relação ao enunciado negativo diz Ducrot (1980, p. 55): “o enunciado negativo permite que duas vozes antagônicas se expressem simultaneamente no mesmo enunciado. Assim, na descrição semântica polifônica de Ducrot (1988), um enunciado negativo traz dois personagens, isto é, dois enunciadores: (i) E1 que concorda com o locutor L; (ii) e um segundo E2, que refuta o ponto de vista do E1, ou seja, o E2 afirma ‘um conteúdo’, rejeitando o ponto de vista adverso. (DUCROT, 1988).

Carel (2011; 2021b) amplia essa discussão e atualiza o conceito de polifonia a partir da distinção que faz entre a polifonia formulada por Oswald Ducrot e por Mikhail Bakhtin. Carel (2011, p. 28) assevera que “A polifonia semântica e a polifonia intertextual compartilham assim o fato de serem declaradas”.

A polifonia intertextual, na perspectiva de Mikhail Bakhtin, faz pensar na alusão a vários conteúdos, decorrentes do fato de que “o conjunto de palavras faz alusão a um conjunto passado, e o locutor toma somente posição em relação ao conteúdo composicional do conjunto novo”. (CAREL, 2011, p. 28). Sendo assim, quando a polifonia é semântica, a “alusão a vários conteúdos é prefigurada na significação da frase enunciada e o locutor toma posição em relação a esses conteúdos”. (CAREL, 2011, p. 28).

É crucial pontuar que, neste percurso teórico, as questões como conceitos, noções, revisões, retomadas de decisão, ampliações e, sobretudo, aquelas as quais têm sido incorporadas à TBS, são extremamente relevantes e assumem um determinado espaço na escrita de Ducrot. As noções preservadas pela Teoria da Argumentação na Língua, ou seja, noções retomadas e novas perspectivas da/ na⁴¹ TBS, conforme assevera Carel (2019) em entrevista a Gomes (2019):

⁴¹ Daí, compreendemos, metodologicamente, a necessidade tratar, neste capítulo, sobre a Teoria da Polifonia e a Teoria dos *Topoi*, uma vez que estão relacionadas ao quadro constitutivo da Teoria dos Blocos Semânticos. Isto porque torna-se relevante discutir noções que se referem a ambas teorias, pois há vínculos, ou seja, do nosso ponto de vista, relações de ‘interdependência’ teórica, as quais são extremamente cruciais para o entendimento dos fundamentos da TBS.

[...] a hipótese geral segundo a qual falar consiste em construir um texto, em restringir a fala do interlocutor, em entrelaçar palavras. Nós não falamos por falta de podermos mostrar as coisas; nós não falamos por falta de podermos mostrar diretamente os pensamentos; nós falamos para entrelaçar palavras. **Falar é uma atividade, em si, que as próprias palavras regulam.** (CAREL; GOMES, 2019, p. 259, grifo nosso).

É nesse sentido que Carel (2019) nos leva a pensar sobre uma questão que nos dá sustentação teórica para pressupor que entre a TAL e a TBS não existe um hiato, isto é, uma separação total, dada a ligação teórica ‘umbilical’ inicial pela TAL e que é mantida pela TBS – de que a argumentação está inscrita na língua, no léxico, dada a existência de um regulamento próprio da língua que se dá quando falamos, enunciamos, construímos discursos pelo entrelaçamento de palavras, conteúdos que são vistos como encadeamentos argumentativos.

Partimos do pressuposto da não ruptura, isto é, não há um hiato entre a polifonia ducrotiana e a TAL/TBS, visto que pela polifonia é possível conceber o sentido semântico do enunciado sem recorrer aos recursos externos à língua. Desse modo, ao expressar o ponto de vista do locutor de um enunciado, pela realização linguística – expressões de vários enunciadores pelo léxico – não visualizamos distanciamento algum entre as ambas teorias.

Ducrot (2002) nos lembra que a Teoria dos Blocos Semânticos mantém e radicaliza algumas noções iniciais da Teoria da Argumentação na Língua – TAL. Por exemplo, o autor destaca que a concepção de sentido de uma entidade linguística é para Carel “ou evocar um conjunto de discursos ou, se ela tem função puramente combinatória, de modificar os conjuntos de discursos associados a outras entidades. Só o discurso é, portanto, doador de sentido”. (DUCROT, 2002, p. 7).

Estudos desenvolvidos, atualmente, por Ducrot em parceria com Carel, a partir da TBS – Teoria dos Blocos Semânticos, toma como sustentação teórica basilar a argumentação puramente discursiva, ou seja, concebe-se que esta é de uma ordem de caráter, estritamente, linguística, inscrita no léxico – no interior da língua. (CAREL; DUCROT, 2005; CAREL, 2001a).

Carel (2021b) admite retomar algumas noções e distinções defendidas por Ducrot, a exemplo de significação e sentido. A partir daí, a autora afirma que a *significação* diz respeito ao valor semântico de um termo fora do emprego/uso. O *sentido* é o valor semântico que implica o seu emprego. Logo, diremos também que um termo *significa* o seu valor semântico e que o emprego/uso *expressa* o seu referido valor. (CAREL, 2021d, grifo nosso).

Considerando o caráter estritamente linguístico, tem-se a argumentação, enquanto constituição discursiva que se dá nas relações entre palavras, isto é, em seu entrelaçamento lexical. Logo, pensamos o intralinguístico como a enunciação – emprego da língua. Em razão do aspecto intralinguístico, observamos que a TAL deixa de ancorar-se em aspectos ligados à lógica e à retórica, como era vista em princípio, conforme já destacado neste estudo⁴². Desse modo, a semantização, na perspectiva ducrotiana e de seus colaboradores, apresenta-se como um novo quadro que pode ser descrito como um desenho singular sobre a argumentação, especificamente a respeito da língua e seu uso.

Carel (2019) trata dos estudos sobre a oposição entre a língua fora de uso e o uso da língua, concebendo as palavras fora de uso. Desse modo, a autora centra-se em estudos os quais voltam-se não para a questão do conjunto gramatical e textual, considerando o usuário da língua e as marcas intencionais daquele que emprega a língua, mas para a significação das palavras e para a análise linguística, deixando de lado a questão da intencionalidade do emprego da língua, isto porque a significação lexical está nas relações entre palavras, permitindo assim a previsão do sentido do enunciado e o desenvolvimento discursivo. (CAREL; GOMES, 2019).

Para tanto, corroboramos com Carel (2021b, p. 353, grifo nosso) ao afirmar que

a enunciação é um fenômeno que concerne unicamente ao enunciado, e não às unidades lexicais, concebidas isoladamente. [...] seu conteúdo é o ponto de vista de alguém que afirma a defesa desse conteúdo, a sua retomada ou, ao contrário, a sua rejeição; [...] todo enunciado contrai de si mesmo um responsável. Ele se constitui como o fato de um locutor que “enuncia” um conteúdo”.

Destacamos que Carel (2021b, p. 353) apresenta a distinção entre as noções centrais da Teoria Argumentativa da Polifonia, “que são as noções de função textual e de modo enunciativo”. Para a autora, tratar da enunciação de um conteúdo visa pelo menos à caracterização de dois parâmetros: (i) a função textual e o (ii) modo enunciativo.

Essas funções dizem respeito às indicações que se referem ao modo dito “montagem de conteúdos que constituem um discurso [...] e participam da noção de complexo argumentativo”. (CAREL, 2021b, p. 374). Sobre os modos enunciativos, isto é, os tons de engajamento do locutor, assim como as atividades performativas, “todos eles decorrem das argumentações enunciativas evocadas pelo enunciado, de modo que o sentido de um enunciado é inteiramente analisável por encadeamentos argumentativos”. (CAREL, 2021b, p. 374)

⁴² Ver detalhes no Capítulo I.

A partir da atualização do conceito de Polifonia e de sua integração à TBS pelo viés conceitual de Carel, em parceria com Ducrot, passaremos a apresentar outro conceito caro à TBS – o de *bloco semântico*.

2.2 A Teoria dos Blocos Semânticos –TBS

Carel (2021a), ao prefaciá-la obra *Curso de Semântica Argumentativa* (2021), trata do processo de integração do conceito de *bloco semântico* à TBS, e acentua que tal evolução se deu em decorrência de uma questão conceitual que se deslocava da propositura inicial da Teoria da Argumentação na Língua – uma intervenção extralinguística. Daí surge a emergência de repensar e revisar conceitos, os quais resultaram na reformulação e ampliação da forma padrão – *standard* – acrescidas à TAL por questões conceituais de *topos*, assim como de polifonia.

Carel (2021a, p. 20 -21) explica:

O que levou às avessas a teoria da Argumentação na Língua foi a hipótese, que sobreveio em um segundo momento, de que os topoi não religam propriedades ou atividades do mundo. Eles não constituiriam crenças sobre o mundo, mas representariam diretamente ligações entre palavras, e seriam, pelo menos para alguns inscritos no significado do léxico. [...] Toda a língua seria argumentativa, e nenhum de seus usos saberia impedir o engano. Supostamente informativos ou por raciocínios, todos nossos discursos seriam apenas argumentações.

Nessa perspectiva, Carel (2021a) acrescenta que há uma outra problemática, ou seja, a argumentatividade não poderia mais se limitar tão somente aos operadores argumentativos, pois o papel destes operadores estaria ligado apenas à manutenção, intensificação ou à inversão da argumentatividade já existente no léxico.

No entanto, Carel (2021a) afirma que há um engano acerca da inexistência dos operadores argumentativos, desencadeando a ideia de que a gradualidade deixa de assumir o seu papel central. Isto se dá em razão de a Teoria dos Topoi conceber o *slogan* “todo enunciado é argumentativo”. (CAREL, 2021a, p.21). Para demonstrar tal equívoco, a autora analisa um enunciado a partir do emprego da palavra *trabalho* na forma simples – *Pedro trabalhou*, com ausência de um operador argumentativo. No caso, o valor semântico da palavra *trabalho* é direcionado apenas para o *sucesso*, pois, segundo Carel (2021a) seria possível anteceder o atributo de *sucesso* a Pedro, ou seja, “seria já pintar argumentativamente sua atividade, seria já dizer dela, que ela levará *Pedro ao sucesso*, seria já dizer que ele deverá ter *sucesso*”. (CAREL, 2021a, p.21).

Ainda no prefácio, Carel (2021a) levanta outra problemática na qual se tem a noção de *bloco semântico* como forma de resolução da questão que se apresenta, na independência das escalas dos *topoi*, assim como naquilo que diz respeito à lei de passagem, isto é, a sustentação de que os *topoi* “garantem a passagem do argumento à conclusão, se a conclusão já está, como a defendem Anscombe e Ducrot, no próprio sentido do argumento”. (CAREL, 2021a, p. 21).

Ducrot (2005, em parceria com Anscombe defendeu na Teoria dos *Topoi*, explica que “[...] as relações argumentativas em princípio não são de ordem linguística”⁴³. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 12-13, tradução nossa). Com base nessa posição, Ducrot (2005) observa que ele e Anscombe estariam embasando a argumentação em noções independentes da língua e, assim, “[...] renunciando o princípio saussuriano segundo o qual a língua só se estuda a partir dela mesma”⁴⁴. (CAREL; DUCROT, 2005, p.13, tradução nossa). É em razão desse deslocamento indevido que Ducrot (2005) reconhece a crítica feita por Carel em sua tese em 1992, quando esta, por sua vez, postula o princípio da ‘interdependência semântica’⁴⁵. (CAREL; DUCROT, p. 13). Logo, Carel e Ducrot passam a desenvolver os estudos em conjunto, conforme observa Ducrot (2005). (CAREL; DUCROT, 2005).

Segundo Carel (2016), a TBS é uma formulação radical da TAL: “é estruturalista naquilo que ela não explica as propriedades das palavras da língua, ou dos textos, por propriedades físicas ou psicológicas dos objetos ou dos seres do mundo. (CAREL; MACHADO, 2016, p. 39).

Carel (2021a) define o bloco semântico com um todo indecomponível e o slogan da Teoria dos Blocos Semânticos não é mais que todo enunciado é argumento, mas que todo enunciado é parafraseável por encadeamentos argumentativos. Ou seja, a argumentação não mais está associada apenas a uma conclusão, mas à interdependência semântica, em que o argumento e conclusão passam a fazer parte de um único bloco semântico.

Cerezoli e Azevedo (2021), por exemplo, enquanto semanticistas na perspectiva ducrotiana, admitem que a constituição do sentido dos discursos deixa ser aparente ou ingênua a partir da descrição semântico-argumentativa. Dessa forma, consideramos que o interlocutor pode aceitar ou não, ser favorável ou desfavorável às orientações argumentativas, pois a língua pode colocar à disposição dos falantes/usuários diferentes prefigurações de sentido,

⁴³ “[...] la relaciones argumentativas em principios que non son de orden lingüística”. CAREL; DUCROT, 2005, p. 12-13).

⁴⁴ “[...] renunciando al principio saussureano según el cual la lengua sólo se estudia a partir de ella misma”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 13).

⁴⁵ Trataremos a esse respeito no decorrer deste texto e, mais especificamente, nas análises.

encadeamentos de sentidos. Ou seja, “A indissociabilidade de X e Y, unidos por um ou outro conector-tipo, produz o sentido do discurso. A interdependência entre X e Y permite, ainda, o agrupamento de aspectos argumentativos em dois blocos, conhecidos como blocos semânticos”. (CEREZOLI; AZEVEDO, 2021, p. 04).

É um desafio tomar a TBS como pressuposto teórico de base nesta pesquisa, por se tratar de uma teoria recente, sujeita a reflexões e retomadas. A nossa preocupação, enquanto semanticista de base enunciativa, envolve um aspecto peculiar que é discutido por Machado (2017), o qual trata esse desafio apresentando o reconhecimento de Carel pelos deslocamentos e revisões da TAL: “nós estamos todo o tempo doutorando, deslocando, reformulando nossas teses. E isso põe uma questão: como estudar e operar uma teoria em constante revisão?” (CAREL; MACHADO, 2016, p. 45).

Sobre o processo de retomadas, revisões e reflexões contínuas, Machado (2017, p.1937) adverte: “o semanticista ou linguista que tenha interesse na TBS deve se disciplinar em estudos constantes de atualização [...]”. Acrescenta, ainda, o autor, que há como “produzir uma sintonia satisfatória entre conhecimentos e procedimentos exigidos pela TBS e as preocupações da Linguística, do Estruturalismo Enunciativo, da Semântica e especificamente dos estudos enunciativos da Argumentação”. (MACHADO, 2017, p. 1938).

Carel (2019), na fase atual da TBS, concebe que fundamentalmente a língua serve para argumentar. Desse modo, a arte de falar difere da argumentação referencialista que implica as condições de verdade e a arte de designar coisas ou fatos da existência no mundo e no pensamento. (CAREL; GOMES, 2019).

Com base no vídeo da conferência – *La Sémantique Argumentative*, destacamos que Carel observa que, igualmente à Teoria da Argumentação na Língua (TAL), a TBS também deixa de lado as intenções dos usuários da língua e objetiva a própria língua, uma vez que para ela e Ducrot “a significação linguística é unicamente argumentativa”, afirma Carel. (CAREL, (2020)⁴⁶.

Ainda no vídeo Carel (2020) afirma que “[...] isso não quer dizer que nossos discursos e trocas sejam ponderadores. Isso quer dizer que eles são estruturados, restritos”. Tomando a

⁴⁶Ver: *La Sémantique Argumentative* – Conferência realizada em 11.07.2020, 1:00 PM (UTC)11.07.2020, 10:00 AM (Local*), conforme resumo publicado no site da Associação Brasileira de Linguística Aplicada - ABRALIN, a referida conferência tem por objetivo apresentar os desenvolvimentos recentes “[não ousamos dizer os resultados]” da semântica argumentativa fundada por Anscombe e Ducrot, cuja sustentação teórica centra-se no sentido dos enunciados, isto é, enquanto constituição de “pontos de vista que prefiguram a sequência do discurso [...]”. Assim, conforme o referido resumo: “Dizer “estou pronto” é envolver meu atraso de um ponto de vista positivo, preparando a resposta “eu te espero” [...]”. Conferência proferida por Marion Carel. Vídeo. Trad. Alena Ciulla, 2020. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/marion-carel/>. Acesso em: jan. 2021.

TBS como um *continuum* da Teoria da Argumentação na Língua, podemos dizer que essa teoria comunga a ideia de que os enunciados não comunicam estados do mundo, mas pontos de vista. E esses pontos de vista “são restrições sobre a organização do texto, empreendida, na troca em questão. Nesse sentido é que são argumentativos”. (CAREL, 2020).⁴⁷

Carel (2020), em sua fase teórica mais recente, afirma que o sentido argumentativo não está para a TBS de igual modo como está para a TAL. Para a TAL, argumentar consiste em introduzir uma conclusão, cujos enunciados seriam parafraseáveis por encadeamentos de duas proposições conectadas por “portanto”; e para a TBS, a significação pode estar relacionada à argumentação que evoca encadeamentos conectados, seja em “portanto” ou em “no entanto”. Nessa linha, prever o sentido dos enunciados e o desenvolvimento dos discursos se dá em razão das possibilidades de relações entre palavras. (CAREL; GOMES, 2019).

A seguir, apresentaremos como se constróem as relações de sentido a partir do quadrado argumentativo na fase *Standard* da TBS.

2.2.1 O Quadrado Argumentativo: fase Standard da TBS

Para estabelecer relações de aspectos transgressivos e aspectos normativos, Carel (2005) lança mão de dois quadrados argumentativos para representar os dois Blocos Semânticos – BS1 e BS2 em seus ângulos, decorrentes da negação. Essa sistematização possibilita o uso da negação + conectores (normativo e transgressivo). Assim, Carel e Ducrot (2005) destacam que ao incluir a negação é que nos permite formar o quadrado argumentativo com oito possibilidades argumentativas.

Queremos destacar a diferença conceitual entre os aspectos argumentativos e os encadeamentos argumentativos. Os primeiros são responsáveis por formar o quadrado argumentativo e os segundos são os discursos doadores de sentido, os quais são ligados pelos conectores normativos e transgressivos, constituindo a significação das palavras.

Os encadeamentos não se constituem de fatos ou informações. O sentido das unidades linguísticas é constituído de certos discursos que essas entidades evocam. Atentamos para a fórmula geral que organiza os encadeamentos argumentativos: X conector Y. Carel e Ducrot

⁴⁷ Conforme já salientado anteriormente, ver vídeo da conferência – *La Sémantique Argumentative*. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/marion-carel/>. Acesso em: 12 de jan. 2021.

(2005) ressaltam que o encadeamento X refere-se a A e Y a B que, seguidos de uma palavra de valor negativo, estabelecem uma relação pertinente entre X e Y: X + conector + neg-Y.

No quadrado argumentativo, há possibilidades e impossibilidades quando a informação não é considerada. No entanto, Carel e Ducrot (2005) acentuam que essas impossibilidades desaparecem quando o enfoque é a argumentação ao considerarmos o conector correto.

A noção de encadeamento (sentido) na TBS é fundamental para entender um outro conceito que está intimamente ligado a esta noção: o aspecto argumentativo (significação). Aos encadeamentos argumentativos reserva-se o sentido, conforme acentua Ducrot (2002), acerca da definição de discurso/enunciação. Os aspectos são marcas linguísticas/estruturais ou pistas que direcionam ao leitor-interlocutor a compreensão dos sentidos não evidentes do texto/discurso.

Trataremos a seguir do conceito de *Bloco Semântico*.

2.3 Bloco Semântico: uma relação de interdependência semântica

A hipótese de Carel (1992), conforme observado em Carel e Ducrot (2005), é o conceito de interdependência semântica que surge quando a Teoria dos *Topoi* passa a ser vista como uma teoria ligada ao mundo externo. Dito de outro modo, a preocupação era não se distanciar do fundamento inicial da Teoria da Argumentação na Língua, o de que a argumentação está inscrita na língua.

É a partir do pressuposto de bloco semântico que surge a relação de interdependência semântica, como uma retomada do conceito de escala argumentativa de independência que não consegue sustentar a passagem do Argumento (A) à Conclusão (C). Vejamos o que dispõe Carel (2021a, p. 21-22, grifo nosso) a respeito das relações da interdependência semântica:

A Teoria dos Blocos Semânticos propõe ocupar-se dessa interdependência e fundir as escalas dos topoi em um “bloco”. Quanto mais escalas, do mesmo modo, mais maneiras de distinguir, em nossas argumentações, um argumento e uma conclusão. A nova unidade é o encadeamento argumentativo, em sua totalidade. Ele é concebido como um todo indecomponível, e o **slogan da Teoria dos Blocos Semânticos não é mais que todo enunciado é argumento, mas que todo enunciado é parafraseável por encadeamentos argumentativos.**

O deslocamento conceitual do *slogan* “todo enunciado é argumento” (dos *topoi*) para o *slogan* “todo enunciado é parafraseável” (CAREL, 2021a, p. 21, grifo nosso) passa a ser

concebido pela TBS e consiste na possibilidade de parafrasear todo e qualquer enunciado pelos chamados encadeamentos argumentativos.

Segundo a versão *Standard – TBS*, um aspecto argumentativo A pertence à argumentação externa de uma expressão E quando se cumpre as seguintes regras: (i) quando a expressão E exprime o aspecto A e (ii) quando a expressão E intervém material e semanticamente em determinados encadeamentos que concretizam o aspecto A, quer nos primeiros, quer nos segundos segmentos. (GOMES; LEBLER, 2021). Por exemplo: (i) Pedro *domina a língua inglesa, portanto* terá *sucesso*. Nesse encadeamento a intervenção de DOMINA é de natureza semântica, visto que esta palavra intervém materialmente no enunciado (ii) Pedro *domina a língua inglesa, portanto* terá *sucesso* e também participa da determinação do aspecto argumentativo expresso pelo enunciado.

Segundo Carel (2021a), a Argumentação Interna – AI é uma hipótese, cuja leitura aponta para duas direções, “[...] enunciados constituídos por um grupo sujeito e por um grupo verbal, como os encadeamentos argumentativos, constituídos gramaticalmente por duas proposições ligadas por uma conjunção argumentativa”. (CAREL, 2021a, p. 22). São esses encadeamentos que sustentam o discurso.

Nessa perspectiva, a autora parte do pressuposto de que o enunciado, enquanto apresentação de conteúdo (argumentações), é possível ser parafraseável através da relação entre entidades linguísticas que se constituem em blocos semânticos pelas relações de interdependência que ocorrem por meio de conectores do tipo normativo (*donc –DC*) e transgressivo (*pourtant –PT*), que assumem a função semântica de construir sentidos e de mostrar também o tipo de interdependência semântica das entidades linguísticas que estão em questão. Para a autora, essa hipótese defende que “Não há mais diferença entre julgamento e argumentação”. (CAREL, 2021a, p. 23).

Pelo viés teórico de Ducrot (1988), diferentemente do efeito da retórica, isto é, da persuasão, argumentar implica ‘enunciar’, visto que a língua assume o lugar do confronto das subjetividades que se dá a partir do debate. (DUCROT, 1987). A argumentação, na perspectiva da TAL, consiste na introdução de uma conclusão quando permite a realização de paráfrase dos enunciados, encadeamentos obtidos por duas proposições ligadas pelo operador argumentativo do tipo ‘portanto’. Já Carel (1992) desconsidera essa visão de Ducrot (1987, 1988), cujo efeito argumentativo ocorre em razão de uma ‘conclusão’ ocorrer por meio de ‘portanto’.

Vejamos como Carel e Gomes (2019, p. 215, grifo nosso) constroem a noção de argumentar. Para os autores, argumentar

consiste em evocar encadeamentos tanto em **portanto** quanto em **no entanto**. Essa alternativa é essencial para a TBS, de modo que a significação de perigo contém a indicação de que seria normal tomar precauções ou anormal de não o fazer. Não é mais uma questão de "conclusão", mas apenas de uma alternativa entre sequência "justificada", "normal", "esperada" e sequência "não justificada", "anormal", "inesperada".

Desse modo, os conectores *donc* (portanto) e *pourtant* (no entanto) passam a construir encadeamentos argumentativos e a questão de conclusão deixa de existir. Esses conectores passam a ser vistos como uma alternativa sequencial que se dá de dois modos: (i) justificável e (iii) não justificável. Trata-se, respectivamente, de considerar o primeiro como “normal e esperado” (normativo) por meio do conector *donc* e o segundo como “anormal e inesperado” (transgressivo).

Carel (2019), ao estabelecer a relação entre os dois modos de sequência: justificável e não justificável, retoma o exemplo clássico sobre a questão da palavra ‘prudente’. Vejamos o exemplo: *Pedro teve uma atitude prudente ao retornar antes da chuva*. Podemos parafrasear o exemplo, obtendo: “Diremos que ser prudente é tomar-precauções-por-causa-do-perigo (nota-se este valor PERIGO DC PRECAUÇÃO)”. (CAREL; GOMES, 2019, p. 218).

Conforme CAREL (2019), o valor semântico evocado pelo conector *donc*, no exemplo em questão, é “justificável, vista como uma relação argumentativa ‘normal e esperada’”. Com a palavra ‘temeroso’, enquanto uma relação argumentativa, tem-se nessa descrição uma alternativa de prever que “locutor de *Pedro teve uma atitude ‘medrosa’ ao retornar antes da chuva*, apresentando-se como não justificado, anormal [...]”. Neste enunciado, a chuva é causa do retorno de Pedro que tomou "precauções-apesar-da-ausência-de-perigo (nota-se este valor NEG PERIGO PT PRECAUÇÃO)”. (CAREL; GOMES, 2019, p. 218, grifo do autor).

Para a TBS, a significação de ‘perigo’ está relacionada à indicação que envolve duas sequências argumentativas, conforme acentua Carel (2019), de que seria normal a previsão de tomar precauções em caso de perigo e anormal e seria, então, não tomar precauções quando se prevê um perigo, aqui, especificamente, na relação argumentativa entre ‘retorno e chuva’. (CAREL; GOMES, 2019). Os fundamentos da TBS possibilitam prever que há uma relação argumentativa que se dá pela ligação entre “retorno e chuva”, entendida pela descrição da palavra ‘prudente’, em que temos em ‘prudente’ a alternativa vista como normal.

Face a essa análise argumentativa, corroboramos com Carel (2019) quando concebe que o sentido dos enunciados é “constituído por encadeamentos argumentativos [...]”. (CAREL; GOMES, 2019, p. 220). Os enunciados são discursos ligados por conjunções do tipo ‘no entanto’ e ‘portanto’, consideradas pela autora como duas proposições gramaticais. A autora

afirma que a TBS retomou da Teoria da Argumentação na Língua a hipótese geral, “segundo a qual falar consiste em construir um texto, em restringir a fala do interlocutor, em entrelaçar palavras”. (CAREL; GOMES, 2019, p. 215). De modo mais técnico, seguindo o pensamento da autora, ambas as teorias consideram a hipótese de que nossos discursos se organizam argumentativamente e, portanto, tal organização está prefigurada na significação das palavras.

Ao tratar de noções de língua, Carel (2019) nos atenta sobre a concepção da TBS, que para ela há uma diferença em relação à participação dos usuários da língua. Para a autora, essa diferença se dá em virtude da existência de uma oposição no que se refere ao ‘uso e não-uso da língua’, ou seja, “[...] trata-se de opor os estudos sobre a língua, fora do uso e os estudos sobre o uso da língua [...]”. (CAREL; GOMES, 2019, p. 217). Não há interesse por parte da TBS no estudo daquele que emprega a língua, tampouco nas intenções do sujeito falante.

Observamos que Ducrot (2002) realiza a classificação do léxico em (i) “palavras plenas”, que podem evocar discursos, a exemplo de ‘prudente’; (ii) e em “palavras instrumentais”, que não evocam discursos. No entanto, o autor adverte que não podemos negar o seu valor semântico, são exemplos dessas últimas os conectores do tipo *donc* (portanto) e *pourtant* (no entanto), os quais são responsáveis pelos discursos doadores de sentido, os encadeamentos argumentativos. Nessa categorização, Ducrot (2002) apresenta o seguinte esboço: A: Conectores (*donc...*), B: Articuladores (*mas...*) e C: Operadores: a) Modificadores (*pouco, um pouco...*) e b) internalizadores (outros empregos de *demais*, em vão).

Destacamos que até a fase *standard* da TBS, a significação compreendia apenas aspectos. Com a propositura dos conceitos de bloco e *quase-bloco* (TBS-atual), a significação compreende aspectos e *quase-bloco*.

Continuando o nosso percurso teórico, passamos a apresentar o conceito de *quase-bloco* – Fase atual da TBS.

2.4 A TBS- ATUAL: o conceito de *quase-bloco*

Na TBS atual, a noção de *quase-bloco*, núcleo semântico comum, entre dois aspectos é introduzida para fins de resolver questões colocadas pela noção de Argumentação Externa, visando dar conta da instabilidade do sentido dos enunciados. Destacamos ainda que na TBS - atual a significação compreende aspectos e *quase-blocos*.

Com a introdução dos *quase-blocos*, a TBS visa a uma melhor descrição da significação das palavras: “[...] até aqui, supunha-se comportar unicamente aspectos argumentativos que nós dividíamos em duas partes da significação, a argumentação interna e a

argumentação externa”. (CAREL; MACHADO, 2016, p. 40). Assim, a interpretação dos blocos semânticos consiste em seguir uma das duas direções do tipo argumentativo (i) normativo ou (ii) transgressivo que passa a dar lugar aos *quase-blocos*.

Carel (2017) pontua que Anscombre e Ducrot concebem que as palavras podem ser descritas pelos significados dos discursos argumentativos. Nessa perspectiva, a autora acredita na existência de dois tipos de relações entre as palavras e os discursos argumentativos: (i) argumentação interna e (ii) argumentação externa. O estudo das extensões argumentativas aos enunciados diz respeito à Argumentação Externa – AE, pois as palavras têm um exterior, consequências argumentativas. Na Argumentação Interna – AI, as argumentações não aparecem de maneira explícita, mas se resume a uma argumentação tal como em ‘perigo’ implica ‘tomar precauções’. Isto quer dizer que na AI é possível que o emprego de um termo pertença às paráfrases de encadeamentos argumentativos ligados por conectores.

No entanto, é possível distinguir as duas argumentações quando se tratar, por exemplo, do aspecto negativo de uma entidade linguística. Vejamos um exemplo a partir da descrição semântica da AE cauteloso (adjetivo): (i) “AI – (prudente): perigo DC precaução [...]”; (ii) “AE (prudente): prudente DC NEG- acidente; prudente PT acidente”⁴⁸. (CAREL, 2001b, p. 16, tradução nossa).

Na visão de Gomes (2020), ao longo de toda a trajetória da fase *Standard* da TBS – tratar da AI e AE conforme os conceitos desenvolvidos por Carel (1992) e Carel e Ducrot (2005) implica pensar em um conceito complexo acerca do que Saussure definiu como “mecanismo da língua”. (CLG, 1975). Na operacionalização de tal complexidade, isto é, no jogo das noções de AI e AE, estão as relações de natureza associativas e sintagmáticas saussurianas, as chamadas argumentativas, na perspectiva ducrotiana. (GOMES, 2020).

Em sua fase mais atual, Carel (2016) reconhece outras possibilidades de realizar estudos semânticos argumentativos na perspectiva da TBS, uma vez que para a autora (ainda em fase de construção), a língua deixa de ser unicamente um sistema argumentativo. No entanto, a autora admite que, atualmente, “[...] sem outra razão que apenas uma certa intuição – que uma interação é possível entre imagens e textos”. (CAREL; MACHADO, 2016, p. 39).

A possibilidade de interação entre imagens e textos leva a autora a interpretar o que as imagens comunicam e afirmar que elas também podem ser parafraseáveis por encadeamentos argumentativos:

⁴⁸“AI (prudent): danger DC précaution A; E (prudent): prudent DC NEG accident, prudent PT accident.”. (CAREL, 2001b, p. 16).

A língua é, então, o único sistema “argumentativo”? Eu não creio. Eu admito, assim, atualmente – sem outra razão que apenas uma certa intuição – que uma interação é possível entre imagens e textos. O que as imagens comunicam me parece parafraseável, frequentemente, por encadeamentos argumentativos. Dois exemplos. Um primeiro exemplo é dado pelas “danças macabras: [...] Estas danças macabras comunicam que a morte toca todo mundo. Em particular, elas comunicam: mesmo se alguém é poderoso, ele não pode escapar da morte (PODEROSO PT NEG CONSEGUIR). (CAREL; MACHADO, 2016, p. 39-40).

A introdução da interação entre imagens e o texto aos estudos da TBS dimensiona a análise puramente linguística e vai ao encontro do que afirma Carel: “O entrelaçamento argumentativo subjacente à língua [...] parece poder existir em outros sistemas”. (CAREL; MACHADO, 2016, p. 40). Daí, “[...] isto retém que eu estudo o sistema da língua nela mesma, sem me inspirar em outra coisa: isto é surpreendente (não circular) por encontrar em alguma coisa onde nós não tínhamos encontrado”. (CAREL; MACHADO, 2016, p. 40).

Ainda sobre a noção de *quase-bloco*, Carel (2021d, p. 219) afirma que essa noção “serve para descrever a significação dos termos”. Dessa maneira, admite retomar as distinções entre significação (aspectos) e sentido (encadeamentos), conforme defende Ducrot em seus estudos iniciais. A primeira diz respeito ao valor semântico de um termo fora do emprego (frase) e a segunda é o valor semântico de um emprego (enunciação), pois “diremos também que um termo “significa” tal valor e que o emprego do termo “expressa” tal valor”. (CAREL, 2021d, p. 219).

Ampliando a nossa discussão sobre a aplicação da noção de *quase-bloco* para a descrição do léxico, observamos que Carel (2021d) concebe a significação de uma entidade linguística, uma palavra, constituída de: (i) aspecto argumentativo e (ii) *quase-blocos*. O primeiro é definido como pertencente à significação de uma palavra, quando assumir a função argumentativa expressa por todos os empregos de uma determinada palavra, trata-se dos valores; o segundo, os *quase-blocos*, pertence à significação de uma palavra “se alguns empregos da palavra expressam uma de suas especificações, enquanto que os outros empregos expressam a outra especificação”. (CAREL, 2021d, p. 134).

Carel (2019) explica que a significação de uma palavra se constitui de esquemas argumentativos classificados em ‘aspectos e *quase-blocos*’. (CAREL; GOMES, 2019). Desse modo, é possível afirmar, com base em Carel (2021d), que os aspectos⁴⁹ estão para a AI assim como os *quase-blocos* estão para a AE.

⁴⁹ Carel (2019 *apud* CAREL; GOMES) se refere aos aspectos como aquilo que se trata dos ‘valores’. Nos atentaremos mais sobre isso durante o percurso do nosso trabalho.

Na discussão empreendida por Carel (2021d), a autora trata dos agrupamentos possíveis, ou seja, sobre os quatro aspectos do bloco semântico do *trabalho* e do *sucesso* que se encontram no nível inferior; o próprio bloco semântico que, por sua vez, está no nível superior, e os *quase-blocos* no meio. Este último é visto como noções de um grau de abstração definido como ‘intermediário’⁵⁰. Ou seja, “Nós havíamos comparado o bloco semântico à argila; continuando com a mesma metáfora, vamos comparar o *quase-bloco* a uma argila de determinada cor”. (CAREL, 2021d, p.130).

Carel (2021d) classifica os tipos de *quase-blocos* em:

(i) conversos em **X (Y)**: X DC Y e X PT NEG Y – à esquerda; à direita –**NEG X (NEG Y)**: NEG X DC NEG Y e NEG X PT Y. Nessa organização de *quase-blocos* conversos, um mesmo bloco semântico permite dois *quase-blocos* que são chamados de complementares;

(ii) transpostos em **(X) Y**: X DC Y e NEG X PT Y – à esquerda; à direita – **(NEG X) NEG Y**: NEG X DC NEG Y; X PT NEG Y. Já os *quase-blocos* transpostos num mesmo bloco semântico permitem dar lugar a dois *quase-blocos* transpostos que também são chamados de complementares;

(iii) recíprocos: **(pequeno) DC (passa)** – à esquerda: PEQUENO DC PASSA; NEG PEQUENO DC NEG PASSA; à direita – **(PEQUENO) PT (NEG PASSA)**: PEQUENO PT NEG PASSA; NEG PEQUENO PT PASSA⁵¹. (CAREL 2021d, grifo nosso).

Vejamos como Carel (2021d) exemplifica os *quase-blocos* a partir do bloco semântico do “trabalho” e do “sucesso”, em quatro aspectos: “TRABALHAR DC TER SUCESSO, TRABALHAR PT NEG TER SUCESSO, NEG TRABALHAR DC NEG TER SUCESSO e NEG TRABALHAR PT TER SUCESSO.” (CAREL, 2021 d, p. 129).

Conforme essa teoria, esses quatro aspectos resultam de um mesmo bloco semântico, ou seja, são denominados como uma espécie de argila comum. Em outras palavras, dentre os quatro aspectos, os dois primeiros TRABALHAR DC TER SUCESSO, TRABALHAR PT NEG TER SUCESSO têm um vínculo mais enfático, um parentesco mais forte. Esses dois aspectos, conforme a autora, são prefigurados com base na significação do verbo TRABALHAR e nos levam a compreender que ambos contemplam uma mesma ideia sobre o trabalho, o que leva normalmente ao SUCESSO. “Ou que não impede o fracasso.” (CAREL, 2021 d, p. 129).

⁵⁰ “O prefixo “quase” marca esta posição intermediária: um quase-bloco é quase um bloco”. (CAREL, 2021d, p. 130).

⁵¹ Ver: Carel (2021d).

Quanto aos outros dois aspectos NEG TRABALHAR DC NEG TER SUCESSO e NEG TRABALHAR PT TER SUCESSO também apresentam um grau de parentesco forte, uma vez que são derivados de outro *quase-bloco* NEG TRABALHAR (NEG TER SUCESSO). Daí o uso da metáfora da argila tomado por Carel (2021) em que os primeiros blocos são construídos de uma espécie de argila comum e os dois últimos, o *quase-bloco*, de uma argila de determinada cor.

Nessa análise, observamos que a introdução da noção de quase-bloco à TBS permitiu pôr em evidência vínculos entre palavras que não tinham até então chamado nossa atenção. Cada aspecto é, com efeito, oriundo de dois *quase-blocos*. Por exemplo, PERIGO DC PRECAUÇÃO é oriundo do *quase-bloco* de conversos PERIGO (PRECAUÇÃO) e do *quase-bloco* de transpostos (PERIGO) PRECAUÇÃO. (CAREL; MACHADO, 2016, p. 40).

No percurso teórico que empreendemos até aqui, observamos que a TBS, por se tratar de uma teoria jovem, transformou-se em um grande espaço de discussões/ laboratório de pesquisas de estudos argumentativos da linguagem, aberto a novas discussões no intuito de aperfeiçoá-la para os fins a que propõem os autores.

A ideia central da TBS é que o sentido de uma expressão se dá pelos discursos argumentativos que podem se encadear a partir dessa expressão. O discurso, enquanto portador de sentidos, é organizado pelos encadeamentos argumentativos, estabelecendo entre eles relações semânticas. Desse modo, a argumentação não se agrega ao sentido, ela (a argumentação) é que constitui o sentido. (DUCROT, 2005).

Nesse quadro, concluímos que o sentido não tem uma diretividade, primeiro porque os discursos são organizados argumentativamente e, segundo, é o encadeamento argumentativo dos discursos que estabelece as relações semânticas. Ou seja, não há como prever, inferir ou até mesmo deduzir sentido dos enunciados, visto que o desenvolvimento dos discursos se dá em razão das possibilidades de relações entre palavras, a partir do significado em si mesmas. Para a TBS, o sentido das palavras é constitutivo de ecos evocados pelo leitor-interlocutor, enquanto resposta obrigatória ao discurso do outro (locutor).

No próximo capítulo, vamos tratar dos procedimentos metodológicos e da construção do *corpus* constituído de textos publicitários de cursos de inglês associados a cores e imagens das Escolas de Línguas originárias dos Estados Unidos e do Reino Unido.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) mantém a tese da Teoria da Argumentação na Língua (TAL) de que a argumentação está na língua, no léxico, e não em aspectos extralinguísticos, e corrobora com essa tese a metodologia da descrição dos enunciados pela via da TBS, para a qual o sentido é construído de argumentos marcados no próprio texto. Desse modo, assumimos nesta investigação que os sentidos dos enunciados são construídos no aspecto linguístico, isto é, no discurso/na enunciação.

Nesta pesquisa, adotamos os procedimentos metodológicos desenvolvidos por Prodanov e Freitas (2013), de maneira a subsidiar as análises dos sentidos de palavras inscritas nos textos publicitários selecionados. Desse modo, os procedimentos são tomados como descritivos, bibliográficos e documentais, de abordagem qualitativa, conforme os pontos de vista dos autores Prodanov e Freitas. (2013).

Partimos da classificação desses autores sobre a pesquisa do ponto de vista dos procedimentos técnicos, isto é, do modo pelo qual se tem a obtenção dos dados fundamentais à elaboração da pesquisa. O procedimento de coleta de dados pode ser de caráter (i) descritivo, (ii) bibliográfico e (ii) documental. Sobre o primeiro destacamos que não há interesse em comprovar hipóteses previamente definidas, mas estas não impedem a construção do desenho de um quadro teórico que indique a coleta, assim como a análise e a interpretação dos dados. O segundo são aqueles chamados de fonte de papéis; e o terceiro de documentais, os quais às vezes podem ser confundidos com a do tipo bibliográfico. A diferença se dá em razão da bibliográfica se fazer valer, principalmente das contribuições de diversos autores/pesquisadores a respeito de um determinado tema/assunto. Já a documental toma como base materiais que ainda não passaram pelo crivo ou que podem ser reorganizados/reelaborados, conforme os objetivos da pesquisa. (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Para as análises, tomamos como fundamento a TAL/TBS, com ênfase nas noções de polifonia (Ducrot, 1987), quadrado⁵² argumentativo (CAREL, 1992, CAREL; DUCROT,

⁵² Ver: DELANOY, C.P. As relações entre aspectos argumentativos: os conceitos de conversão, reciprocidade e transposição. 2021, p. 105 - 113. In: LOUISE B.; CAREL M.; CORENTIN D.; Julio Cesar Machado [Orgs.] **Curso de semântica argumentativa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021a. Trad.: Julio Cesar Machado. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/curso-de-semantica-argumentativa/>. Acesso em: 21 de nov. 2022.

2005); TBS-atual, bloco semântico, paráfrase (CAREL; MACHADO, 2016) e *quase-bloco* (CAREL, 2021d).

Propomos tratar a questão das relações linguísticas no sentido de buscar possibilidades de uso do léxico, sem intenções da prova de verdade. Em outras palavras, tais relações linguísticas que tomamos como base independem da veracidade dos enunciados, na sua relação com ordens de natureza externa e de veracidade das proposições.

Tendo em vista a seleção de textos publicitários, trazemos a noção de texto abordada por Carel e Ducrot (2005), para quem o texto é pensado como possibilidades de encadeamentos argumentativos unidos por conectores *donc* (DONC) e *pourtant* (PT).

O *corpus* desta pesquisa constitui-se de seis (06) textos sobre campanhas publicitárias de três (03) escolas de idiomas, instaladas no país: FISK – WISE UP e CNA, das quais selecionamos duas (02) propagandas de duas dessas escolas, no total de quatro textos para a análise, a saber: (i) FISK textos (01 e 02); (ii) *WISE UP* (textos 03 e 04). Esses textos disponíveis na *internet*, à época da construção da escrita desta tese, foram formulados por agências publicitárias responsáveis pela criação, produção e veiculação das campanhas.

A escolha dos quatro textos, dois de cada escola – (i) FISK e (ii) WISE UP – selecionados para a análise não segue nenhum padrão específico. No entanto, reside no fato de não nos estendermos/dilatarmos na descrição e análise do *corpus* e ainda, por considerarmos que a seleção está na perspectiva de análise da lente singular e peculiar de semanticista que ora assumimos, uma vez que direcionamos para o sentido, por meio das instruções e orientações linguísticas argumentativas que emergem da compreensão e interpretação do sentido do discurso.

Compreendemos ser necessário destacar que não nos interessa privilegiar nem tampouco selecionar atributos para qualificar ou desqualificar quaisquer uma das escolas de idiomas selecionadas para esta pesquisa, visto que nossa perspectiva teórica é de base puramente linguística. Não nos interessa também a veracidade dos fatos, ideias, pensamentos ou qualquer outra relação com a realidade das ‘coisas’ no mundo/do mundo e nem nos importamos com as condições em que os enunciados são produzidos, muito menos com o Sujeito Empírico (SE), autor do enunciado (DUCROT, 1988); “[...] nem pela verdade, nem pelas intenções dos usuários da língua”. (CAREL; GOMES, 2019, p. 217). Ao contrário, nossa análise busca a descrição do sentido do enunciado, a enunciação do ‘dizer’, aquilo que é produzido.

Os textos publicitários das escolas de idioma FISK, WISE UP e CNA, pelos próprios enunciados que os constituem, são caracterizados como argumentativos e foram veiculados

também na mídia escrita e televisionada, nos meses que antecedem as matrículas, com o objetivo de alcançar massivamente o público-alvo dos cursos de língua estrangeira, notadamente, o de língua inglesa.

A escolha do *corpus* teve como critério propagandas de escola de idiomas franqueadas no Brasil, especificamente de ensino de Língua Inglesa, publicadas na *internet*/redes sociais. Adotamos tal critério por acreditar que na estrutura argumentativa da publicação/postagem publicitária aparecem marcas e registros linguísticos que suscitam possibilidades de análise, permitindo, a partir da exposição da estrutura argumentativa, o sentido do discurso. E a seleção se dá pela grande circulação, nos meios digitais e televisivos, desses materiais, pela importância desses cursos para o aperfeiçoamento da língua inglesa e também pelo meu interesse em conhecê-los e discuti-los em nosso trabalho.

Compreendemos que os discursos não são pontos de vista, mas manifestações discursivas que são parafraseáveis por encadeamentos argumentativos, isto é, por argumentações linguísticas. Concebemos que a significação de uma palavra pode ser prefigurada por enunciados, visto que as entidades linguísticas se referem a outras entidades. Desse modo, o objeto de estudo do semanticista é o conjunto de técnicas, instruções e orientações que facilitam a interpretação do sentido dos enunciados. Tais instruções são vistas como movimentos argumentativos, instruções que levam à interpretação do sentido da língua como realização linguística – da enunciação/do discurso.

Tomamos de empréstimo as palavras de Carel (2022) na relação com as palavras de Ducrot (1970, p. 25) retomadas por Moraes e Cayser (2021) que nos adverte sobre o aparente sentido do discurso como uma cilada/armadilha de se deixar enganar pelo sentido linear do enunciado.

É importante destacar que, em razão desta pesquisa ser de natureza qualitativa e por pensar de igual modo como Ducrot (1987), de que a partir observação do dado, pela lente ‘não ingênua e não linear’ do semanticista na e pela articulação da teoria, não optamos por uma organização padrão de aplicação das noções da TAL/TBS. Ou seja, a lente do semanticista deve se direcionar para o sentido, o objeto de estudo nas instruções linguísticas, de modo a interpretar o sentido do texto. Destacamos, ainda, que é por meio dessas possíveis instruções e orientações linguísticas que faz surgir o sentido do texto, ou seja, “um retrato da enunciação” – o sentido do discurso. (DUCROT, 1987, p. 42).

Sendo assim, caracterizamos o percurso das análises como uma interpretação singular do leitor-interlocutor e subjacente a cada discurso como um *continuum* semântico-argumentativo, que se dá pela relação entre a polifonia e as noções de bloco semântico.

Para analisar e interpretar os dados (textos publicitários) fundamentados na TAL/TBS, destacamos as etapas dos procedimentos metodológicos:

- (i) Descrever e analisar os sentidos de palavras e ou expressões em textos de gênero publicitário de cursos de inglês, observando os sentidos da relação escola x – conhecimento da língua inglesa nas diferentes versões Standard/TAL (quadrado argumentativo), a polifonia/TAL e a TBS Standard/TBS (Blocos Semânticos) e os *quase-blocos*;
- (ii) Analisar as possibilidades argumentativas constituídas de sentido, por meio de desenhos, cores, imagens (marcas não verbais), que colaboram na comunicação de conteúdos argumentativos;
- (iii) Descrever as relações parafrásticas das imagens construídas na relação com o enunciado argumentativo pela sistematização e aplicação da noção de paráfrase da TAL/TBS;
- (iv) Construir e analisar os blocos semânticos a partir dos conectores *donc* (aspecto normativo = *DC*) e *pourtant* (aspecto transgressivo = *PT*) e de dois tipos de encadeamentos argumentativos;
- (v) Mostrar as diversas relações linguísticas decorrentes do quadrado argumentativo na relação com os *quase-blocos*.

Passemos à descrição e análise dos textos publicitários.

Figura 1 - Texto 01 – FISK



Fonte: Propaganda da escola de idiomas Fisk (2012).

Essa propaganda da Escola de Idiomas FISK⁵³, publicada⁵⁴ na *internet*, foi criada, em parceria, pela Agência⁵⁵ de comunicação Agnelo Pacheco. A campanha é composta de “filmes para TV, vinhetas, peças impressas e digitais” e traz como texto um único enunciado QUEM DOMINA O CONHECIMENTO SE DÁ BEM que, transcrito sobre o mapa-múndi, parece estar argumentando que o curso está presente em todo o mundo. A imagem de uma atriz jovem é mais um argumento imagético que se junta à argumentação da peça publicitária.

Figura 2 - Texto 02 – FISK



Fonte: Propaganda da escola de idiomas Fisk (2022).

A propaganda do texto 02, também da escola FISK, foi publicada, em 2022, na sua rede social *Facebook*, página oficial da referida escola, <https://pt-br.facebook.com/fiskcentrodeensino>. Desse modo, o enunciado argumentativo DÊ UM PLAY NA SUA VIDA  FAÇA FISK significa que por meio de um simples ato o aprendiz de língua pode mudar de vida, matriculando-se na Escola Fisk.

Nesse texto ocorre a interação entre imagens, cores, símbolos e unidades linguísticas, criando um jogo semântico, que constitui a relação entre o símbolo/desenho  de *power* – em inglês, e que significa em português, “potência, energia, ligar e/ou força no sentido de ligar/ dar início a algo”, e culmina na construção do enunciado argumentativo: DÊ UM PLAY NA SUA VIDA  FAÇA FISK.

⁵³ Ver mais informações a respeito da escola Fisk em sua página oficial. Disponível em: <https://www.fisk.com.br/quem-somos>. Acesso em: nov. 2019.

⁵⁴ Conforme texto publicado na página da escola de idiomas FISK. Disponível em: <https://www.fisk.com.br/quem-somos>. Acesso em: nov. 2019.

⁵⁵ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/marketing/fisk-lanca-campanha-com-atores-globais/>. Acesso em: set. 2018.

Figura 3 - Texto 3 – WISE UP



Fonte: Propaganda da escola de idiomas Wise Up (2017).

A Escola de Idiomas WISE UP veiculou em sua campanha um vídeo que denominamos texto 03. Tomamos também como materialidade analítica a transcrição da sequência do vídeo que também estamos designando de Texto 3. A propaganda da WISE UP foi criada pela Pater e produzida por Le Black⁵⁶, com vistas a argumentar a importância da fluência na língua inglesa⁵⁷. Esta campanha Escola da WISE UP de 2017⁵⁸ também se constitui de imagens de atores nacionais, que protagonizam o discurso da escola.

Apresentamos no quadro 01, a transcrição do Texto 03⁵⁹ – vídeo da propaganda WISE UP. Vejamos:

⁵⁶ Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2017/01/09/fernanda-lima-e-a-voz-da-consciencia-de-quem-nao-sabe-ingles.html>. Acesso em: jan. 2022.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2017/01/09/fernanda-lima-e-a-voz-da-consciencia-de-quem-nao-sabe-ingles.html>. Acesso em: jan. 2017.

⁵⁸ Destacamos que o recorte utilizado, aqui, que traz como título o seguinte enunciado: “Fernanda Lima é a voz da consciência de quem não sabe inglês”, é um recorte sobre a propaganda da escola de idiomas Wise Up, que faz parte de uma matéria do site Meio & Mensagem. Já, o enunciado ‘ Aliás, eu sou tudo o que você perdeu por não falar inglês’, encontra-se no vídeo (filme comercial) da propaganda da referida escola de idiomas que pode ser encontrado em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=11&v=Ak4s7wum16s&feature=emb_logo. Acesso em: set. 2017.

⁵⁹ Transcrição do texto da propaganda *Wise Up*. Disponível em: <https://geekpublicitario.com.br/17631/comercial-wise-up>. Acesso em: out. 2020.

Quadro 1 – Transcrição do vídeo da propaganda Wise Up⁶⁰ (2017)

Título: EU SOU TUDO QUE VOCÊ PERDEU

João Vicente – Por quê? Por que tá acontecendo isso tudo?

Fernanda Lima – Oi? NÃO

João Vicente – Quem é você?

Fernanda Lima – Eu cruzo o seu caminho todos os dias. Eu sou a chance de crescer que você jogou fora. Aquela viagem que você nunca fez. Sou o emprego que você perdeu. Aliás, eu sou tudo o que você perdeu por não falar inglês.

Fernanda Lima – Esteja pronto para as oportunidades! Wise Up! Inglês para adultos!

Fonte: GKPB-Wise Up aposta em comercial impactante com Fernanda Lima.

O texto 03 é constituído de um diálogo entre dois artistas globais, no qual se destaca o enunciado EU SOU TUDO QUE VOCÊ PERDEU, que dá início aos argumentos.

Figura 4 - Texto 4 – WISE UP



Fonte: Propaganda da escola de idiomas Wise Up (2022).

⁶⁰ Referimos ao Texto 02 (vídeo da Wise Up).

A propaganda do texto 04, publicada em 06 de maio de 2022, utiliza como *marketing* a imagem de uma mulher que na interação com o público-alvo enuncia: “CORAGEM É UMA DECISÃO”. O *marketing* argumentativo da propaganda se assenta nas relações de sentidos entre a imagem e o enunciado.

Figura 5 – Texto 5 - CNA



Fonte: Propaganda da escola de idiomas CNA (2017).

As propagandas da Escola de Idiomas CNA são constituídas também de dois textos, que estamos designando de Texto 5 e Texto 6.

A campanha publicitária da CNA foi desenvolvida pela Talent Marcel, que usa a imagem de um papagaio para estabelecer relações de sentido com o público-alvo por meio do enunciado argumentativo INGLÊS CHATO NINGUÉM MERECE (mais a *hashtag*) #DON'T BE LORO. A vinculação do público-alvo à imagem⁶¹ de um louro repetidor é mais um *marketing* para alavancar a matrícula da escola.

⁶¹ Ver com maiores detalhes sobre a noção de 'imagem' para Carel na perspectiva da TBS em: “Debate sobre a Teoria dos Blocos Semânticos e a Semântica do Acontecimento: quase-bloco, locutor-posição e espaço de enunciação”. (CAREL; MACHADO, 2016).

Figura 6 - Texto 6 – CNA



Fonte: *Blog do CNA - Gil do Vigor é do CNA* (2021).

Esta propaganda (Figura 06) da Escola de Idiomas CNA, veiculada na televisão em horário nobre, bem como no espaço digital – *Blog CNA* e no *YOUTUBE* – foi produzida pela agência Talent Marcel, que escolheu as palavras em uso para construir o enunciado publicado no *blog* da CNA, com a imagem de Gil do Vigor, nome fantasia do ex-*Big Brother* Brasil. O enunciado VIGORE SEU INGLÊS NO CNA associado à imagem do protagonista sustentam o argumento da propaganda da escola.

No capítulo seguinte, empreenderemos as análises, adotando os procedimentos metodológicos delineados de maneira a viabilizar o objetivo do estudo proposto. Desse modo, também voltamos a nossa lente de semanticista para examinar a construção dos sentidos das palavras e expressões presentes nos textos de propagandas dos cursos de inglês, na perspectiva da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS).

CAPÍTULO IV

OS SENTIDOS DE PALAVRAS E EXPRESSÕES EM TEXTOS PUBLICITÁRIOS DE CURSOS DE INGLÊS

Manifestamos o interesse na aplicação dos conceitos da TBS por concordar, de igual modo com Ducrot (1987, p. 42), para quem “o sentido de um enunciado é um retrato da enunciação”, e com Carel (2022), para a qual, o sentido de um enunciado não é uma imagem do mundo, mas aquilo que emerge de entidades linguísticas empregadas em certos encadeamentos argumentativos, visto que as palavras estabelecem relações entre si que nos orientam, nos conduzem, referindo-se umas às outras e tendo por significado apenas a sequência que evoca sentidos que as próprias palavras carregam.

Atentamos para o fato de que a leitura é um movimento singular e histórico, isto é, ímpar e multifacetado que provoca outros olhares como continuação de vozes que reclamam respostas a um leitor-interlocutor que, a cada movimento de leitura, compreende-se pela língua a realização da enunciação, um acontecimento histórico único e peculiar a cada sentido que subjaz de cada lente empregada pelo pesquisador, deixando em relevo outras enunciações que poderão ser prefiguradas pela significação dada ao léxico por um dado leitor-interlocutor dos textos publicitários aqui analisados.

Pensamos a língua como materialidade significante enquanto possibilidade de análise. Desse modo, pautamos na perspectiva teórica de base puramente linguística sem nos preocupamos com questões de ordem externa à língua. Outrossim, nos interessa o que o enunciado quer dizer e não a intenção do autor. (DUCROT, 1988). Daí é possível compreender o sentido do discurso pelas relações entre palavras, isto é, pelo entrelaçamento de palavras, visto que de acordo com Carel (2019) “[...] nós falamos para entrelaçar palavras. Falar é uma atividade, em si, que as próprias palavras regulam. [...] nossos discursos são organizados argumentativamente [...]”. (CAREL; GOMES, 2019, p. 215). Sobre essa organização continua a autora, “[...] é essa organização argumentativa que está - tanto segundo a TBS, quanto de acordo com a ANL - prefigurada na significação das palavras”. (CAREL; GOMES, 2019, p. 215).

Passemos às análises dos 04 (quatro) textos publicitários selecionados.

4.1 Texto 01 – FISK – QUEM DOMINA O CONHECIMENTO SE DÁ BEM

Figura 1 - Texto 01 – FISK



Fonte: Propaganda da escola de idiomas Fisk (2012)

Para o empreendimento da análise consideramos a linguagem verbal e imagética dos textos. Para tanto, partimos do pressuposto de que argumentar consiste, com base nas relações entre palavras, buscar o sentido do discurso, isto é, pela “[...] sequência de enunciados para se chegar ao sentido pleno”. (FREITAS; SILVA, 2020, p. 24).

Nesse processo, temos a intersubjetividade, aspecto fundamental da linguagem, em que se dá a relação locutor-interlocutor, que ocorre quando o locutor, o produtor da propaganda, realiza determinadas escolhas linguísticas, as quais evocam o sentido da expressão de um ponto de vista que é o enunciado, o produto da enunciação, levando assim o seu interlocutor (o aprendiz de língua) a dar-lhe uma resposta, significando uma certa continuação do discurso.

No texto 01, a propaganda da escola de idiomas FISK constrói sentido que se dá pelas escolhas de registros/marcas linguísticas, tons de cores, imagens, que constituem discursos denominados encadeamentos argumentativos, por exemplo: QUEM DOMINA O CONHECIMENTO X SE DÁ BEM. Logo, o domínio do inglês se prefigura na relação semântica em que se apresentam outros discursos, os chamados aspectos argumentativos, paráfrases de palavras: “DOMÍNIO DO INGLÊS X CONHECIMENTO DO MUNDO”.

As possibilidades argumentativas constituídas de sentido, por meio de desenhos, cores, imagens (marcas não verbais), colaboram na comunicação de conteúdos argumentativos. Isso se dá em razão de a TBS ser uma teoria relativamente técnica. (CAREL; MACHADO, 2016).

Nessa linha de pensamento, a língua deixa de ser vista como única possibilidade do sistema argumentativo. Conforme Carel e Machado (2016), o que as imagens comunicam podem ser possibilidades de paráfrases, criadas “frequentemente, por encadeamentos argumentativos”. (CAREL; MACHADO, 2016, p. 39).

Assim, tomamos o texto publicitário como discurso de um conjunto de relações imagéticas, que aparecem como pano de fundo do enunciado QUEM DOMINA O CONHECIMENTO SE DÁ BEM, grafado em relevo sobre a figura do globo terrestre, em cores da bandeira americana. Desse enunciado, apresentamos o encadeamento normativo, segundo Carel e Ducrot (2005): “QUEM DOMINA O CONHECIMENTO, *portanto* SE DÁ BEM”, evoca o aspecto argumentativo “DOMÍNIO DO INGLÊS X SUCESSO”. A existência dessa sequência argumentativa de sentido é constitutiva do jogo semântico imagético e verbal, que permite linguisticamente observar a aproximação do aprendiz do DOMÍNIO do conhecimento da língua inglesa que, conseqüentemente, obterá SUCESSO.

No bojo semântico argumentativo, o DOMÍNIO do conhecimento se instaura na relação constitutiva de sentido de SUCESSO feminino que, pela grafia da entidade linguística FISK, na camiseta, prospecta a posição da mulher face ao DOMÍNIO do conhecimento, ou seja, o SUCESSO da mulher face ao DOMÍNIO do inglês.

O chamamento argumentativo utilizado pelo produtor-locutor do *marketing* por meio do enunciado “QUEM DOMINA O CONHECIMENTO SE DÁ BEM” nos orienta discursivamente, que vestir a camisa da FISK produz uma sequência enunciativa sobre o SUCESSO da mulher que se matricula na escola FISK. Partimos do pressuposto de que paráfrases são discursos possíveis. Nessa direção, tomamos aqui a paráfrase como *polifonia* quando somos expostos à leitura dos mais diversos gêneros discursivos, sejam da contemporaneidade ou não.

Com base em Carel (2019), realizar a prefiguração da significação de palavras na relação por elas mesmas evoca o sentido do discurso que resulta do entrelaçamento, ou seja, da combinação de e entre palavras. Diante disso, lançamos mão da possibilidade de entender a *paráfrase* como *polifonia* na relação similar de procedimento linguístico de se pensar a língua na e pela língua. Tratar a descrição de sentido na relação entre *polifonia* e *paráfrase* se distancia da propositura de Ducrot (1988) que concebe pela Teoria da Polifonia – o *topos* como possibilidade de descrição do sentido do enunciado que evoca diferentes pontos de vista, tomando o princípio argumentativo o *topos* – que para esse autor evoca confluência de vozes, que é definida como o princípio da polifonia.

Para nós, a *polifonia* resulta das possibilidades de descrição pela paráfrase, vez que na concepção da Teoria dos Blocos Semânticos a paráfrase consiste na descrição da língua na e por ela mesma. Essa provocação de relação entre *polifonia* e *paráfrase* é uma questão que nos leva a pensar na construção teórica: a prefiguração das palavras como um fenômeno que traz à tona vozes de sentidos pelas relações intralinguísticas. As possibilidades de paráfrases são vozes do leitor-interlocutor que são externadas na e pela língua para a descrição do sentido do discurso.

Desse modo, podemos construir a paráfrase normativa constitutiva das imagens da garota-propaganda, do mapa-múndi e das cores da bandeira americana, construídas na relação com o enunciado argumentativo pela sistematização e aplicação da noção de paráfrase da TAL/TBS: “A MULHER QUE DOMINA O INGLÊS, *PORTANTO* SE DÁ BEM”.

A palavra “Inglês” não está textualizada na propaganda do texto 01, mas está significando na relação CONHECIMENTO/ LÍNGUA INGLESA. Há uma forte relação entre poder/saber que, associada ao conjunto imagético, evoca discursos outros como continuidade enunciativa do leitor-interlocutor. Prefiguramos que a palavra CONHECIMENTO pode ser parafraseada por LÍNGUA INGLESA pelo valor semântico de CONHECIMENTO na relação com a palavra FISK, nome da referida escola de idiomas. Vejamos a paráfrase: “A mulher que domina a língua inglesa *então* se dá bem”.

Esse discurso parafrástico são pontos de vista do interlocutor-aprendiz de inglês, construídos numa relação semântica entre a linguagem verbal e a imagem. Por exemplo, a imagem da mulher na relação com as demais imagens da propaganda (que representam um conjunto de elementos visuais) nos orienta e pode ser entendida como marca linguística que constrói o sentido da relação da imagem da mulher com a rede de associações de outras imagens, evocando a paráfrase do tipo normativo: “A mulher que DOMINA a Língua Inglesa, *portanto* SE DÁ BEM” – CONHECER DC TER SUCESSO.

O enunciado da propaganda da FISK – QUEM DOMINA O CONHECIMENTO SE DÁ BEM remete, por exemplo, a uma sequência discursiva parafrástica, cujo sentido implica “ser-estar” sujeito na/da globalização do mundo capitalista: “A mulher que domina o idioma inglês, *portanto* terá *sucesso* no mundo capitalista”.

O bloco semântico subjacente aos encadeamentos (i) QUEM DOMINA O CONHECIMENTO, *donc* TEM POSSIBILIDADE DE SE DAR BEM e (ii) QUEM DOMINA O CONHECIMENTO, *pourtant* NÃO TEM POSSIBILIDADE DE SE DAR BEM pode ser representado pelo enunciado “O domínio da língua inglesa conduz ao *sucesso*”, o qual estabelece uma interdependência semântica entre *domínio da língua inglesa* e *sucesso*. Estas

duas expressões formam o bloco semântico por representarem a relação *domínio* e *sucesso*. Neste caso, o sentido do bloco resulta da interdependência semântica existente entre as duas expressões e não da soma dos sentidos de cada uma delas que o compõe.

A partir dos segmentos (A): QUEM DOMINA O CONHECIMENTO e (B): SE DÁ BEM (A conector B), podemos construir oito conjuntos de encadeamentos chamados de aspectos argumentativos do tipo normativo (*donc*) e transgressivo (*pourtant*), que são formados em Bloco Semântico 1 – BS1 e Bloco Semântico 2 – BS2.

Nos blocos semânticos 1 e 2, temos A e B que resultam em oito aspectos agrupados em dois blocos. O segundo bloco, por sua vez, apresenta afinidade/vínculo com o primeiro. São relações discursivas similares, de interdependência, pelo fato de A apresentar influência sobre B e vice-versa. No entanto, há distinção pela contrariedade de sentido, alternância de conectores e acréscimo ou não da negação.

Teoricamente, esses oito aspectos podem ser agrupados em dois blocos de quatro aspectos cada um (BS1 e BS2), construindo o quadrado argumentativo.

Vejam os:

Quadro 2 - Construção de blocos semânticos (1) e (2)

BS1	BS2
(1) A DC B	(1') A DC NEG-B
(2) A PT NEG-B	(2') A PT B
(3) NEG-A PT B	(3') NEG-A DC B
(4) NEG-A DC NEG-B	(4') NEG-A PT NEG-B

Fonte: De acordo com o quadrado argumentativo proposto por Carel; Ducrot (2005. p. 62).

O quadrado argumentativo⁶³ é formado de oito aspectos que sujam a relação dos segmentos entre A: QUEM DOMINA O CONHECIMENTO e B: SABEDORIA DC TER SUCESSO, sendo que os aspectos dois a dois pressupõem-se por *quase-blocos*.

Quadro 3 – Bloco Semântico 1- Quem domina o conhecimento (A) se dá bem (B)

⁶² Ver: *Los Bloques Semánticos y el Cuadrado Argumentativo – Conferencia 2*. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 29-50). Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=LIUWyf8IDEYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false. Acesso em: mar. 2022.

⁶³ Conforme será apresentado no decorrer deste estudo.

(1) A DC B	(1) Quem domina o conhecimento, <i>portanto</i> se dá bem.
(2) A PT NEG-B	(2) Quem domina o conhecimento, <i>no entanto</i> não se dá bem.
(3) NEG-A PT B	(3) Quem não domina o conhecimento, <i>no entanto</i> se dá bem.
(4) NEG-A DC NEG-B	(4) Quem não domina o conhecimento, <i>portanto</i> não se dá bem.

Fonte: Elaborado com base em Carel e Ducrot (2005).

O fenômeno da interdependência⁶⁴ semântica, segundo Carel e Ducrot (2005), decorre de o fato de se considerar a relação de sentido de um encadeamento com outros encadeamentos, em decorrência do emprego de conectores, visto que “[...] cada um dos dois segmentos interligados apenas assume o seu significado em relação ao outro”.⁶⁵ (CAREL; DUCROT, 2005, p.16).

Nessa construção, a interdependência semântica entre A e B (X+Y) só pode ser observada quando comparada a sua relação entre os enunciados do Bloco Semântico1, na sua correlação com o Bloco Semântico 2⁶⁶. O encadeamento global dos BS1 e BS2 (dispostos nos Quadros 1 e 2) é responsável por formar o quadrado argumentativo:

Quadro 04– Bloco Semântico 2- Quem domina o conhecimento (A) se dá bem (B).

(1') A DC NEG-B	(1') Quem domina o conhecimento, <i>portanto</i> não se dá bem.
(2') A PT B	(2') Quem domina o conhecimento, <i>no entanto</i> se dá bem.
(3') NEG-A DC B	(3') Quem não domina o conhecimento, <i>portanto</i> se dá bem.
(4') NEG-A PT NEG-B	(5') Quem não domina o conhecimento, <i>no entanto</i> não se dá bem.

Fonte: Elaborado com base em Carel e Ducrot (2005).

Destacamos que os enunciados dos blocos semânticos 1e 2 (A: QUEM DOMINA O CONHECIMENTO e B: SE DÁ BEM) são constitutivos de sentido em situações diversas de uso da língua. Todavia, temos o enunciado (1) do BS1 como responsável pela argumentação na situação da peça publicitária da escola de idiomas FISK (Figura 01). Trata-se de uma construção argumentativa normativa da língua:

QUEM DOMINA O CONHECIMENTO DC SE DÁ BEM.

⁶⁴ Ver: *La interdependencia semántica* (CAREL; DUCROT, 2005).

⁶⁵ No original: “[...] que cada uno de los dos segmentos encadenados toma solamente su sentido en la relación con el otro”. (DUCROT apud CAREL; DUCROT, 2005, p.16, tradução nossa.)

⁶⁶ No original: “Para ver la interdependencia semántica entre A y B, compárense los enunciados del BS1 y sus correspondientes (en’) del BS2. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 35).

Observamos que na significação dos blocos semânticos não ocorre o resultado da soma dos sentidos das entidades linguísticas que os constituem de modo isolado, mas da existência da relação de interdependência entre elas. Essas relações não determinam sentidos de uma interpretação linear e isolada dessas entidades, ou seja, derivam de uma interpretação que se constrói na relação semântica de interdependência, cujo enunciado surge enquanto produto da enunciação, evocando um conteúdo que pode ser descrito linguisticamente de quatro formas. (CAREL; DUCROT, 2005).

O encadeamento argumentativo em **QUEM DOMINA O CONHECIMENTO DC SE DÁ BEM** não diz respeito a uma relação entre duas informações, pois, segundo Carel e Ducrot (2005), o que importa é o seu conector, a exemplo do conector do tipo normativo **DC =** (portanto) no enunciado em análise.

Podemos incluir em um mesmo discurso qualquer enunciado quando elegemos o conector correto. Vejamos a interdependência entre os segmentos:

A e B (A conector B): (A) QUEM DOMINA O CONHECIMENTO + DOC (CON) + (B) SE DÁ BEM e

A e B (A conector B): (A) QUEM DOMINA O CONHECIMENTO + PT (CON) + (B) SE DÁ BEM, pode ser a mesma, mas com conectores distintos. Qualquer segmento de discurso pode se unir a outro tendo, como condição única, a escolha do conector adequado.

Tomamos aqui as elaborações de paráfrases com base em Carel e Ducrot (2005). As possibilidades de paráfrases, às vezes, podem ser deslocadas de sentido, ou seja, incompatíveis. No entanto, advertimos que esse movimento é possível na aplicação da sistematização/organização da significação das palavras pelo dispositivo analítico do quadrado argumentativo, visto que a incompatibilidade de sentido ou não está na escolha/uso do conector correto. (CAREL; DUCROT, 2005).

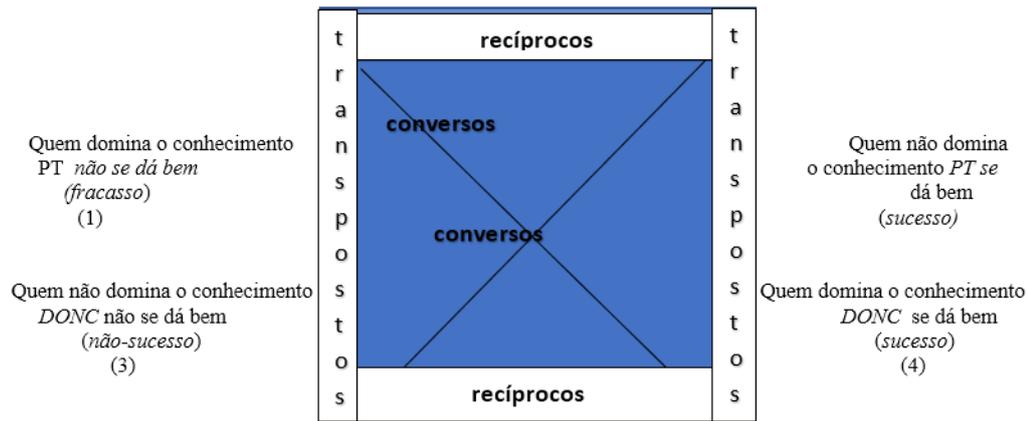
Semantizar a comunicação pelas relações não verbais é uma via de análise na perspectiva atual da TBS, que permite ao semanticista prefigurar paráfrases, discursos denominados encadeamentos argumentativos, enquanto possibilidades de realizações linguísticas de sentido responsáveis pela formação do “quadrado argumentativo”, que fundamenta os blocos semânticos.

A seguir, apresentamos o quadrado argumentativo (CAREL; DUCROT, 2005) para mostrar as diversas relações linguísticas decorrentes do enunciado **QUEM DOMINA O CONHECIMENTO SE DÁ BEM** entre ângulos⁶⁷, na fase *Standard/TBS*.

⁶⁷ Trataremos, também, no decorrer da análise sobre os quase-blocos conversos, recíprocos e transpostos, conforme a discussão empreendida por Carel, 2021d, p. 129-138).

Destacamos que as diversas relações de sentido do quadrado ocorrem a partir dos Blocos Semânticos 1 e 2 já analisados. Apresentamos na sequência os aspectos que se referem à AI – demonstrando como os sentidos se instauram pela troca de conectores e pelo acréscimo da negação.

Figura 2 – Quadrado Argumentativo- AI



Fonte: Elaborado com base em Carel e Ducrot (2005).

Seguem os aspectos⁶⁸ constantes no quadrado argumentativo que se referem à AI:

(i) recíprocos:

- (1) A PT NEG-B: Quem domina o conhecimento PT não se dá bem.
- (2) NEG-A PT NEG B: Quem não domina o conhecimento PT se dá bem.

(ii) conversos:

- (3) NEG-A DOC NEG-B: Quem não domina o conhecimento DC não se dá bem
- (4) A DONC B: Quem domina o conhecimento DC se dá bem.

(iii) transpostos:

- (1) A PT NEG-B: Quem domina o conhecimento PT não se dá bem.
- (1) NEG-A DONC NEG-B: Quem não domina o conhecimento DC não se dá bem.
- (2) NEG-A PT NEG B: Quem não domina o conhecimento PT se dá bem.
- (4) A DONC B: Quem domina o conhecimento DC se dá bem.

Quanto à descrição polifônica, os aspectos dos Enunciadores (1 e 3) levam ao fracasso (não *sucesso*), isto é, são desfavoráveis ao conhecimento da língua inglesa; e os aspectos dos Enunciadores (4 e 5) levam ao *sucesso*, isto é, são favoráveis ao conhecimento da língua inglesa. E quanto à descrição de *quase-bloco*, temos em (2 e 4) aspecto normativos que levam ao

⁶⁸ Conforme Carel e Ducrot (2005, p. 46).

sucesso, ou seja, são favoráveis ao conhecimento da língua; e os demais temos aspectos transgressivos que levam ao não *sucesso* (fracasso) e são desfavoráveis ao conhecimento da língua.

Com base nesse jogo formal de relações entre palavras em correlação com todos os lados do quadrado e, ainda com as diagonais, de maneira que cada um dos quatro aspectos seja uma descrição das palavras correspondentes, tomamos o sentido das relações entre expressões do quadrado argumentativo correspondente ao BS1, sendo **A** – a expressão DOMINA O CONHECIMENTO e **B** – a expressão NÃO SE DÁ BEM.

O sentido desse encadeamento argumentativo transgressivo, pertencente ao aspecto A PT NEG-B, nos remete à descrição de alguém que domina o conhecimento, domina o inglês, mas de fato trata-se de alguém cujos atributos são negativos, uma vez que não há perspectiva desse sujeito-aprendiz “se dar bem”, muito menos de “ter *sucesso* no mundo”, pois a descrição que cabe a esse encadeamento é a expressão *fracasso*.

O encadeamento argumentativo normativo do BS2 apresenta as expressões constitutivas do BS2 do quadrado argumentativo 2’: A – DOMINA O CONHECIMENTO e B – SE DÁ BEM, como o encadeamento argumentativo da peça publicitária da escola de idiomas FISK – pertencente ao aspecto A DONC B e nos direciona a uma continuidade discursiva de que saber/conhecer a língua inglesa leva alguém ao *sucesso*.

Como já evidenciado, a construção do BS2 apresenta as mesmas relações discursivas do BS1. Entretanto, há distinção entre o BS1 pelo fato da negação de sentido, em que a influência de A sobre B e de B sobre A ser diferente em cada bloco.

Observamos um vínculo semântico entre os segmentos A e B, por exemplo, DOMINA O CONHECIMENTO e NÃO SE DÁ BEM – que “estão influenciados do mesmo modo por sua presença no encadeamento”.⁶⁹ (CAREL; DUCROT, 2005,39, tradução nossa). Isso corresponde à *interdependência semântica*, em razão de ambos os blocos possuírem quatro aspectos que se inter-relacionam semanticamente, sendo esses quatro aspectos elementos de cada BS que “só toma seu sentido na relação com o outro”⁷⁰. (Idem, p.16, tradução nossa). Diremos que os oito aspectos são constitutivos do quadrado argumentativo:

Quadro 06 – Construção de blocos semânticos (1) e (2) com base em Carel; Ducrot (2005, p. 39).

(1) A DONC B	(1') A DC NEG-B
--------------	-----------------

⁶⁹ “[...] están influídos del mismo modo por su presencia en el encadeamento”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 39).

⁷⁰ “[...] toma solamente su sentido em la relación com el outro”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 16).

(2) A PT NEG-B	(2') A PT B
(3) NEG-A PT B	(3') NEG-A DC B
(4) NEG-A DONC NEG-B	(4') NEG-A PT NEG-B

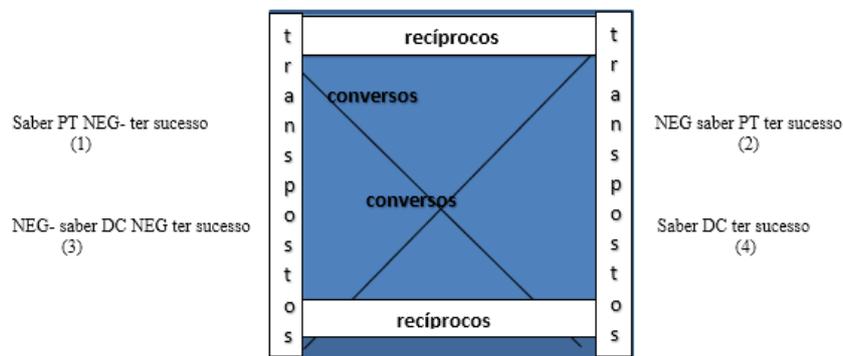
Fonte: De acordo com o quadrado argumentativo.85.

Apresentamos na sequência o demonstrativo dos aspectos – AI de: SABEDORIA DC TER SUCESSO. Consideramos que o primeiro segmento é também Argumentação Interna e pode ser parafraseável. Vejamos:

1. saber **DC** ter sucesso
2. saber **PT NEG** ter sucesso
3. **NEG** saber **PT** ter sucesso
4. **NEG** saber **DC NEG** ter sucesso

O QUADRADO ARGUMENTATIVO – mostra a AI – (ASPECTOS) – O Quadrado se refere à AI – Argumentação Interna de: SABEDORIA DC TER SUCESSO

Figura 3 – Quadrado Argumentativo-AI



Fonte: Quadrado Argumentativo – Adaptação de Carel; Ducrot (2005, p. 46, figura 06).

Seguem os aspectos⁷¹ constantes no quadrado argumentativo que se referem à AI:

(ii) recíprocos:

- (1) A PT NEG-B: Saber PT Neg- ter sucesso.
- (2) NEG-A PT B: NEG-saber PT ter sucesso.

(ii) conversos:

- (3) NEG-A DOC NEG-B: NEG- saber DC NEG-ter sucesso.
- (4) A DC B: Saber DC ter sucesso.

⁷¹ Conforme Carel e Ducrot (2005, p. 46).

(iii) transpostos:

- (1) A PT NEG-B: Saber PT Neg- ter sucesso.
- (3) NEG-A DOC NEG-B: NEG- saber DC NEG-ter sucesso.
- (2) NEG-A PT B: NEG- saber PT ter sucesso.
- (4) A DC B: Saber DC ter sucesso.

De acordo com Carel (2016), é possível realizar uma interação entre imagens e textos. Sendo assim, “[...] o que as imagens comunicam me parece parafraseável, frequentemente, por encadeamentos argumentativos”. (CAREL; MAHADO, 2016, p.39). Nessa perspectiva, somos convidados a prefigurar sentidos na relação argumentativa existente no texto 01 quando também voltamos a lente semântica para o enunciado: “QUEM DOMINA O CONHECIMENTO” – em que nos permite parafrasear também este primeiro segmento por: SABEDORIA DC TER SUCESSO⁷², pois permite ainda a seguinte prefiguração de sentido: Conhecer, *portanto* ter sucesso. Vejamos:

AI – SABEDORIA DC TER SUCESSO

AE – CONHECIMENTO DC SABEDORIA

CONHECIMENTO PT NEG SABEDORIA

Com base em Carel (2016), prefiguramos sentidos que sujam à relação entre linguagem verbal e imagética. Essa teórica, até então supunha que os *quase-blocos* comportavam os *aspectos argumentativos*, separando assim a significação em duas partes: AI e AE. No entanto, ao revisitar essa questão Carel (2016) postula que “[...] cada aspecto é, oriundo de dois *quase-blocos*”. (CAREL; MACHADO, 2016, p. 40).

Segundo Carel (2021d, p.137), “a significação de um termo é constituída por dois tipos de esquemas argumentativos, os aspectos e os *quase-blocos*”. Para essa autora, até a fase TBS-*standard* um termo comportava AI e AE. No entanto, “a noção de *quase-blocos* põe em causa a noção de argumentação externa, que provinha da Teoria dos Topoi de Anscombe e Ducrot”. (CAREL, 2021d, p.137). Diante disso, é possível afirmar fundamentados em Carel (2021d) que os aspectos estão para a AI assim como os *quase-blocos* estão para a AE. Sendo assim, a significação de CONHECIMENTO comporta o *quase-bloco* **CONHECIMENTO (SABEDORIA)** e o *quase-bloco* **(SABEDORIA) CONHECIMENTO** – os dois são

⁷² Considerações feitas por FREITAS (2022) sobre a relevância de se parafrasear também o primeiro segmento, isto é, o primeiro enunciado: SABEDORIA DC TER SUCESSO surgem na fase de defesa deste texto.

provenientes, cada um, de dois aspectos conversos – CONHECIMENTO DC SABEDORIA; e CONHECIMENTO PT NEG SABEDORIA⁷³.

Também, da mesma forma, **a significação de SE DÁ BEM:**

AI – SABEDORIA DC TER SUCESSO

AE – SE DAR BEM DC TER SUCESSO

AE – SE DAR BEM PT NEG TER SUCESSO

Comporta o *quase-bloco* SE DAR BEM (TER SUCESSO) e o (TER SUCESSO) SE DAR BEM. Cada aspecto é oriundo de dois quase-blocos, dois aspectos CONVERSOS.

Com essas análises, observamos que o enunciado e as imagens da peça publicitária constituem objetos observáveis que remetem à máxima de Saussure (2003), *o ponto de vista é que cria o objeto* e ao de Carel e Ducrot (2005), o ponto de vista do leitor- interlocutor que recupera/atualiza o sentido do discurso, enquanto continuidade do ponto de vista do locutor- produtor.

Na sequência, o enfoque analítico será dado ao Texto 02, sendo o segundo texto da mesma escola de idiomas – FISK.

4.2 Texto 02 – FISK – DÊ UM PLAY NA SUA VIDA. ▶ FAÇA FISK

Figura 4 – Texto 02 – FISK



Fonte: Propaganda da escola de idiomas Fisk (2022).

O texto 02 acima trata-se de outra propaganda da FISK, escolhida pelas suas singularidades linguística e imagética, que constroem relações semânticas argumentativas do enunciado DÊ UM PLAY NA SUA VIDA. ▶ FAÇA FISK.

⁷³ Construções decorrentes de sugestões de FREITAS (2022) em fase de defesa deste texto.

No texto publicitário 02, as marcas/registros linguísticos e a exclusividade da cor vermelha constroem atributos positivos para a escola FISK bem como possibilidades de paráfrases argumentativas.

O símbolo , enquanto paráfrase de força e poder, constrói sentidos para o leitor-interlocutor aprendiz de inglês matricular-se na FISK, a partir do enunciado argumentativo: DÊ UM PLAY NA SUA VIDA.  FAÇA FISK.

O símbolo  (power) ainda como paráfrase do verbo PLAY – em inglês – centra o sentido argumentativo em palavras em uso, pela combinação do sentido do significante que leva à construção dos segmentos do tipo SE LIGA X FAÇA FISK. Nestes segmentos, a relação argumentativa entre o verbo *play* e o símbolo  constrói sentidos de chamamento para inscrição na escola FISK. Esse fenômeno de interdependência remete a Carel e Ducrot (2005), para os quais a relação entre argumento e conclusão constitui um bloco. Desse modo, temos o bloco semântico SE LIGA X FAÇA FISK, como sentido resultante da relação semântica entre o símbolo , paráfrase do verbo *PLAY*, e o enunciado DÊ UM PLAY NA SUA VIDA.

Podemos parafrasear esses blocos em:

A: A mulher que estuda inglês faz *sucesso*.

B: A mulher que não estuda inglês não faz *sucesso*.

Conforme a Teoria da Polifonia de Ducrot (1988), o enunciado DÊ UM PLAY NA SUA VIDA.  FAÇA FISK pode mobilizar diferentes vozes, ou seja, diferentes pontos de vista que são as vozes dos personagens do ato da enunciação, ou seja, os enunciadores.

Vemos aqui uma relação de interdependência teórica entre a TBS e a Teoria da Polifonia como via de acesso à descrição semântica dos enunciados sem nos deixar desviar das relações intralinguísticas, pois ao conceber a *Polifonia* ducrotiana, conteúdos são organizados como pontos de vista de enunciadores, ou seja, descrição polifônica argumentativa, a partir das relações de sentido entre enunciados prefigurados pelo leitor-interlocutor, que são as diferentes vozes que se constroem na sistematização linguística de conteúdo.

Tomamos essa perspectiva por concordar com Freitas (2006) quanto à ampliação da *Teoria dos Topoi* em relação à Teoria Polifônica (DUCROT, 1987), que possibilita a descrição semântica. Sendo assim, tomamos a *Teoria da Polifonia* na interdependência teórica com a TBS como um recurso semântico-enunciativo de caráter teórico-metodológico viável à descrição semântica de unidades de nível complexo como texto/discurso.

O enunciado DÊ UM PLAY NA SUA VIDA.  FAÇA FISK pode ser parafraseado por:

E1: Estude inglês na FISK, *portanto* tenha *sucesso*.

E2: Estude inglês na FISK, *portanto* não tenha *sucesso*.

E3: Matricule-se na FISK, *portanto* faça *sucesso*.

E4: Não se matricule na FISK, *no entanto* não faça *sucesso*.

Observamos pelas paráfrases acima que não há expressão de um único enunciador, ou seja, não há um único ponto de vista acerca do enunciado: DÊ UM PLAY NA SUA VIDA.  FAÇA FISK, mas vários.

Vejamos:

- a. Os enunciadores 1 e 3 concordam com o locutor-produtor;
- b. Os enunciadores 2 e 4 não concordam com o locutor-produtor.

Na fase da Teoria da Polifonia, Ducrot (1988) estabelece relação entre alocutário e destinatário. O primeiro é o locutor (produtor do enunciado da escola FISK) – aquele que enuncia e o segundo, por sua vez, é o destinatário (leitor-interlocutor aprendiz de inglês) – é aquele a quem os atos da enunciação produzidos pelo enunciador se destina efetivamente.

Na concepção de Carel (2019), “argumentar consiste em evocar encadeamentos tanto em *portanto* quanto em *no entanto*.” (CAREL; GOMES, 2019, p. 215). Nesse viés, argumentar deixa de ser uma ‘questão de conclusão’ e passa a ser apenas “uma alternativa entre sequência “justificada”, “normativa”, “esperada” e sequência “não justificada”, “não normativa”, “inesperada”. Para a autora, falar é uma combinação de palavras que, supostamente, de ordem argumentativa, busca evidenciar e dar ênfase à coerência de duas expressões, seja para concordar ou para se opor. Daí, a função das palavras, não para a descrição do mundo, mas para a descrição do que na língua é “da ordem da apreciação”. (CAREL; GOMES, 2019, p. 214-215).

Quando visualizamos a articulação teórico-metodológica entre a polifonia ducrotiana e a TBS lançamos mão dos pontos de vista dos enunciadores, enquanto prefigurações de sentido e continuação discursiva do leitor-interlocutor aprendiz de inglês. Assim, a expressão DOMÍNIO DO CONHECIMENTO está para a significação de SABER A LÍNGUA INGLESA, enquanto *marketing* de publicidade das escolas de idiomas por meio dos enunciados (01 e 02), que primam pela argumentação normativa conforme pode ser observado nos enunciados a seguir (a-b-c-d):

- (a) DÊ UM PLAY NA SUA VIDA *então* FAÇA INGLÊS NA FISK;
- (b) FAÇA FISK, *assim* VOCÊ SE DÁ BEM;
- (c) SE LIGA! *Então* ESTUDE INGLÊS NA FISK;
- (d) DÊ UM SALTO NA SUA VIDA, *portanto* FAÇA FISK.

Concebemos, conforme Guimarães (2022)⁷⁴, que a “significação é uma relação de estrutura”, pois com base nos enunciados (i) QUEM DOMINA O CONHECIMENTO SE DÁ BEM e (ii) DÊ UM PLAY NA SUA VIDA.  FAÇA FISK, apresentamos a viabilidade dos encadeamentos argumentativo-parafrásticos constitutivos pela via descritiva e semântica entre a polifonia e a TBS:

Chaise e Freitas (2022) destacam que o sentido dos encadeamentos é constituído de maneira intralinguística, ou seja, na língua, visto que é o sentido próprio de cada argumento que evoca uma determinada conclusão a partir da interdependência semântica. (CHAISE; FREITAS, 2022). Esses autores destacam que para Carel e Ducrot (2005) a interdependência semântica entre argumento e conclusão ou entre duas proposições é responsável pela formação/construção de um bloco semântico. Logo, bloco semântico pode ser compreendido como “o sentido resultante da interdependência entre os segmentos de um encadeamento argumentativo”. (CHAISE; FREITAS, 2022, p. 411).

Observamos que pela articulação entre as entidades linguísticas do enunciado do texto 02 – DÊ UM PLAY NA SUA VIDA  DC FAÇA FISK, desencadeiam-se discursos argumentativos resultantes dessa relação entre dois segmentos – X e Y, ou seja, entre A e B unidos por um conector.

Diante disso, há que se pensar na relação de interdependência semântica entre A – APRENDER INGLÊS e B – PODER/SUCESSO NA SUA VIDA e/ou na relação entre B e A, ligados por um conector seguido ou não de negação.

O sentido semântico-argumentativo do enunciado publicitário (02) se estabelece na relação entre o texto verbal e imagens, em que APRENDER INGLÊS X PODER/SUCESSO NA SUA VIDA pertencem, respectivamente, ao aspecto normativo (A DC B) e transgressivo (A PT NEG-B). Vejamos:

A: Falante de inglês DC *sucesso* e

⁷⁴Considerações do autor na fase de qualificação deste trabalho doutoral sobre como elaborar paráfrases, de maneira a não cometer certos deslizos que destoam da organização estrutural da Língua Portuguesa, ou seja, deslizos nas construções das “chamadas gramaticais”. (GUIMARÃES, 2022).

B: Falante de inglês PT não *sucesso* (*fracasso*).

Os encadeamentos ligados por *donc* (DC) ou *pourtant* (PT) representam as relações no quadrado argumentativo, formados por quatro aspectos, dois normativos e dois transgressivos. Considerando o enunciado do texto 02: DÊ UM PLAY NA SUA VIDA.  FAÇA FISK, temos dois encadeamentos pertencentes a dois aspectos de um mesmo bloco semântico:

- (1) Dê um PLAY na sua vida  *donc* faça Fisk.
- (2) Dê um PLAY na sua vida  *pourtant* não faça Fisk.

Como já destacado teoricamente, é possível construir o quadrado argumentativo, a partir de dois blocos semânticos constituídos de quatro aspectos cada um, sendo dois segmentos com alternância dos conectores DC e PT + a negação que suscitam um conjunto com oito possibilidades de encadeamentos, que formam o quadrado argumentativo. Observamos que os aspectos são a representação organizacional dos encadeamentos e significam. Sendo assim, os aspectos são uma abstração que se dá pela significação das próprias palavras, enquanto os encadeamentos estão para o sentido.

Nas palavras de Carel (2021d, p.131), “Os quatro aspectos do mesmo bloco semântico podem ser agrupados por pares, cada um comportando um aspecto normativo e um aspecto transgressivo”.

Apresentaremos a construção do quadrado argumentativo com base no enunciado do texto 02 DÊ UM PLAY NA SUA VIDA  DC FAÇA FISK, que compreende oito aspectos, sendo os aspectos dois a dois presumidos por *quase-blocos*, dada a interdependência entre A e B que tem o mesmo sentido intralinguístico subjacente aos 4 aspectos desse bloco que apresentam a continuação discursiva.

Vejamos os *quase-blocos*:

- (1) Dê um PLAY na sua vida  DC faça Fisk
- (2) Dê um PLAY na sua vida  PT não faça Fisk
- (3) Não dê um PLAY na sua vida  PT faça Fisk
- (4) Não dê um PLAY na sua vida  DC não faça Fisk

(i) Os dois primeiros *quase-blocos* têm a mesma face. Ambos prefiguram na significação da palavra *sucesso*. Eles representam os dois lados de uma mesma ideia de que ser

Falante de inglês leva ao *sucesso* ou ainda impede o fracasso, respectivamente: (1) Falante de inglês DC *sucesso* e (2) falante de inglês PT *não sucesso*;

(ii) Os *quase-blocos* (3) e (4) têm também um vínculo semântico com os dois primeiros, exprimindo a mesma ideia de ser falante de inglês. No entanto, esses *quase-blocos* prefiguram a ideia negativa em relação aos dois primeiros que levam à significação de não *sucesso* ao falante de inglês PT *não sucesso* (*fracasso*).

Essa noção de *quase-bloco* é defendida por Carel (2021d) por meio da metáfora da argila comum e de uma determinada cor. Desse modo, os *quase-blocos* (1) e (2) são constituídos da argila comum e prefiguram ideia positiva de falante de inglês (*sucesso*); (3) e (4) da argila colorida, a mesma ideia dos primeiros *quase-blocos*, mas negativa, cuja significação de falante de inglês é *não sucesso* (*fracasso*).

Ao comparar os enunciados do Bloco Semântico1 (BS1) com sua coexistência/copresença, resultante da relação de ‘parentesco’ no Bloco Semântico 2 (BS2), podemos observar a existência de interdependência semântica entre A e B, conforme os quadros a seguir:

Quadro 07 – Bloco Semântico 1- Dê um PLAY na sua vida.  Faça Fisk (B).

(1) A DC B	(1) Dê um PLAY na sua vida  , <i>portanto</i> faça Fisk.
(2) A PT NEG-B	(2) Dê um PLAY na sua vida  , <i>no entanto</i> não faça Fisk.
(3) NEG-A PT B	(3) Não dê um PLAY na sua vida  , <i>no entanto</i> faça Fisk.
(4) NEG-A DC NEG-B	(4) Não dê um PLAY na sua  , <i>portanto</i> não faça Fisk.

Fonte: Elaborado com base em Carel e Ducrot (2005).

Quadro 08 – Bloco Semântico 2- Dê um PLAY na sua vida.  Faça Fisk (B).

(1') A DC NEG- B	(1') Dê um PLAY na sua vida  , <i>portanto</i> não faça Fisk.
(2') A PT B	(2') Dê um PLAY na sua vida  , <i>no entanto</i> faça Fisk.
(3') NEG-A DC B	(3') Não dê um PLAY na sua vida  , <i>portanto</i> faça Fisk.
(4') NEG-A PT NEG-B	(4') Não dê um PLAY na sua  , <i>no entanto</i> não faça Fisk.

Fonte: Elaborado com base em Carel e Ducrot (2005).

Esses encadeamentos suscitam várias argumentações. O enunciado DÊ UM PLAY NA SUA VIDA.  FAÇA FISK desencadeia mais dois blocos constitutivos do “jogo” semântico da relação de interdependência entre o símbolo/desenho  de *power* que significa, em português, “potência, energia, ligar” para se inscrever na referida escola pela entidade linguística PLAY (verbo). Temos, então, os seguintes encadeamentos pertencentes a dois aspectos do segundo bloco semântico:

(3') **Não** aprender inglês *donc* potência e *succeso* em sua vida;

(4') **Não** aprender inglês *pourtant* **não** potência e *succeso* em sua vida.

Do nosso ponto de vista, enquanto semanticista, observamos quão distintos e também similares são os sentidos direcionados a partir dos enunciados das figuras dos textos 01 e 02, ambos da escola de idiomas FISK. Entretanto, de igual modo, essas figuras suscitam possibilidades argumentativas que se entrelaçam pelas entidades linguísticas *succeso* e *fracasso*, relacionados à recorrência do uso da figura feminina na produção do *marketing* argumentativo.

Observamos que o enunciado da peça publicitária 02, formulada para a escola FISK, argumenta discursivamente, construindo sentidos de *desafio* ao aprendiz de língua para que se ligue, fique atento para matricular-se na FISK.

No texto 2, o sentido de *desafio* para matricular-se na escola FISK e aprender/dominar o inglês pode levar o aprendiz ao *succeso*, e o aprendiz que não se matricular pode ser levado ao não *succeso*, ao *fracasso*. Para a TBS, a significação das palavras apresenta um determinado valor que a língua lhe atribui. Essa significação constitui-se de esquemas/segmentos argumentativos caracterizados como aspectos ou *quase-bloco*. Tratam-se, portanto, de valores inscritos na significação das palavras ou ainda o que esses valores podem compartilhar. (CAREL; GOMES; 2019). É por meio desses segmentos que se realizam distintas relações discursivas para construir o quadrado argumentativo, noção da TBS tida como base dos blocos semânticos.

Para Chaise e Freitas (2022), o uso de conectores promove a relação semântica em que encadeamentos ligados por DC e PT “são estritamente paralelos” e “Em ambos os casos, eles se servem deles para construir um discurso “razoável”, “legítimo” e é neste sentido que eles são, um e outro, argumentativos”. (CHAISE; FREITAS, 2022, p. 411). Nessa linha, construímos blocos semânticos com os conectivos que contemplam a regra em DC (portanto) e que apresentam a transgressão da regra em PT (no entanto) a partir dos aspectos A e B. A: Falante de inglês DC *succeso* e B: Falante de inglês PT não *succeso* (*fracasso*).

Bloco Semântico 1 – (BS1)

(1) Falante de inglês DC *succeso* – (A DC B)

(2) Falante de inglês PT não *succeso* – (A PT NEG-B)

(3) Não falante de inglês PT *succeso* – (NEG-A PT B)

(4) Não falante de inglês DC não *sucesso* – (NEG-A DC NEG-B)

Bloco Semântico 2– (BS2)

(1’) Falante de inglês DC não *sucesso* – (A DC NEG- B)

(2’) Falante de inglês PT *sucesso* – (A PT B)

(3’) Não falante de inglês DC *sucesso* – (NEG-A DC B)

(4’) Não falante de inglês PT não *sucesso* – (NEG-A PT NEG-B)

Tomamos a imagem da peça publicitária 02, como materialidade significativa ao concebermos como possibilidades de análise na/pela TBS. Para Carel; Machado (2016), as imagens comunicam, uma vez que podem evocar encadeamentos argumentativos por meio de sentido parafrástico. Dessa forma, atribui-se sentido ao movimento que se desenha a partir da imagem do salto da mulher, entendendo que esse movimento é ascendente, ou seja, representa ‘um salto’ que evoca os seguintes blocos semânticos parafrásticos, de modo intralinguístico, do tipo:

A: MARIA, DÊ UM SALTO EM SUA VIDA DC FAÇA FISK.

B: MARIA, NÃO DÊ UM SALTO EM SUA VIDA PT NÃO FAÇA FISK.

Há ainda a possibilidade de a palavra ‘salto’ ser prefigurada pela palavra *up*⁷⁵, em inglês, com sentido de movimento para cima, para o alto. Esse movimento pode ser parafraseado por um encadeamento que se constrói por meio da paráfrase, pelo modo imperativo, ecoa para o aprendiz de língua, principalmente, do gênero feminino: MARIA, DÊ UM SALTO EM SUA VIDA DC FAÇA FISK.

Esse encadeamento procura conduzir discursivamente o sentido emergente à elevação da posição da mulher no cenário atual pelo aspecto normativo, pois, falar inglês, *portanto* melhor posição = *sucesso* em (A DONC B) e, ainda, pelo aspecto transgressivo que leva ao *fracasso*, em que falar inglês, PT *não sucesso* = MARIA, DÊ UM SALTO EM SUA VIDA, NO ENTANTO NÃO FAÇA FISK – (A PT NEG-B).

Fundamentados em princípios argumentativos de ordem linguística, tomamos a premissa de Saussure, mantida por Carel e Ducrot desde a fase inicial da TAL até TBS⁷⁶ (3ª

⁷⁵ Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/up_1?q=up. Acesso em: jul. 2022.

⁷⁶ Considerando que as teorias passam por modificações e reflexões, cabe aqui citar MACHADO, J. C. (2017), que estende a discussão do quadrado argumentativo de Carel e Ducrot (2005), apresentando a hipótese de cubo argumentativo como uma atualização do quadrado argumentativo, ao tratar sobre a nossa relação doxal-paradoxal

fase), de que só se estuda a língua com base nela mesma. Desse modo, a relação do texto 02 é estreitamente linguística e se dá por meio de encadeamentos argumentativos, cujo sentido se dá pela relação entre um signo e outro.

Compreendemos que o encadeamento **A**⁷⁷: DÊ UM PLAY NA SUA VIDA  na relação semântica com o encadeamento **B**: FAÇA FISK evoca sentidos constituídos por verbos no modo imperativo, exigindo do interlocutor consumidor uma resposta imediata, em (A) a um CONSELHO; em (B) a uma ordem. Desse modo, o locutor direciona o *marketing* argumentativo apelando ao aprendiz-interlocutor a realizar sua matrícula na escola, em cumprimento à ordem por meio do segmento: FAÇA FISK.

Nessa direção, o encadeamento da peça publicitária da escola de idiomas FISK é pertencente ao aspecto normativo A DC B, e enquanto continuidade discursiva parafrástica, o aprendiz que se matricular na FISK, presume-se conseguir *sucesso* no mundo capitalista.

Passemos à análise do primeiro texto selecionado da escola de idiomas Wise Up, aqui denominado de Texto 03.

4.3 Texto 03 – WISE UP – FERNANDA LIMA É A VOZ DA CONSCIÊNCIA DE QUEM NÃO SABE INGLÊS

em prolongamento. Não iremos nos ater a essa discussão, mas, é interessante precisar que a hipótese do cubo argumentativo não traz prejuízo à noção de quadrado argumentativo. Por outro lado, segundo o autor, a noção de quadrado argumentativo é fortalecida, quando nos é fundamental no processo de constituição do sentido as relações entre A e B, vice versa e, ainda entre outros sentidos relacionais. [...] Teorizando, assim “[...] um arranjo geométrico que desenha retas ou figuras ao mobilizar vértices semânticos que explicita o fenômeno significante/significável da/na língua”. (MACHADO, J. C. (2017). Ver tese disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao40/artigo4.pdf>. Acesso em: maio 2022.

⁷⁷ Grifo nosso.

Figura 5 - Texto 3 – WISE UP



Fonte: Propaganda da escola de idiomas Wise Up (2017).

Quadro 9 – Transcrição do vídeo da propaganda Wise Up (2017)

Título: EU SOU TUDO QUE VOCÊ PERDEU
 João Vicente – Por quê? Por que tá acontecendo isso tudo?
 Fernanda Lima – Oi?
 João Vicente – Quem é você?
 Fernanda Lima – Eu cruzo o seu caminho todos os dias. Eu sou a chance de crescer que você jogou fora. Aquela viagem que você nunca fez. Sou o emprego que você perdeu. Aliás, eu sou tudo o que você perdeu por não falar inglês.
 Fernanda Lima – Esteja pronto para as oportunidades! WISE UP! Inglês para adultos!

Fonte: GKPB-Wise Up aposta em comercial impactante com Fernanda Lima.

Passamos a analisar o texto 03, uma peça publicitária da escola de idiomas WISE UP criada pela *Pater* e produzida por *Le Black*⁷⁸, cujo discurso é constitutivo da relação entre um conjunto imagético e verbal como estratégias argumentativas para propagação do discurso da escola, protagonizado pelos atores João Vicente e Fernanda Lima.

Nessa peça, temos como materialidade significativa o gênero vídeo, juntamente com o texto sequência Transcrição do Vídeo – TV (fig.04)⁷⁹, que deixam em relevo a possibilidade do estudo das imagens pela TBS, através do modo parafrástico em busca do sentido do discurso, através da linguagem verbal e imagens.

O vídeo, considerado como um dos gêneros midiáticos veiculados no cenário atual, configura-se como texto híbrido, pela dupla face que lhe é, simultaneamente, singular e

⁷⁸ Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2017/01/09/fernanda-lima-e-a-voz-da-consciencia-de-quem-nao-sabe-ingles.html>. Acesso em: jan. 2022.

⁷⁹ Utilizamos a abreviatura TV- para tratar do texto Transcrição do Vídeo (fig.3).

múltipla, pois revela no seu bojo, que é próprio da sua constituição, elementos verbais e imagens, permitindo ao interlocutor entrelaçar discursos como continuação discursiva em resposta ao texto.

Não nos interessa o foco nas condições de exterioridade, pois não é um problema linguístico, visto que cabe a nós, semanticistas, preocuparmos com o sentido do enunciado e a que ele direciona, enquanto continuação do discurso, sequência de enunciados argumentativos ligados por um conector.

A partir da aplicação das noções da TBS, observamos quão importante são as paráfrases que entram em jogo na/pela possibilidade de produzir enunciados que se constituem da/na multiplicidade discursiva, direcionados à formulação polissêmica, no modo imperativo, a exemplo de: “Fale inglês e você terá oportunidade profissional”.

Por outro lado, o discurso do locutor-aprendiz que não está pronto para as oportunidades de aprender inglês não terá *sucesso* por não saber inglês, logo, o sujeito não-falante do idioma inglês não poderá ocupar uma posição de *sucesso*.

Temos, assim, encadeamento argumentativo que se dá pela troca do conector e introdução da negação: “Não terá oportunidades PT não-falante de inglês”.

A fórmula geral que esquematiza os encadeamentos, segundo Carel e Ducrot (2005), é evidenciada por Gomes e Cortivo-Lebler (2021) a saber: “X CONECTOR Y e X CONECTOR’Y, X e Y representações de encadeamentos que se alternam ora pelo CONECTOR normativo, ora pelo CONECTOR’ de tipo transgressivo, pertinentes às relações entre A: VENCER e B: PERDER

Dessa relação desencadeiam aspectos tornando formalmente possível construir *quase-blocos*, com foco em duas palavras em uso VENCER – PERDER, pertencentes aos aspectos normativos entre A e B. Daí, direcionamos as relações semânticas a partir do enunciado: EU SOU TUDO QUE VOCÊ PERDEU.

BS1: Falar inglês DC vencer.

BS2: Falar inglês DC perder.

Construímos, também, aspectos argumentativos transgressivos, através da troca de conectores entre os segmentos e a inclusão da negação:

BS1: Não falar inglês PT vencer – (NEG- falar inglês PT vencer).

BS2: Falar inglês PT não perder – (Falar inglês PT NEG- perder).

Há um efeito metafórico que pode ser observado na substituição ou na transferência de sentidos evocados pelo enunciado “voz da consciência” por “oportunidades”. Trata-se de

um fenômeno semântico que se produz na relação da imagem pelo sentido de “sussurrar, falar baixo”, parafraseando a “voz da consciência” por “oportunidades” e não-conquistas, atributos que evocam SUCESSO pela fluência e FRACASSO pela não fluência da língua inglesa.

A linguagem da figura feminina orienta para um discurso em que se instaura, de modo parafrástico, um sentido contrário na relação locutor-interlocutor, ou seja, a mulher aprendiz da língua inglesa é consumidora e, simultaneamente, passa a ser produto de consumo, cuja imagem prefigura-se no/pelo gesto de conquista do outro e de ser também conquistada.

Problematizamos, então, que a escolha do produtor da propaganda da escola de WISE UP pela imagem feminina produz um movimento de sentidos entre a linguagem verbal e a imagem de “conquista” que podem conduzir o interlocutor-aprendiz (o público-alvo) a se ver nessa relação como fluente de inglês.

No entrecruzamento discursivo e linguístico está o discurso da mídia construindo sentidos para o *marketing* da propaganda da escola, direcionado o aprendiz de língua a um discurso que desencadeia vários segmentos enunciativos que culminam no enunciado “Fernanda Lima é a voz da consciência de quem não sabe inglês”.⁸⁰

Há uma recorrência de uso da imagem feminina nas propagandas até aqui analisadas, pela representação do papel da mulher na aprendizagem da língua inglesa. Nesta propaganda, o público-alvo projetado pelo produtor da propaganda é protagonizado pela imagem de uma mulher que, na relação entre o ato de matricular-se na referida escola de idiomas e o aprendizado de inglês, conduz à seguinte paráfrase: “Pedro, aprender inglês, *portanto* conquista de oportunidades”.

Essa paráfrase nos leva a lançar mão de possibilidades de encadeamentos argumentativos, dada a aproximação do sentido do discurso à imagem da protagonista. “Ao sussurrar” no ouvido do seu interlocutor (o aprendiz de inglês) ocorrem sentidos construídos pela “voz da consciência”, que evoca o papel atribuído à imagem da protagonista no texto da propaganda que diz conforme a paráfrase: “Pedro não se matriculou na WISE UP, *portanto* perdeu a oportunidade de aprender inglês”.

O enunciado do texto transcrito do vídeo (figura 04) “EU SOU TUDO QUE VOCÊ PERDEU”

⁸⁰Fragmento do texto da propaganda da escola de idiomas *Wise Up*, que faz parte de uma matéria do site Meio & Mensagem. Destacamos que utilizamos recortes sobre a propaganda da escola de idiomas Wise Up da matéria publicada no site Meio & Mensagem, conforme pode ser observado no texto 03 (fig.03). Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2017/01/11/aberta-a-temporada-das-campanhas-de-cursos-de-idomas.html>. Acesso em: jun. 2017.

produz o discurso/a enunciação em que o interlocutor suscita a continuação discursiva de sentido, ou seja, o aprendiz-interlocutor não venceu e perdeu a oportunidade de aprender a ‘falar inglês’.

Mas, quais estratégias argumentativas sustentam o encadeamento argumentativo formulado? Na tentativa de contribuir para o entendimento de como esse sentido é construído, tomamos o pronome indefinido “tudo” em “Aliás, eu sou tudo [...]” que, linguisticamente, procura marcar no enunciado a completude de *tudo* que a escola pode oferecer a quem se matricular na *WISE UP*: um aprendiz em posição de ascendência social por “falar inglês” em oposição ao outro que perdeu tudo por não saber falar inglês. Pela morfologia, a forma verbal “Esteja”, no presente do subjuntivo, no enunciado “Esteja pronto para as oportunidades”, direciona o leitor-interlocutor fluente no idioma inglês.

Na sequência “Eu sou a chance de crescer que você jogou fora. Aquela viagem que você nunca fez. Sou o emprego que você perdeu. **Aliás**⁸¹, eu sou tudo o que você perdeu por não falar inglês”, o conector “Aliás” articula os enunciados anteriores, um “antes” discursivo que se estabelece pelo/no enunciado do texto 04.

Problematizamos o uso do advérbio “Aliás” no enunciado “Aliás, eu sou tudo o que você perdeu por não falar inglês”, enquanto conector, que articula e, sobretudo, constrói o sentido do discurso publicitário da *WISE UP*. Esse conectivo nos permite observar uma continuação discursiva, vinculada às entidades/aos conectores de valor semântico similar/análogo como (ou seja, isto é, além disso, de outro modo, ou melhor, na verdade) que pelo texto ‘acrescentam à a lista de chances perdidas pelo interlocutor não-falante de inglês. Esses conectores pertencem à constituição de aspectos normativos, introduzidos por situações provocadas por um presente na relação com um discurso anterior, acrescentando ou deixando em relevo os argumentos anteriores, a saber: “Eu sou a chance de crescer que você jogou fora. Aquela viagem que você nunca fez. Sou o emprego que você perdeu. Aliás, eu sou tudo o que você perdeu por não falar inglês”.

Essa sequência é um *marketing* da escola *WISE UP* que se prefigura pertencer ao aspecto normativo, ao retomar as ‘oportunidades perdidas pelo interlocutor “por não-falar inglês”, na relação com um discurso já dito.

Pela aplicação e sistematização das noções da TBS, apreendemos também a existência de conexão estabelecida ente A e B, em que o conector ‘Aliás’ evoca aspectos do tipo transgressivo direcionado a uma correção, a uma retificação ou ainda a uma reformulação

⁸¹ Grifo nosso.

discursiva parafrástica ou não, indicando uma quebra enunciativa⁸²: Mas/contudo/ no entanto, você perdeu todas as oportunidades por não ⁸³falar inglês.

Castro (1997) explica que, de acordo com Ducrot (1980), o conector “Aliás” possibilita de igual modo a qualquer outro conector, “um conjunto de procedimentos, de instruções para a interpretação dos enunciados”. (CASTRO, 1997, p. 86). Para a autora, esse conector é o responsável pela “tacada final”, pela possibilidade de se introduzir uma decisão, uma argumentação. Vejamos essa tacada na paráfrase “Não se matriculou na WISE UP, *então* perdeu a oportunidade de aprender inglês”.

O enunciado “Esteja pronto para as oportunidades! Wise Up! Inglês para adultos!” na relação semântica com o enunciado “Fernanda Lima é a voz da consciência de quem não sabe inglês” nos leva a uma continuação discursiva como possibilidade do ponto de vista não só dos jovens como dos adultos, os interlocutores, para terem consciência das oportunidades perdidas por não aprender inglês na WISE UP.

Concordamos com a TBS de que se abrem várias possibilidades de construção de encadeamentos argumentativos. Assim, apresentamos por meio de dispositivos de ordem parafrástica os Blocos Semânticos: BS1 e BS2.

Quadro 10. Ordem parafrástica dos Blocos Semânticos: BS1 e BS2

BS1	BS2
(1) Fluência na Língua Inglesa DONC oportunidades.	(1') Fluência na Língua Inglesa DONC oportunidades.
(2) Fluência na Língua Inglesa PT não oportunidades.	(2') Fluência na Língua Inglesa PT oportunidades.
(3) Ausência de fluência na Língua Inglesa PT oportunidades.	(3') Ausência de fluência na Língua Inglesa DONC oportunidades.
(4) Ausência de fluência DONC não oportunidades.	(4') Ausência de fluência na Língua Inglesa PT não oportunidades

Fonte: Elaborado com base em Carel; Ducrot (2005).

Tais aspectos produzem paráfrases que nos levam a direcionar discursivamente para os seguintes conteúdos: (i) Fluência na língua inglesa, *portanto* conquista de oportunidades e (ii) Não fluência na língua inglesa, *no entanto* impõe barreiras profissionais.

Apresentamos alguns aspectos que se prefiguram na relação de *interdependência semântica* no texto 03, construindo os seguintes sentidos: O interlocutor falante de inglês terá

⁸²Sobre essa noção do conector ‘aliás’ ver: Cunha (2021). Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/512>. Acesso em: dia? jul. 2022.

sucesso e o interlocutor não falante perderá as oportunidades, ou seja, não *sucesso* = *fracasso*.

Vejamos os encadeamentos:

A: Fluência na língua inglesa, *portanto* oportunidades.

B: Não fluência na língua inglesa, *portanto* perder oportunidades.

Quadro 11. Encadeamentos argumentativos dos aspectos dos Blocos Semânticos 1 e 2

BS1	BS2
(1) A DONC B <VENCER> = <i>sucesso</i>	(1') A DONC NEG-B <VENCER> = <i>sucesso</i>
(2) A PT NEG-B <PERDER> = <i>fracasso</i>	(2') A PT B <PERDER> = <i>fracasso</i>
(3) NEG-A PT B <VENCER> = <i>sucesso</i>	(3') NEG-A DONC B <PERDER> = <i>fracasso</i>
(4) NEG-A DONC NEG-B <PERDER> = <i>fracasso</i>	(4') NEG-A PT NEG-B <VENCER> = <i>sucesso</i>

Fonte: Elaborado com base em Carel; Ducrot (2005).

Com base nos Blocos Semânticos 1 e 2, compreendemos que a fluência em língua inglesa e a não fluência reverberam a construção de sentidos em torno de dois aspectos: vencer e perder. Esses aspectos evocam discursos que direcionam a paráfrases de que o aprendizado desse idioma está prefigurado ao sentido que surge no interior dos enunciados: ora de *sucesso*, em aspectos normativos em DC e ora de não *sucesso* em aspectos de transgressão à regra quando articulados em PT e ambos em oposição pela negação.

Prefiguramos que o verbo ‘inscrever’, no modo imperativo, nos encadeamentos:

(1) “Esteja pronto para as oportunidades, *portanto* inscreva-se na WISE UP! Inglês para adultos!” e (2) “Esteja pronto para as oportunidades, *no entanto* não se inscreva na WISE UP! Inglês para adultos!” surgem do sentido parafrástico que se constrói no conjunto semântico, resultante da articulação/ligação desse verbo a um conector do tipo DC e PT com a relação de coexistência de sentido que se dá pela sequência do nome da escola de idiomas WISE UP.

A adição dessa conjugação é vista por Carel e Ducrot (2005) como não ‘inferência’, mas como relação de interdependência semântica, ou seja, pelo vínculo que surge da relação do nome da escola de idiomas *WISE UP* com o propósito do produtor do texto publicitário que induz o seu interlocutor a ‘inscrever-se’ na referida escola.

Ao direcionar o interlocutor-aprendiz de línguas a se inscrever nessa escola de idiomas, ocorre uma continuação discursiva, um chamamento normativo para matricular-se na sua empresa em:

(1): “Esteja pronto para as oportunidades, *portanto* inscreva-se na WISE UP! Inglês para adultos!”;

(2) “Esteja pronto para as oportunidades, *no entanto* não se inscreva na WISE UP! Inglês para adultos!”, um encadeamento transgressivo que direciona implicitamente a um tipo de não-chamamento à inscrição na escola.

Esse encadeamento apresenta a mesma ideia do enunciado 1 acerca do aprendizado de inglês que se liga também ao *sucesso*/oportunidades, a saber: “Esteja pronto para as oportunidades, *no entanto* não se inscreva na WISE UP! Inglês para adultos!”. Respectivamente, temos os seguintes aspectos: VENCER no mundo atual = SUCESSO; o encadeamento contrário, transgressivo: NÃO VENCER: NÃO SUCESSO no mundo atual.

Na sequência, tomamos como materialidade de análise o texto 04.

4.4 Texto 4 WISE UP – CORAGEM É UMA DECISÃO

Figura 6 - Texto 4 – WISE UP



Fonte: Propaganda da escola de idiomas Wise Up (2022).

A peça publicitária acima é da mesma escola de idiomas WISE UP e foi publicada recentemente na página oficial de seu *facebook*, em 06 de maio de 2022⁸⁴. Essa propaganda

⁸⁴ Publicação feita na data que antecede a comemoração do dia Internacional da Mulher, 08 de maio. A escola de idiomas denomina o dia 06 de maio como # dia da coragem em: Wise Up 6 de maio · Quem tem coragem decide

utiliza como *marketing* a imagem de uma mulher que enuncia: “CORAGEM É UMA DECISÃO”. Tomando a significação como uma relação semântica entre linguagem verbal e imagética, em que o sentido do enunciado se constitui das argumentações subjacentes aos encadeamentos argumentativos, isto é, à descrição da enunciação, centramos a nossa análise, não na intenção do locutor-produtor do *marketing*, mas no produto da realização da frase/texto, do enunciado/discurso, tendo o ponto de vista do leitor-interlocutor como uma continuação discursiva direcionada à interação com o locutor-produtor do texto publicitário. Para tanto, estabelecemos relações de sentido entre os enunciados (i) “CORAGEM É UMA DECISÃO” e (ii) “#wiseup#diadacoragem#coragem”, ambos da referida propaganda, como continuação discursiva do público-alvo, leitor-interlocutor aprendiz de língua, em resposta ao ponto de vista do locutor-produtor do enunciado.

Para não cairmos nas ‘armadilhas semântico-argumentativas’, concordamos com Cerezoli e Azevedo (2021), as quais, com base em Ducrot (1970), concebem que na e pela cuidadosa atualização da língua, sentidos são produzidos como ecos na sociedade, mas não de modo aparente e linear. Desse modo, questionamos:⁸⁵ (i) Seria uma coincidência tomar a figura feminina como personagem dessa peça publicitária, assim como de outras aqui já analisadas? (ii) Qual seria o sentido do visual que está sendo enunciado linguisticamente?

Pela aplicação do modelo teórico da TBS, observamos que o *marketing* argumentativo dessa propaganda se assenta nas relações de sentido entre a imagem da figura feminina e o enunciado “CORAGEM É UMA DECISÃO”, direcionando a outros discursos como possibilidades de continuação/atualização da língua. Nessa perspectiva, as argumentações são constitutivas dos sentidos expressos no enunciado, estabelecendo uma relação semântica interdependente da imagem da mulher com os atributos ‘coragem/decisão’. Essa ligação semântica pode desencadear o bloco semântico “Maria estuda inglês, *então* enfrenta os desafios do mundo capitalista”, uma possibilidade parafrástica argumentativa de conceber a relação entre ensino/aprendizado de inglês – argumentação – capitalismo⁸⁶, construindo aspectos a partir desse mesmo bloco.

quando é hora de sair do lugar e seguir em direção ao futuro, conquistando seus maiores objetivos sem medo do que está por vir. E você: o que vai decidir fazer hoje? #wiseup #diadacoragem #coragem. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/wiseup/>. Acesso em: maio de 2022.

⁸⁵ Sugestões de questionamentos elencados por Guimarães (2022), durante o processo de qualificação desta tese como possibilidades de se pensar a relação de uso da figura feminina nos textos selecionados para o empreendimento da análise, a partir da sustentação teórica da TBS. (GUIMARÃES, 2022).

⁸⁶ Sugestão de Dias (2022) em momento de qualificação deste texto, como possibilidade de se estabelecer um diálogo entre a nossa fala de semanticista na interdependência semântica com a prefiguração de sentido produzida pelo emprego da língua do locutor-produtor da propaganda analisada, de maneira a dar sustentação pela aplicação do modelo teórico da TBS, acerca da relação de relevância acerca da escolha de textos publicitários de cursos de inglês como materialidade analítica. (DIAS, 2022).

Na TBS, os aspectos são caracterizados em 03 grupos: (1) conversos; (2) recíprocos e (3) transpostos e ocorre ainda pelas relações entre aspectos de blocos diferentes. Os aspectos podem ser vistos como representações de encadeamentos argumentativos, são relações discursivas independente das condições de verdade. São diferentes pontos de vista na relação entre um locutor-produtor e um leitor-interlocutor, seja de apreciação ou não a respeito de um tema.

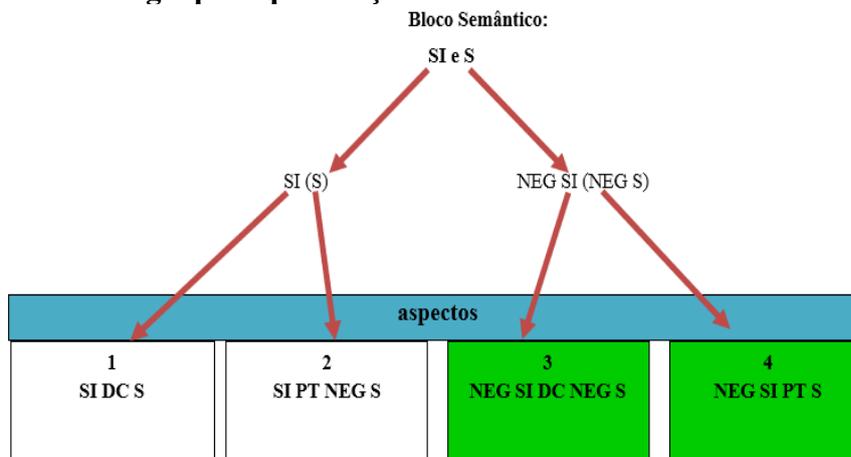
Tomamos os enunciados: (i) “CORAGEM É UMA DECISÃO”; (ii) “#wiseup#diadacoragem#coragem” para a construção dos seguintes aspectos: A DC C = corajosa DC decide estudar inglês na Wise Up; A PT Neg-C= corajosa PT não decide estudar inglês na Wise Up; Neg- A DC Neg-C = não corajosa DC não decide estudar inglês na Wise Up; Neg- A PT C = não corajosa PT decide estudar inglês na Wise Up.

Parafrazeando os enunciados (i) e (ii) atualizamos na e pela língua a construção dos seguintes aspectos: (1) **os conversos** que estão relacionados à negação: Se um locutor afirma “Maria sabe inglês, *então* é uma mulher de *sucesso*” concorda com o aspecto (a) ‘saber inglês DC *sucesso*. Um outro opõe-se: “Maria é uma mulher de *sucesso*, *no entanto* não sabe inglês, argumenta pelo aspecto (b) *sucesso* PT neg- saber inglês. Há então dois juízos distintos sobre o *sucesso*. (2) a relação de **reciprocidade** também envolve oposição, embora numa outra dimensão. Tomando o mesmo encadeamento, a relação de discordância ocorre pela negação, embora o locutor afirme que saber inglês leva ao *sucesso*, o seu interlocutor impõe também divergência, expressando os aspectos (a) saber inglês DC *sucesso* e (b) neg-saber inglês DC neg-*sucesso*. (3) Uma outra possibilidade argumentativa constitui-se de apreciações de **transposição**. De igual modo à prefiguração da significação de *sucesso*, em que ‘alguém’ acredite que (a) saber inglês não leve ao *sucesso*, *no entanto* deve saber esse idioma (b) = neg saber inglês PT *sucesso*. (DELANOY, 2021).

Cabe destacar que a TBS também é um construto teórico-*continuum* dos modos de repensar e atualizar a língua pela relação intralinguística em que expressamos nossa apreciação, isto é, o nosso ponto de vista sobre uma questão/temática. É assim que, recentemente, Carel (2021d) apresenta um agrupamento representativo da prefiguração de significação denominado árvore. Com base no texto 04, partimos do pressuposto de que há duas maneiras de ter *sucesso* em razão da decisão em fazer/saber inglês ou não. Vejamos como a representação acima do bloco semântico: (i) Saber Inglês e (ii) ter *sucesso* pode ser agrupada pela noção de ‘árvore’, em que “SI” substitui “saber inglês” e “S” substitui “ter *sucesso*”: ⁸⁷

⁸⁷ Adaptado de Carel (2021d, p.130).

Figura 07: Representação do bloco semântico: (i) Saber Inglês e (ii) ter sucesso agrupada pela noção de ‘árvore’.



Fonte: Elaborado com base em Carel (2021d).

Os dois primeiros aspectos têm uma relação de parentesco mais forte ou como denominado por Carel (2021d), um bloco semântico comparado à metáfora da argila comum. Prefigurados na significação da expressão “Saber Inglês - SI” que se apresentam em uma mesma face, ou seja, os dois lados de uma ideia similar de SI, que leva normalmente ao *sucesso* (SI DC S) ou ainda que não impede o fracasso (SI PT NEG S).

Temos a forma positiva em parênteses = SI DC S, mas também em sua forma negativa = SI PT NEG S. Diferentemente do bloco semântico 1 e 2 = metáfora da argila comum, Carel (2021d) concebe o *quase-bloco* comparando à metáfora ou a uma argila de uma determinada cor, visto que são derivados de um outro *quase-bloco*. Cabe aqui destacar que o não *sucesso* dá origem também a um *quase-bloco* que leva ao *fracasso* = (NEG SI) NEG S.

Embora sabedores da relevância da noção de agrupamento dos *quase-blocos* em forma de árvore na TBS, destacamos que, em razão do nosso delineamento metodológico, por ora nos centraremos apenas na apresentação do exemplo acima, concebendo o agrupamento dos *quase-blocos* por meio de uma árvore (CAREL, 2021d).

Apresentamos possibilidades de sentidos polifônicos argumentativos e parafrásticos como continuação discursiva, em que o ‘visual da personagem feminina’ está sendo enunciado linguisticamente, enquanto prefiguração semântica do leitor-interlocutor aprendiz de inglês do mundo capitalista, pelos enunciadores (pontos de vista organizados sistematicamente pela e na língua), conforme quadro abaixo:

Quadro 12. Possibilidade de sentidos polifônicos argumentativos-parafrásticos: ‘Visual da personagem feminina’ no discurso publicitário.

Prefiguração polifônica argumentativa do leitor- interlocutor = Blocos Semânticos	aspectos	
E1: “Seja uma mulher empoderada no mundo capitalista, <i>portanto</i> estude inglês na WISE UP”.	= A DC C	recíproco positivo
E2: “Seja uma mulher empoderada no mundo capitalista, <i>no entanto não</i> estude inglês na WISE UP”.	= A PT Neg-C	recíproco negativo
E3: “Não seja uma mulher empoderada no mundo capitalista, <i>portanto não</i> estude inglês na WISE UP”.	= Neg-ADC Neg-C	converso normativo
E4: “Não seja uma mulher empoderada no mundo capitalista, <i>portanto</i> estude inglês na WISE UP”.	= Neg- A PT C	converso transgressivo

Fonte: Elaborado com base em Ducrot (1988), Carel; Ducrot (2005) e Cerezoli e Azevedo (2021).

Via de regra, Carel (2019) explicita que pela TBS atual o entrelaçamento enunciativo está associado à constituição da argumentação pelo uso da língua na relação de existência em outros sistemas linguísticos. A partir disso, compreendemos a *hashtag* (#), enquanto uma marca linguística argumentativa de sentido, visto que os usuários das redes sociais, na condição tanto de locutor quanto na de leitor-interlocutor, têm empregado constantemente em seus discursos e clamado respostas aos seus interlocutores.

De acordo com o dicionário on-line *Oxford Univerty Press – Oxford Learner's Dictionaries* (2022)⁸⁸, o símbolo ‘#’ – *hashtag* significa uma palavra ou frase precedida pelo símbolo ‘#’ (cerquilha), usada em sites de mídias sociais e aplicativos, para fins de procurar todas as mensagens com o mesmo assunto. Assim, a respeito do enunciado “#wiseup#diadacoragem#coragem”, notamos que o uso da *hashtag* pode ser tomado como um articulador discursivo, um conector que pelo signo “#” desencadeia uma relação semântica entre o dia da coragem (06 de maio), o nome da escola de idiomas e a entidade linguística CORAGEM.

A *hashtag* (#) se constitui como materialidade de análise e a tomamos como uma linguística argumentativa viável a desencadear continuações discursivas de sentidos. São, portanto, signos argumentativos convencionais da contemporaneidade, um código social empregado pelos usuários das redes sociais, segmento de discurso *online* e também *offline*, presente em gêneros discursivos diversos.

⁸⁸Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/hashtag?q=hashtag>. Acesso em: jul. 2022.

Tomamos aqui de empréstimo a ‘descrição tecnolinguística’ da *hashtag* (#) feita por Paveau (2021) e reconhecemos de igual modo a essa autora que, a *hashtag* (#) é “uma tecnopalavra”. (PAVEAU, 2021, p. 225-226). Ainda para Paveau (2021), a (#) tem sido espalhada pelos e nos meios digitais e redes sociais, a exemplo do *Twitter*, *Instagram* e *Facebook* e “[...] rapidamente se tornou um elemento familiar na paisagem gráfica e digital contemporânea”. (PAVEAU, 2021, p. 225). Temos nessa ‘tecnopalavra’ um sentido semântico que subjaz da sua relação com outras entidades linguísticas que compõe o sentido do texto. Em outras palavras, a *hashtag* é uma possibilidade semântica argumentativa, pois trata-se de ‘uma escolha linguística’ de uso na e pela língua de evocar sentidos sobre o ponto de vista do produtor-locutor, de maneira a clamar uma resposta do leitor – interlocutor.

Há então que se pensar que há nessa relação de uso da (#) um dito, um valor semântico em funcionamento argumentativo, ou seja, um sentido que surge das realizações linguísticas que, pelas noções da TBS, nos permite prefigurar como significações da (#) o sentido de: (i) o vocativo – uma continuação discursiva de chamamento e convite ao aprendiz de inglês a se matricular na escola produtora do *marketing*; (ii) conector do tipo: portanto, então, aliás, porque, ainda que, enquanto elementos argumentativos de ligação entre os encadeamentos evocados pelo interlocutor aprendiz de língua inglesa.

O sentido de interdependência entre 06 de maio, dia da coragem e a escola de idiomas WISE UP, nos permite desvelar uma descrição semântica parafrástica de que o dia 06 de maio é visto como um dia da coragem/da ousadia de se preparar para o futuro, direcionando a uma continuação discursiva de chamamento do público-alvo para uma tomada de decisão: matricular-se na escola WISE UP.

Esse chamamento se dá pela construção linguística do vocativo em “E **você**: o que vai decidir fazer hoje?”, uma vez que a # pelo seu funcionamento linguístico direciona/orienta a prefiguração de outras *tags* – palavras-chave sobre a mesma perspectiva discursiva do locutor-produtor da frase que, pelo emprego da # atualiza o sentido sobre o fato de que saber inglês é relevante nos dias atuais. O *marketing* publicitário do locutor dessa peça provoca, pelo enunciado “#wiseup#diadacoragem#coragem”, que o dia 06 de maio é um dia crucial para que o leitor- interlocutor aprendiz de inglês tome uma atitude ousada e assertiva, matriculando-se na WISE UP, direcionando, assim, discursivamente de modo normativo-assertivo para a relevância de ‘SI’DC S’, ou seja, nos leva a pensar que “ Se alguém sabe inglês, *então* está pronto para enfrentar os desafios do mundo capitalista”, de igual modo a Maria, conforme o bloco semântico parafrástico do enunciado “CORAGEM É UMA DECISÃO”, já mencionado: “Maria estuda inglês, *então* enfrenta os desafios do mundo capitalista”.

Vejamos ainda, os aspectos (significação abstrata) para a palavra ‘coragem’ na relação entre as palavras “wise up e dia da coragem” na relação com a *hashtag*, significando linguisticamente conector do tipo *donc* e *pourtant* no enunciado: “#wiseup#diadacoragem#coragem”. Desse modo, produz-se a continuação dos segmentos de discurso, diferentes vozes polifônico-argumentativas de interlocutores que subjazem ao confronto do conjunto de possibilidades ou impossibilidades implícitas no interior do referido enunciado, a saber:

A: Matricular-se na WISE UP, *portanto* falante de inglês de *sucesso*;

B: Não se matricular na WISE UP, *então* falante de inglês de não *sucesso*;

D: Não se matricular na Wise Up, *mesmo assim* falante de inglês;

E: Matricular-se na Wise Up, *no entanto* falante de não *sucesso*.

Vejamos no quadro a seguir, como se constitui esse conjunto de continuação discursiva do enunciado em questão, por meio da categorização de aspectos recíprocos e conversos, responsáveis pela formação de um bloco semântico em DC e PT. Dar lugar aos discursos em PT é uma noção desenvolvida por Carel (2002) por não conceber discursos apenas em DC, mas também em PT. Diante disso, surge a noção de Argumentação Interna que são as argumentações “[...] condensadas no próprio interior do enunciado simples” (CAREL, 2002, p. 29).

Quadro 13. Aspectos de um bloco semântico.

A A DC C Falar inglês DC <i>sucesso</i>	B Neg-A DC Neg- C Não falar inglês DC não <i>sucesso</i>
C Neg- A PT C Não falar inglês PT <i>sucesso</i>	D A PT Neg- C Falar inglês PT não <i>sucesso</i>
Recíprocos = positivo e negativo (A e B; C e D)	
Conversos= normativo e transgressivo (A e D; C e B)	

Fonte: Elaborado com base em Carel (2002) e Moraes; Cayser (2021, p. 7).

É por esses sentidos não aparentes que a peça publicitária convoca o interlocutor a mudar de atitude por meio do enunciado argumentativo normativo “CORAGEM É UMA DECISÃO, exigindo do interlocutor um ato de coragem, de audácia/ousadia, para mudar a sua relação com o mundo, matriculando-se na escola WISE UP, como uma decisão viável para ter *sucesso* por saber a língua inglesa.

Com base no exemplo do bloco semântico acima, podemos então conferir vozes de aprendizes de inglês (leitor-interlocutor) prefigurando continuações positivas sobre a relevância

de ser falante de inglês para a conquista de seus objetivos, *então/portanto sucesso* em: A (A DC C) e C (Neg- A PT C). Em B (Neg-A DC Neg- C) e D (A PT Neg- C) são prefigurações negativas construídas tanto em DC, pela negação à esquerda quanto em PT, pela negação à direita do conector. Essas últimas possibilidades são categorizadas por Carel (2021d) como aspectos transpostos, pela negação e alteração de conectores.

O *marketing* da propaganda para ‘vender’ a imagem da escola ao público-alvo se assenta em 02 (dois) atributos vinculados à imagem da mulher: (i) corajosa e (ii) decidida, que estabelecem relações semânticas entre as palavras “futuro” e “conquista de objetivos”, construindo os seguintes encadeamentos:

A: “Se alguém sabe que falar inglês leva ao *sucesso*, *portanto* irá se inscrever na Wise Up”!

B: “Se alguém sabe que falar inglês leva ao *sucesso*, *no entanto* não irá se inscrever na Wise Up”!

A atitude convocatória da mulher na condição de leitora-interlocutora implica a continuação discursiva pela paráfrase: “Uma mulher que sabe inglês terá seu espaço no mundo capitalista”. Diante disso, seria possível afirmar t que o sentido de ‘coragem’ leva ao sentido de ‘prudência’? A relação de interdependência semântica entre os aspectos A e B constitui sentidos intralinguísticos. São, portanto, construções semânticas que produzem conteúdos, de maneira a relacionar o enunciado “CORAGEM É UMA DECISÃO” a uma ação ‘prudente’ de evitar a não-conquista de objetivos: (i) Estude inglês na WISE UP, *então* você terá *sucesso* em sua vida!; (ii) Não estude inglês na WISE UP, *no entanto* você não terá *sucesso* em sua vida!

A decisão de aprender inglês lançada pelo produtor da propaganda ligada aos atributos *coragem e decisão*, implicitamente na relação verbal e imagética, direciona o leitor- interlocutor a não se deixar a pensar no sentido linear do texto, pois, para ter acesso às oportunidades há uma atualização na e pela língua que faz aparecer construções parafrásticas, encadeamentos argumentativos, do tipo (a) e (b):

(a) “Se uma mulher quer ter *sucesso* na vida *então* estuda inglês na WISE UP”;

(b) “Se alguém sabe inglês. *Aliás*, se alguém não quer perder as oportunidades em sua vida estuda inglês na WISE UP”.

De acordo com Carel e Ducrot (2005), as construções de blocos semânticos constituem uma singularidade presente em todas as relações argumentativas, isto é, em todo discurso

analisável sintaticamente, o que rejeita a hipótese de que encadeamentos argumentativos resultam de um raciocínio lógico de conexão de duas informações, deslocando a ideia de que a construção de encadeamentos permite a inferência ou a dedução de um raciocínio entre um segmento A e um segmento B.

O *marketing* do texto 04 abre possibilidades de induzir ambos os gêneros a se inscreverem na escola, pois o pronome relativo “Quem” no enunciado “Quem tem coragem decide quando é hora de sair do lugar e [...]” prefigura-se a significação de contemplar ambos os gêneros ao se inter-relacionar com o enunciado “E você: o que vai decidir fazer hoje?”.

Nessa provocação feita pelo locutor-produtor notamos que há uma interdependência semântica que se estabelece entre o pronome relativo “Quem” e ‘você’, este último, uma entidade pronominal indefinida para “quem” fala o interlocutor.

Entendemos ser relevante trazer à tona a discussão acerca das noções de AI e AE, tomamos para análise o enunciado do texto 04 “QUEM DOMINA O CONHECIMENTO DE DÁ BEM”, o qual passamos a descrever semanticamente como se dá a atualização de um determinado encadeamento argumentativo, aplicando as noções de Argumentação Interna –AI e Argumentação Externa – AE, lançando mão da descrição semântica para a identificação dos aspectos dos blocos semânticos, isto é, da atualização do discurso.

Para melhor visualizarmos a descrição semântico-argumentativa dessa expressão, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 14: Descrição semântico-argumentativa da expressão “DOMINA O CONHECIMENTO”.

Entidade linguística	AE à direita	AE à esquerda	AI
Domina o conhecimento	Domina o conhecimento DC sabe inglês	Sabe inglês DC domina o conhecimento	Sabe inglês DC <i>sucesso</i> =
	Domina o conhecimento PT Neg- sabe inglês	Neg- sabe inglês PT domina o conhecimento	Sabe inglês DC se dá bem

Fonte: Adaptação de Cerezoli; Azevedo (2021) com base em Carel (2002); Carel; Ducrot (2005).

Concluindo este capítulo, observamos em todos os textos publicitários analisados que nas relações argumentativas *escola X conhecimento da língua inglesa*, nas diferentes versões Standard/TAL (Argumento e Conclusão), polifonia/TAL, Standard/TBS quadrado argumentativo (1992- 2005) e TBS – atual, Blocos Semânticos e *quase-blocos*, os sentidos de SUCESSO - NÃO SUCESSO se mantêm.

Passamos, a seguir, às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este espaço de escrita não se resume à escrita final desta pesquisa. Outrossim, busca deixar em relevo um desenho semântico delineado na análise que passa a ser evidenciado pelas considerações que ora passamos a apresentar, de maneira a clamar outras vozes como via de possibilidades de pesquisas futuras.

A pesquisa surge do entrelaçamento da prática docente da pesquisadora que reconhece a relevância deste estudo, que coloca no espaço científico uma tímida contribuição para os estudos enunciativos pelo viés da Semântica Linguística, dada a necessidade de se pensar a linguística como uma lente importante de se entender o mundo pelo uso da língua, pela sua própria materialidade, como ferramenta independente para a construção do sentido do discurso, pelas relações intralinguísticas.

Fundamentamos na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), iniciada por Marion Carel, em 1992 e, atualmente, desenvolvida em conjunto com Ducrot e colaboradores, por considerar o horizonte que essa disciplina aponta ao proporcionar estudos sobre a descrição de sentidos das entidades linguísticas (palavras e expressões) em diferentes textos, visto que para essa teoria é na linguagem que ocorrem as relações argumentativas. Sendo assim, voltamos a nossa lente de semanticista para a língua como materialidade significante, de ordem intralinguística, independente de outros elementos externos a sua ordem interna. Daí surge a motivação do tema desta tese: o estudo semântico-argumentativo dos sentidos de palavras e expressões em textos publicitários de escolas de língua inglesa à luz da TBS, por considerar que os sentidos de palavras e expressões não se constituem isoladamente, mas pelas relações entre si.

Tomamos como materialidade de análise os textos publicitários, ou seja, propagandas de escolas de idiomas pensando no uso da língua, por meio de textos multifacetados, cuja pluralidade e singularidade da língua podem ser prefiguradas pelas imagens, símbolos, isto é, não apenas o verbal mas também o “visual” como modo de capturar o leitor-interlocutor. Sendo assim, o nosso estudo se circunscreveu à descrição e análise da relação argumentativa *escola X – conhecimento da língua inglesa – obtenção do sucesso* nos textos publicitários selecionados. Para tanto, pensamos a Linguística como uma lente relevante para se entender o mundo, compreendendo a língua por ela mesma, pela sua própria materialidade, como ferramenta independente, para a construção do sentido do discurso pelas relações intralinguísticas.

Concebemos então a língua como materialidade significativa para compreender a significação e o processo de sentido e sua construção em textos publicitários, portanto, no discurso. Em outras palavras, o discurso publicitário assim como outros gêneros discursivos multimodais nos têm sido apresentados diariamente em nosso cotidiano contemporâneo. Esses discursos são considerados possibilidades linguísticas argumentativas parafraseáveis em que a significação de entidades verbais e imagéticas (entidades abstratas) prefiguram sentidos de enunciados (entidades concretas), enquanto manifestação linguística, isto é, discursiva, a enunciação.

Demonstramos questões motivadoras no âmbito pessoal, social, profissional e acadêmica para o processo investigativo. Dentre elas, elencamos aqui, a que tem me causado um incômodo contínuo, não apenas como professora de Língua Inglesa mas também como usuária da língua, a saber: Como lidar com a compreensão leitora frente à essa diversidade de gêneros?

Elencamos os seguintes questionamentos que problematizam esta pesquisa:

(i) Como se dá a prefiguração argumentativa da relação *escola X e conhecimento da língua* nos textos publicitários de cursos de inglês?;

(ii) De que modo a TBS fornece possibilidades de construção e interpretação de sentido dos conectores *portanto* e *no entanto* e/ou similares que podem ser implícitos ou não nos enunciados dos textos?;

A problematização do estudo nos permite delinear as seguintes hipóteses:

H1: Prefigurar sentidos pela TBS nos leva a compreensão e interpretação do discurso publicitário de cursos de inglês e a relação argumentativa *escola X e conhecimento da língua*.

H2: Fundamentados nos conceitos da TAL/TBS é possível descrever e analisar enunciados argumentativos de textos publicitários, contribuindo com a compreensão e interpretação textual com base nos conectores *portanto* e, *no entanto*, e/ou similares que podem ser implícitos ou não nos enunciados dos textos.

H3: A TBS é uma lente relevante para se compreender a língua por ela mesma, pois, embora tenha perpassado por movimentos de revisão e ampliação de seus conceitos, busca a integração de novas noções, mantendo a propositura inicial de que a argumentação se inscreve na língua, em seu próprio sentido.

Diante disso, propomos como objetivo geral descrever e analisar os sentidos de palavras e expressões em textos publicitários de escola de idiomas à luz da Teoria dos Blocos Semânticos, examinando como se dá a prefiguração argumentativa da relação *escola X e conhecimento da língua inglesa* associada às relações linguística e imagética.

Pontuamos ainda os objetivos específicos:

- (i) Apresentar um percurso teórico da argumentação da retórica à Teoria da Argumentação na Língua – TAL, perpassando por princípios filosóficos, linguísticos estruturalista e semântico na relação com a TAL;
- (ii) Discutir as três fases da Semântica Argumentativa/Forma *Standard*, Teorias da Polifonia e dos *Topoi* e a Teoria dos Blocos Semânticos que constituem a base teórica da Semântica da Argumentação;
- (iii) Delinear os procedimentos metodológicos com base nos estudos de Prodanov e Freitas (2013), bem como a descrição do *corpus* analítico;
- (iv) Compreender os sentidos de palavras e/ou expressões em textos de gênero publicitário de cursos de inglês, observando os sentidos da relação escola x – conhecimento da língua nas diferentes versões Standard/TAL (Argumento e Conclusão), a polifonia/TAL, a Standard/TBS quadrado argumentativo (1992- 2005) e TBS – atual, Blocos Semânticos e os *quase-blocos*.
- (v) Aplicar a paráfrase como possibilidade polifônica do leitor-interlocutor como prefiguração de significação na articulação com a TBS, de maneira a trazer à tona o dito, o discurso publicitário sobre o domínio do inglês na contemporaneidade;
- (vi) Interpretar os textos publicitários selecionados para a análise, por meio dos pressupostos da TAL/TBS, de maneira a buscar o sentido do discurso sem deixar se levar pelo sentido literal do léxico como sentido único.

Desse modo, defendemos a tese de que os fundamentos da TBS, especificamente, em sua fase dos *Blocos Semânticos*, nos permitem prefigurar sentidos do discurso publicitário de cursos de inglês e a relação argumentativa *escola X e conhecimento da língua*, por meio de paráfrases como atualização da linguagem imagética e verbal, contribuindo com a compreensão e interpretação textual.

A proposta de defesa de tese formulada para o desenvolvimento deste estudo nos colocou frente aos fundamentos teóricos da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe (1983, 1994), e da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) iniciada por Marion Carel em 1992 e, atualmente, desenvolvida com Ducrot e colaboradores.

O *corpus* analítico da tese constitui-se de 04 textos publicitários de escolas de idiomas, disponibilizados na *internet*. Concebendo o texto, conforme Ducrot e Carel (2005) como um bloco semântico, cujo sentido é orientado por conectores do tipo *donc* (portanto), *pourtant* (no entanto), propomos sistematizar e aplicar os conceitos da TBS, valendo-nos da descrição

semântica dos textos selecionados, de modo a dar conta do sentido do discurso. Concebemos que além de elementos verbais, as imagens também são possibilidades argumentativas parafraseáveis. Adotamos para análise os procedimentos metodológicos desenvolvidos por Prodanov e Freitas (2013).

Trazemos à tona pontos de vista, enquanto prefiguração de significação do dito publicitário de propagandas de cursos de inglês de escolas instaladas no Brasil, estabelecendo relações relevantes que resultam uma aproximação da TAL com a Teoria dos Blocos Semânticos - TBS, na qual Carel (1992) reconfigura e redesenha noções do quadrado argumentativo – TAL - *Standard* (CAREL; Ducrot, 2005) pela proposição da TBS-*Standard*, visto que na TBS há um intermédio que pode ser descrito como uma “migração do conceito de quadrado argumentativo para o conceito de *quase-bloco*”⁸⁹. (FREITAS, 2021).

Nesta tese, procuramos desvelar os pontos convergentes entre esses dois aportes teóricos quando concordamos com Freitas (2022) em pensar na possibilidade de migração de conceitos da TAL/TBS- *Standard* como aspectos recíprocos, conversos e transversos, os quais têm sido reapropriados, readequados e ampliados, quando revisitados por Carel (1992) até a fase atual. Em outras palavras, Carel (1992) em parceria com Ducrot e colaboradores atualizam conceitos originários do quadrado argumentativo, resignificando-os nos postulados da Teoria dos Blocos Semânticos.

Nessa linha de pensamento, passamos ao empreendimento de análise, interrogando a língua pela língua por meio da sistematização e aplicação das noções da Teoria dos Blocos Semânticos *Standard-TAL* e *TBS-Atual*, apresentando possibilidades de análise perpassam pelas fases da TAL/TBS.

Esta pesquisa é vista como via assertiva para contribuir com o desenvolvimento da competência de prática leitora, provocando o leitor-interlocutor a não se deixar levar pela evidência do sentido do texto, pelo enganoso sentido único do léxico, mas, sobretudo, pela significação das palavras por meio da sistematização e aplicação das noções da TBS que permitem a interpretação do texto pela descrição do discurso, pois a argumentação se inscreve na língua.

Nesse processo de trazer à tona prefigurações de sentidos dos leitores-interlocutores dos textos/discursos aqui analisados, como modos de contribuir com a interpretação para não

⁸⁹ Considerações acerca da relação de aproximação entre a TAL e a TBS (pelas noções da fase *standard* TAL/TBS) que, segundo Freitas (2022), em fase de qualificação desta tese, propõe como ser relevante atenuar em nosso percurso de escrita e sustentação da hipótese de tese doutoral, lançada por nós pela lente de semantista, como uma maneira singular e peculiar de se transitar pelos pressupostos e pela análise. (FREITAS, 2022).

nos deixar levar pelas evidências de uma única significação do léxico e cair nas “armadilhas do discurso”, consideramos de extrema pertinência a aplicação das categorias teóricas da TAL- em especial: TAL- 1ª. fase da Polifonia ducrotiana (1987 -1988), da TBS *Standard* – (quadrado argumentativo - Carel e Ducrot (2005) e da TBS-Atual (Bloco Semântico e *Quase-Bloco*).

Sobre o desenvolvimento da pesquisa, delineamos a seguinte arquitetura: (i) apresentação do percurso teórico da argumentação da retórica à Teoria da Argumentação na Língua- TAL perpassando por princípios filosóficos, linguísticos estruturalista e semânticos na relação com a construção da Teoria da Argumentação da Língua. Deixamos em relevo as contribuições/interloquções do filósofo Platão e do linguista Saussure no processo de constituição da Teoria da Argumentação na Língua, visto de Ducrot; (ii) das três fases da Semântica Argumentativa (forma *Standard*, teorias da Polifonia e dos *Topoi*, e a Teoria dos Blocos Semânticos) que constituem a base teórica da Semântica da Argumentação. Dentre as fases da TAL nos apropriamos das concepções de Polifonia Ducrotiana, TBS *Standard* – (quadrado argumentativo - Carel e Ducrot (2005) e da TBS-Atual (Bloco Semântico e *Quase-Bloco*); (iii) analisamos o texto como unidade de sentido na Teoria da Argumentação da Língua (TAL); (iv) descrevemos e analisamos a significação de elementos verbais e imagens no gênero publicitário, colocando em cena as diferenças de cada versão da TAL/TBS (conforme já aventado anteriormente); (v) examinamos como se dá o funcionamento argumentativo dos conectores nos segmentos dos textos selecionados; (vi) buscamos desvelar como se dá o potencial da significação no processo de construção de sentidos, a partir da relação intralinguística, por meio da sistematização e aplicação das noções da TBS que permitiram a interpretação do texto pela descrição do discurso. Pensamos ainda as relações semânticas e argumentativas pertinentes, por meio de encadeamentos ligados por conectores *donc* e *pourtant* e similares/análogos a esses conectores pela relação combinatória de palavras como um entrelaçamento do discurso argumentativo, na perspectiva da TBS-Atual de Carel e outros colaboradores.

Partimos do pressuposto de que todo aspecto argumentativo é a formalização de um conjunto de encadeamentos argumentativos, uma apreensão de um Bloco Semântico. Sendo assim, entendemos que argumentar diz respeito à expressão de um enunciado e de seus encadeamentos, enquanto derivados que evocam seus aspectos, o sentido do enunciado.

Diante disso, refutamos o modo retórico argumentativo e os sujeitos produtores dos enunciados. É de nosso interesse o produto do enunciado, enquanto direcionamento evocado na relação locutor-interlocutor, são vozes e pontos de vista que surgem dessa relação, provocando uma continuação linguística, outros discursos. Daí, a língua por ela mesma assume relações de

sentido que resultam do confronto de diferentes vozes, ou seja, relação dialógica necessária entre si e outras vozes – o Outro, processo basilar da/na construção de sentidos.

Concebemos que as palavras estabelecem relações entre si, uma vez que possibilitam a construção de encadeamentos argumentativos, enquanto orientação linguística, pela articulação interna da língua, que nos impõe evocar sentidos outros, que as próprias palavras determinam, isto é, carregam, por meio de paráfrases e sequências de enunciados quando ligadas por conectores do tipo normativo DONC e, também por conectores transgressivos do tipo PT (CAREL; DUCROT, 2005).

Buscamos pela relação de *interdependência semântica*, com base em Carel e Ducrot (2005), a sistematização de aspectos argumentativos normativos e transgressivos pela alternância de conectores DONC e PT e introdução da negação ou não. Desse modo, pode-se constituir oito aspectos formando o quadrado argumentativo, enquanto relações desses encadeamentos, evocadas pela descrição da enunciação, tendo a língua por ela mesma enquanto materialidade linguística.

Pela análise do *corpus* selecionado, foi possível observar que nas propagandas há um efeito metafórico e parafrástico presente pela recorrência de significação de palavras e imagens, cujos sentidos produzem outros discursos, ecos, ou seja, pontos de vista do interlocutor, construídos por encadeamentos argumentativos que ora levam ao SUCESSO e ora ao FRACASSO.

Compreendemos que o *marketing* publicitário das propagandas analisadas constrói sentidos, pela imagem da mulher, enquanto ponto relacional de conquista, de um gênero de consumo, ou seja, buscar capitanear a figura feminina como interlocutor público – alvo. Isto ocorre pelos argumentos que são desencadeados na relação entre um segmento X e Y – entre A e B.

Diante disso, temos pontos de vista do interlocutor-aprendiz de inglês construídos de modo parafrástico que direcionam à seguinte interpretação do tipo normativo: “A mulher que DOMINA a Língua Inglesa, *portanto* SE DÁ BEM” – CONHECER DC TER SUCESSO. Esse discurso se dá numa relação semântica entre a linguagem verbal e a imagem. Por exemplo, a imagem da mulher na relação com as demais imagens da propaganda (que representam um conjunto de elementos visuais) nos orienta e pode ser entendida como marca linguística que constrói o sentido da relação da imagem da mulher com a rede de associações de outras imagens, evocando assim a paráfrase.

No sentido de aplicar as noções do *quase-bloco* observamos a possibilidade de realizar paráfrases não apenas com o segundo segmento do enunciado, por exemplo do texto 01, mas

contemplar também a significação de CONHECIMENTO, do primeiro segmento, que à nossa análise comporta o *quase-bloco* **CONHECIMENTO (SABEDORIA) e o quase-bloco (SABEDORIA) CONHECIMENTO** – os dois são provenientes, cada um, de dois aspectos conversos – CONHECIMENTO DC SABEDORIA; e CONHECIMENTO PT NEG SABEDORIA. O *quase-bloco* constrói/constitui assim, ambas as argumentações.

Enquanto usuários da língua, prefiguramos que nossos discursos, a partir desta pequena dimensão de se pensar o estudo da língua na e pela língua, possibilitem ao leitor-interlocutor produzir outros discursos, ou seja, que deem continuidade aos discursos acerca da análise de conectores argumentativos em outras materialidades, de maneira a desencadear possíveis respostas – um certo eco do discurso sobre a importância de estudar a língua em sua ordem própria por meio da aplicação dos conceitos da TBS, visto que por esse viés as palavras não são tomadas de modo isolado, mas pela relação com outras palavras e enunciados e, ainda, pelas possibilidades argumentativas que se abrem devido ao valor semântico que essas entidades carregam e coexistem no sentido intralinguístico.

Acerca da defesa de tese a qual propusemos aqui, de que os fundamentos da TBS, especificamente, em sua fase dos *Blocos Semânticos*, nos permitem prefigurar sentidos do discurso publicitário de cursos de inglês e a relação argumentativa *escola X e conhecimento da língua*, por meio de paráfrases como atualização da linguagem imagética e verbal, contribuindo com a compreensão e interpretação textual verificamos que, em todos os textos publicitários analisados, as relações argumentativas *escola X conhecimento da língua inglesa*, nas diferentes versões Standard/TAL (Argumento e Conclusão), polifonia/TAL, Standard/TBS quadrado argumentativo (1992- 2005) e TBS – atual, Blocos Semânticos e *quase-blocos*, os sentidos de (i) SUCESSO - NÃO SUCESSO se mantêm. E ainda, o sentido de que (ii) CONHECER DC TER SUCESSO. Vejamos (i) Falar inglês leva ao sucesso e ao não sucesso! Então, (a) Matricular-se em uma escola X DC sucesso; (b) Matricular-se em uma escola X PT NEG sucesso; (c) Não se matricular em uma escola X PT sucesso e (d) Não se matricular em uma escola X DC NEG sucesso. Um outro sentido subaz da nossa análise quando atribuímos a significação ao termo CONHECIMENTO prefigurando o sentido de que (ii) Conhecimento, portanto sabedoria!; Conhecimento, no entanto não sabedoria! Assim temos, (a) Conhecimento da língua inglesa DC sabedoria; (b) Conhecimento da língua inglesa PT NEG sabedoria; (c) Não conhecimento da língua inglesa PT sabedoria e (d) Não conhecimento da língua inglesa DC NEG sabedoria.

As palavras de Carel (2022) na relação com as palavras de Ducrot (1970, p.25) retomadas por Moraes e Cayser (2021) nos adverte sobre o aparente sentido do discurso como

uma cilada/armadilha de se deixar enganar pelo sentido linear do enunciado. Daí a extrema necessidade de trazer à tona o que Carel (2022) postula sobre tais enganos que as palavras ou expressões nos impõem quando ousamos a compreender o sentido do texto/discurso não pelas relações intralinguísticas, mas pelo sentido transparente que “às vezes as palavras evidenciam”.

Devido à essa possibilidade de se deixar enganar pelo sentido aparente do discurso é que nos moveu à aplicação das noções da TBS aos textos publicitários de escolas de idiomas, tecendo a análise por meio de uma construção teórica- metodológica, direcionando o movimento do nosso olhar, enquanto semanticista, às materialidades que se anunciavam para assim, assumir o linguístico e o imagético se reservando à descrição semântica do sentido do texto, visto como materialidade discursiva argumentativa, a enunciação. Desse modo, passamos a traduzir/atualizar pela e na língua, dentro dos princípios da TBS, as relações argumentativas *escola X conhecimento da língua inglesa*, nas diferentes versões Standard/TAL.

Sobre o papel social, nos instiga ampliar discussões em espaços de investigação que implicam o uso da e pela língua, problematizando assim a relação argumentativa produtor-leitor; língua-sentido e leitor-interlocutor.

O desenho de estudo aqui apresentado, ou seja, do diálogo que desenvolvemos no decorrer da pesquisa, atualizando o sentido do discurso de textos publicitários de escolas de idiomas via olhar semântico analítico, conforme pontuamos anteriormente, não ocorreu de modo aprofundado às fases/noções da TBS. No entanto, procurou-se mobilizar como se dá a construção do sentido do discurso, trazendo à tona possibilidades de se visualizar algumas diferenças de cada versão/fase da teoria. Com isso, reiteramos que esta pesquisa se coloca à apreciação acadêmica com a propositura de instigar novos ecos científicos que poderão ser prefigurados pelos leitores- interlocutores quando ousamos a lançar os resultados das análises empreendidas no espaço acadêmico, como uma tímida contribuição para os estudos enunciativos pelo viés da Semântica Linguística.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, J. C., DUCROT, O. *La argumentación en la lengua*. Madrid: Editorial Gredos, 1994. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/5259110/cd8cca>. Acesso em: jan.2022.

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Trad.: introdução e notas de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Pontes, 2000a. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Arist%C3%B3teles/ARIST%C3%93TELES.%20Ret%C3%B3rica%20das%20paix%C3%B5es.pdf>. Acesso em: jan.2021.

ARISTÓTELES. *Tópicos*. Ciberfil.org, 2000b. Disponível em: <https://onlinecursosgratuitos.com/24-livros-de-aristoteles-para-baixar-em-pdf/> . Acesso em: set.2021.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad.: e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. revista, Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2005. Disponível em: <https://onlinecursosgratuitos.com/24-livros-de-aristoteles-para-baixar-em-pdf/>. Acesso em: Acesso em: set. 2021.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad.: textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BARBISAN, L. B.; TEIXEIRA, M. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. **Organon**, nº. 32 - 33, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29792>. Acesso em: Acesso em: mar.2019.

BARBISAN, L. B. Semântica Argumentativa. In: FERRAREZI JR., C.; BASSO, R. (Orgs.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 19-30.

CAREL, M. Qu'est-ce qu'argumenter? In: **Revista de Retórica y Teoría de la Comunicación**. Ano 1, nº1, p.75-80, 2001a. Disponível em: <https://semanticar.hypotheses.org/files/2018/08/Carel-2001-Quest-ce-quargumenter.pdf>. Acesso em: jan.2022.

CAREL, M. Argumentation interne et argumentation externe au lexique: des propriétés différentes. In: **Langages**, 35^e année, nº142, 2001b. Les discours intérieurs au lexique, sous la direction de Amr Helmy Ibrahim. pp.10-21. Disponível em : https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2001_num_35_142_880?q=MARION+CAREL. Acesso em: jan. 2021.

CAREL, M. Argumentação interna aos enunciados. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 37, n. 3, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14222>. Acesso em: 12 jan.2022.

CAREL, M.; DUCROT, O. Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative. In: *Langue française*, nº123, 1999. Sémantique et stéréotype. pp. 6-26. **Revistas Eletrônicas**.

Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14222>. Acesso em: fev. 2022.

CAREL, M.; DUCROT, O. *La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*. Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?uid=109687710918392421986&hl=pt-BR>. Acesso em: jan. 2022.

CAREL, M. A polifonia linguística. **Letras de Hoje**, v. 46, n. 1, p. 27-36, 14 jul. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9218>. Acesso em: jan. 2022.

CAREL, M. Significação e argumentação. **Signo**, v. 42, n. 73, p. 02-20, 10 fev. 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/8579>. Acesso em: jul. 2022.

CAREL, M. La Sémantique Argumentative. In: **ABRALIN- Associação Brasileira de Linguística Aplicada** – 2020. Trad. Alena Ciulla, 2020 Disponível em:

<https://aovivo.abralin.org/lives/marion-carel/>. Acesso em: jan. 2021.

CAREL, M. Prefácio. In: LOUISE B.; CAREL M.; CORENTIN D.; Julio Cesar Machado (Orgs.). *Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021a. p.15-23. Trad.: Julio Cesar Machado. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/curso-de-semantica-argumentativa/> . Acesso em: nov. 2021.

CAREL, M. A enunciação linguística: funções textuais, modos enunciativos e argumentações enunciativas. Trad. Luiz Francisco Dias. In: LOUISE B.; CAREL M.; CORENTIN D.; Julio Cesar Machado [Orgs.] *Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021b. p. 353- 375. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/curso-de-semantica-argumentativa/>. Acesso em: nov. 2021.

CAREL, M. A pressuposição na TBS. In: LOUISE B.; CAREL M.; CORENTIN D.; Julio Cesar Machado [Orgs.] *Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021c. p. 169-179. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/curso-de-semantica-argumentativa/> . Acesso em: nov. 2021.

CAREL, M. Os quase-blocos. In: LOUISE B.; CAREL M.; CORENTIN D.; Julio Cesar Machado (Orgs)] *Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021d. p.129-138. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/curso-de-semantica-argumentativa/>. Acesso em: nov. 2021.

CAREL, M.; DUCROT, O. Atualização da polifonia. **Revista Desenredo**, v. 6, n. 1, 14 dez. 2010. p. 9-21. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1385>. Acesso em: fev. 2021.

CAREL, M.; MACHADO, J. C. “Debate sobre a Teoria dos Blocos Semânticos e a Semântica do Acontecimento: quase bloco, locutor-posição e espaço de enunciação”. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 51, n.1, p. 38- 46, jan./ mar. 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/21363> Acesso em: jul. 2017.

CAREL, M.; GOMES, L. A Semântica Argumentativa de nossos dias: questões ligadas às noções de língua, discurso, sentido e enunciação. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 80, p. 259-275, 2019. DOI <http://doi.org/10.17058/signo.v44i80.14023>. Disponível em: < <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/14023>. Acesso em: ago. 2021.

CASTRO, M. C. L. de. A estratégia discursiva original do conector “aliás”. **Moara**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 08, p. 81-94, jul.1997. Disponível em:< <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2921>. Acesso em: jul. 2022.

CEREZOLI, A. I. H. , & AZEVEDO, T. M. de. (2021). A aparência linear do discurso e suas armadilhas semânticoargumentativas. **Letrônica**. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/39741>. Acesso em: 01out. 2022.

CHAISE, M.J.C.; FREITAS, E. C. de,. Teoria dos Blocos Semânticos: Relações de sentido em uma propaganda sobre Fake News. **Revista Caderno de Letras**. Pelotas, n. 42, p.p.407-418, jan-abr.2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/20441>. Acesso em: ago. 2022.

CNA. Inglês chato ninguém merece. Disponível em: <http://agendadacidade.com.br/saomigueldoiguacu/telefone/escola-de-idiommas/cna/2620490> . Acesso em: maio 2020.

CNA. Gil do Vigor é do CNA. *Blog do CNA*. Disponível em: <https://www.cna.com.br/blog/noticias/campanha-gil-do-vigor>. Acesso em: dez.2021

CORDERO, N-L. *Du non-être à l'autre. La découverte de l'altérité dans le Sophiste de Platon*. Revue Philosophique de la France Et de l'Etranger, T. 195, No. 2, L'ALTÉRITÉ (AVRIL-JUIN 2005), pp. 175-189. Disponível em: <https://pt.booksc.eu/book/44464121/467bf0>. Acesso em: jan.2022.

DELANOY, C.P. As relações entre aspectos argumentativos: os conceitos de conversão, reciprocidade e transposição. 2021, p. 105 - 113. In: LOUISE B.; CAREL M.; CORENTIN D.; Julio Cesar Machado. (Orgs). *Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. Trad.: Julio Cesar Machado. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/curso-de-semantica-argumentativa/>. Acesso em: nov. 2021.

DE MORAES, G. B.; CAYSER, E. R. As Teorias da Argumentação na Língua e dos Blocos Semânticos: uma análise de gêneros textuais. **The ESpecialist**, [S. l.], v. 42, n. 2, 2022. DOI: 10.23925/2318-7115.2021v42i2a6. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/52358>.

DE QUADROS SCHERMACK, K.; DE FREITAS, E. As relações de sentido em anúncios publicitários: teoria da argumentação na língua e a construção de blocos semânticos. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 21, n. 1, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/3021>. Acesso em: dez.2021.

DUCROT, O. *Logique et linguistique*. 1996. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1966_num_1_2_2331. Acesso em: abr.2021.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas SP: Pontes, 1987.

DUCROT, O. *Logique, structure, énonciation. Lectures sur le langage*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989. Disponível em: <https://excerpts.numilog.com/books/9782707313102.pdf>. Acesso em: jan. 2022.

DUCROT, O. *Polifonia y argumentación*. Conferencia del seminário. Teoria da la argumentación y análisis del discurso. Universidad del Valle. Cali, 1988.

DUCROT, O. Os internalizadores. Tradução Leci Borges Barbisan. *Revista Letras de Hoje*, v. 37, nº 3, Porto Alegre, pp 7 – 26, setembro/2002. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14221/9431>. Acesso em: dez. 2021.

DUCROT, O. Prefácio. In: VOGT, C. *O intervalo semântico*. Campinas: Unicamp, p. 9-19, 2009a.

DUCROT, O. Argumentação retórica e argumentação linguística. Trad.: Leci Borges Barbisan. *Letras De Hoje*, Porto Alegre, v.44, n.1, p. 20-25, jan./mar.2009b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5648/4116>. Acesso em: set. 2017.

DUCROT, O. Argumentation rhétorique et argumentation linguistique. In: *Rhetoric and argumentation in the beginning of the XXIst century*. Coimbra, 2009c. Editora: Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/32005>. Acesso em: abr. 2021.

DUCROT, O.; TODOROV.T. *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Seuil, 1972. Disponível em: https://monoskop.org/images/5/5b/Ducrot_Oswald_Todoov_Tzvetan_Dictionnaire_encyclop%C3%A9dique_des_sciences_du_langage_1972.pdf. Acesso em: 23 de set. 2022.

EEMEREN. Prólogo. In: TOULMIN, S. E. (2003). *The uses of argument*. Updated Edition. Cambridge University Press. University of Southern California, 2003. Disponível em: http://johnnywalters.weebly.com/uploads/1/3/3/5/13358288/toulmin-the-uses-of-argument_1.>. Acesso em jan.2021.

FISK. Fisk lança campanha com atores globais. *Exame*. Disponível em: <https://exame.com/marketing/fisk-lanca-campanha-com-atores-globais/>. Acesso em: set., 2018.

FISK. QUEM SOMOS. *Sobre a Fisk*. Disponível em: < <https://www.fisk.com.br/quem-somos> >. Acesso em: nov. 2019.

Fisk lança campanha com atores globais. *Exame*. Disponível em: <https://exame.com/marketing/fisk-lanca-campanha-com-atores-globais/>. Acesso em: nov. 2019.

FISK. Centro de Ensino. Dê um play na sua vida. Faça FISK. *facebook*. Disponível em: <https://ptbr.facebook.com/fiskcentrodeensino/>> Acesso em: maio 2022.

FREITAS, E. C. de. *A teoria da argumentação na língua: blocos semânticos e a descrição do sentido no discurso*. 2006. 246 f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2114>. Acesso em: out. 2019.

FREITAS, E. C. de; SILVA, V. D. da. Argumentação na língua e blocos semânticos: relações de sentido em postagem do Facebook. **Revista Gatilho**, UFJF, v. 18, p. 15-31. out. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/27575>. Acesso em: dez. 2021.

GUIMARÃES, E. A enumeração funcionamento enunciativo e sentido. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 51, n. 1, p. 49–68, 2011. DOI: 10.20396/cel.v51i1.8637219. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637219>. Acesso em: 22 out. 2022.

GUIMARÃES, E. R. J. Aquele que diz o que não diz – uma bibliografia de Oswald Ducrot, **Entremeios [Revista de Estudos do Discurso]**, Seção Perfil biobibliográfico, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG), vol. 11, p. 167-178, jul. - dez. 2015. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/289.pdf>. Acesso em: 20 out.2022.

GOMES, L. A significação de palavras e o sentido de enunciados e de períodos argumentativos em discursos artísticos escritos: um estudo semântico prospectivo.2020. 160f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10377>. Acesso em: 22 out.2022.

GOMES, L. Enunciação, Argumentação e Sentido: Entrevista com Marion Carel. **Revista Conexão Letras**, [S. l.], v. 16, n. 25, 2021. DOI: 10.22456/2594-8962.116841. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/116841>. Acesso em: jun. 2022.

GOMES, L.; CORTIVO-LEBLER, C. D. Os conceitos de aspecto (normativo e transgressivo) e de argumentação (interna e externa). 2021, p. 89-103. In: LOUISE B.; CAREL M.; CORENTIN D.; Julio Cesar Machado. (Orgs.). *Curso de semântica argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. Trad.: Julio Cesar Machado. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/curso-de-semantica-argumentativa/>. Acesso em: nov. 2021.

GRÁCIO, R. A. “ Que fenómenos estuda a teoria da argumentação?: em que consistem as suas tarefas descritivas?”. **Revista Filosófica de Coimbra**. Vol. 17, Nº 33 (2008). DOI Google Scholar Bib Tex RTFT agged XMLRIS. Disponível em: <https://www.ruigracio.com/000pdf/00RG/RFC.pdf>. Acesso em: out. 2021.

GRÁCIO, R. A. Vocabulário de argumentação. 2015. Disponível em: < <https://www.ruigracio.com/VCA/Auditorio.htm>> Acesso em: out. 2021.

GRAEFF, Telisa Furlaneto; COSTENARO, Silvane. Análise de mal-entendidos em diálogos. **Caleidoscópio**. V. 7, n. 2 p. 155-160, mai/ago 2009. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/4867>. Acesso em: jul.2021.

KLEIN, A. E.; FORNECK, K. L. NONSENSE E IRONIA EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA ANÁLISE DA ARGUMENTAÇÃO INTERNA DO TEXTO. **Revista Destaques Acadêmicos**, [S. l.], v. 7, n. 2, jun. 2015. ISSN 2176-3070. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/462>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MACHADO, J. C. A Teoria dos Blocos Semânticos em revisão. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 25, n. 4, p. 1935-1964, ago. 2017. ISSN 2237-2083. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10477>. Acesso em: dez. 2021.

MEYER, M. Prefácio. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Trad.: introdução e notas de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000a. Disponível em: < <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Arist%C3%B3teles/ARIST%C3%93TELES.%20Ret%C3%B3rica%20das%20paix%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: jan. 2021.

Oxford Univerty Press – Oxford Learner's Dictionaries (2022). Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/hashtag?q=hashtag>. Acesso em: jul. 2022.

PAVEAU, M-A. Hashtag. In: *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*, Ed. Hermann, 2017, p. 223-238. Trad. Julia Lourenço Costa. Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas. (Orgs.). Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas, 2021.

PAVIANI, Jayme. *Escrita e linguagem em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

PLANTIN, C. Lieux communs dans l'interaction argumentative". In: C. Plantin (éd.) *Lieux Communs, topoi, stéréotypes, clichés*, Paris: Kimé, 1993c. Disponível em: <http://www.icar.cnrs.fr/pageperso/cplantin/documents/1993c.doc>. Acesso em: out. 2021.

PLANTIN, C. *Situação dos Estudos de Argumentação: de deslegitimações a reinvenções*. In: *A argumentação*. São Paulo, Parábola, 2008.

PLANTIN, C. Análise e crítica do discurso argumentativo. Trad.: Rodrigo dos S. Mota, Sébastien G. Giancola; Thaise A. dos Santos. Rev. Trad.: Moisés Olímpio-Ferreira; Sérgio I. Levemfous. In: *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.1, p. 17-37, nov. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/365/371>. Acesso em: out. 2021.

PLANTIN, C. La argumentación. História, Teorias, Perspectivas. Anclajes [Internet]. 2012; XVI (2): 102-104 In: WARLEY, Jorge. Traducción de Nora Isabel Muñoz, prólogo de Roberto Marafioti Buenos Aires, Biblos, *Ciencias del lenguaje*, 2012, 114 páginas. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=22435829009>. Acesso em: out. 2021.

PLANTIN, C. Dictionnaire de l'argumentation: une introduction conceptuelle aux études d'argumentation, Plantin, 2020. Dicionário de Argumentação: Uma Introdução Conceitual aos Estudos de Argumentação – *ABRALIN*. (Tradução disponibilizada pela Associação Brasileira de Linguística – *ABRALIN*). Vídeo da live realizada em 26/10/2020, 13: 00 (UTC) 26/10/2020,

10:00 (BRT). Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/en/lives/christian-plantin-2/>. Acesso em: jan. 2020.

PLATÃO. *O Sofista*. Trad.: Carlos Alberto Nunes. Versão eletrônica, 2003. Créditos da digitalização: Juscelino D. Rodrigues. Fonte Digital: Site “O Dialético” .Disponível em: <https://institutoelo.org.br/site/files/publications/c3ce95f2ea7819533050e2effd5b652d.pdf>. Acesso em: abr. 2021.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad.: Maria de Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.653p.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E.C. de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: jan. 2022.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/acesar/>. Acesso em: set. 2021.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein Cultrix, São Paulo: 2003.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

TOULMIN, S. E. (2003). *The uses of argument*. Updated Edition. Cambridge University Press. University of Southern California, 2003. Disponível em: http://johnnywalters.weebly.com/uploads/1/3/3/5/13358288/toulmin-the-uses-of-argument_1.>. Acesso em jan.2021.

WISE UP. Fernanda Lima é a voz da consciência de quem não sabe falar inglês. *Meio Mensagem*. Disponível em: <https://www.meioensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2017/01/09/fernanda-lima-e-a-voz-da-consciencia-de-quem-nao-sabe-ingles.html> . Acesso em: set. 2017.

WISE UP. FERREIRA, M. GKPB. com.br. Wise Up aposta em comercial impactante com Fernanda Lima. 09. jan. 2017. Disponível em: <https://gkpb.com.br/17631/comercial-wise-up/>. Acesso em: out. 2020.

WISE UP. Disponível em: <https://gkpb.com.br/17631/comercial-wise-up/>. Acesso em: maio de 2022.

WISE UP. #wiseup #diadacoragem #coragem. Coragem é uma decisão. Disponível em: Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/wiseup/>. Acesso em: maio de 2022.

WISE UP. Fernanda Lima é a voz da consciência de quem não sabe falar inglês. *Meio Mensagem*. Disponível em: <https://www.meioensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2017/01/09/fernanda-lima-e-a-voz-da-consciencia-de-quem-nao-sabe-ingles.html>. Acesso em: jan. 2022.